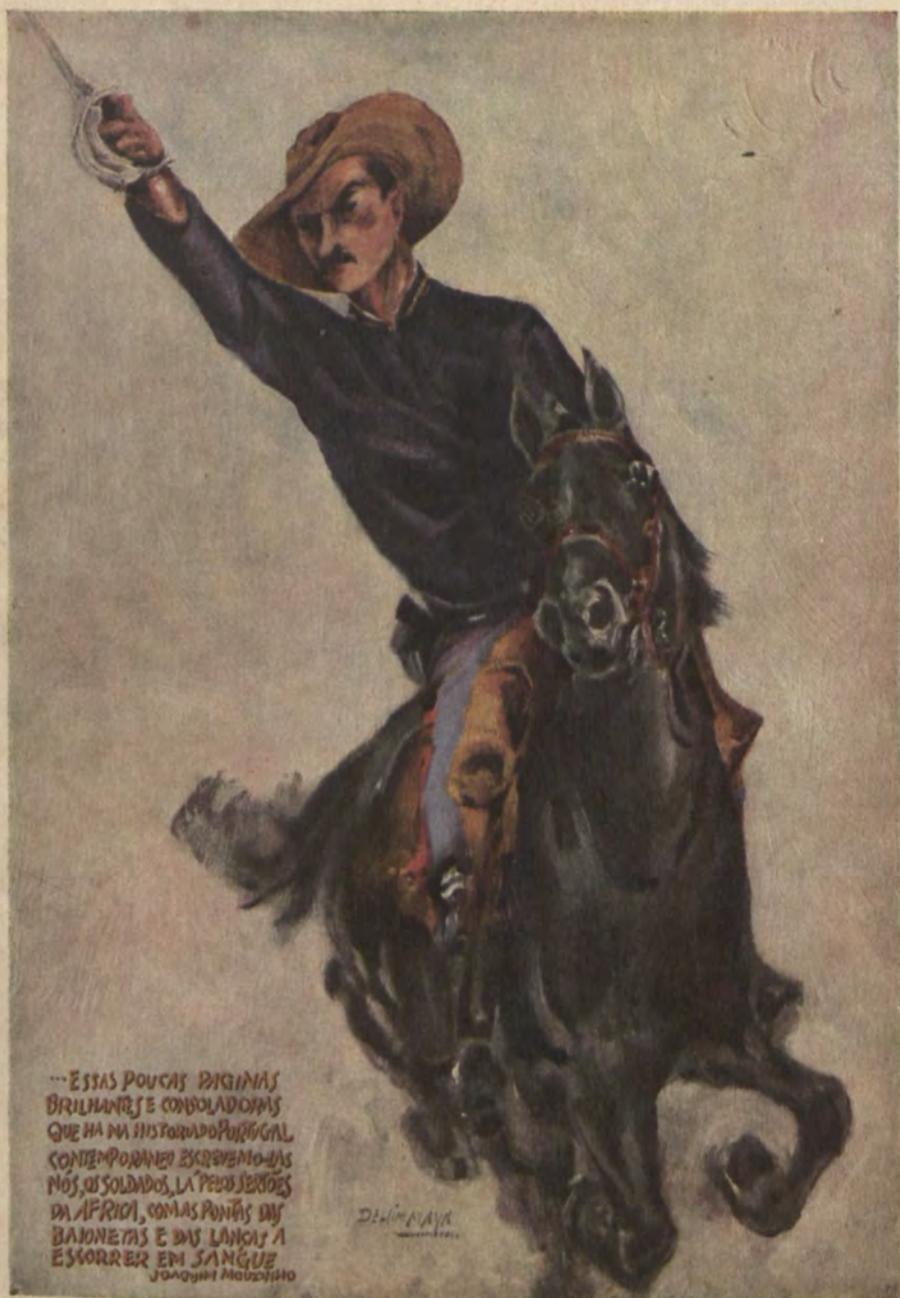


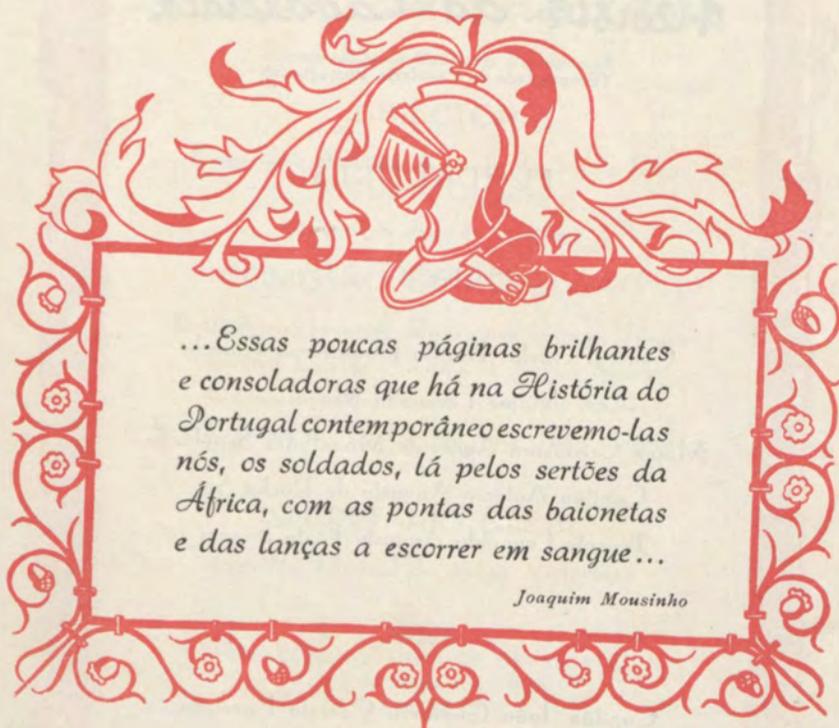
112

Revista da Cavalaria



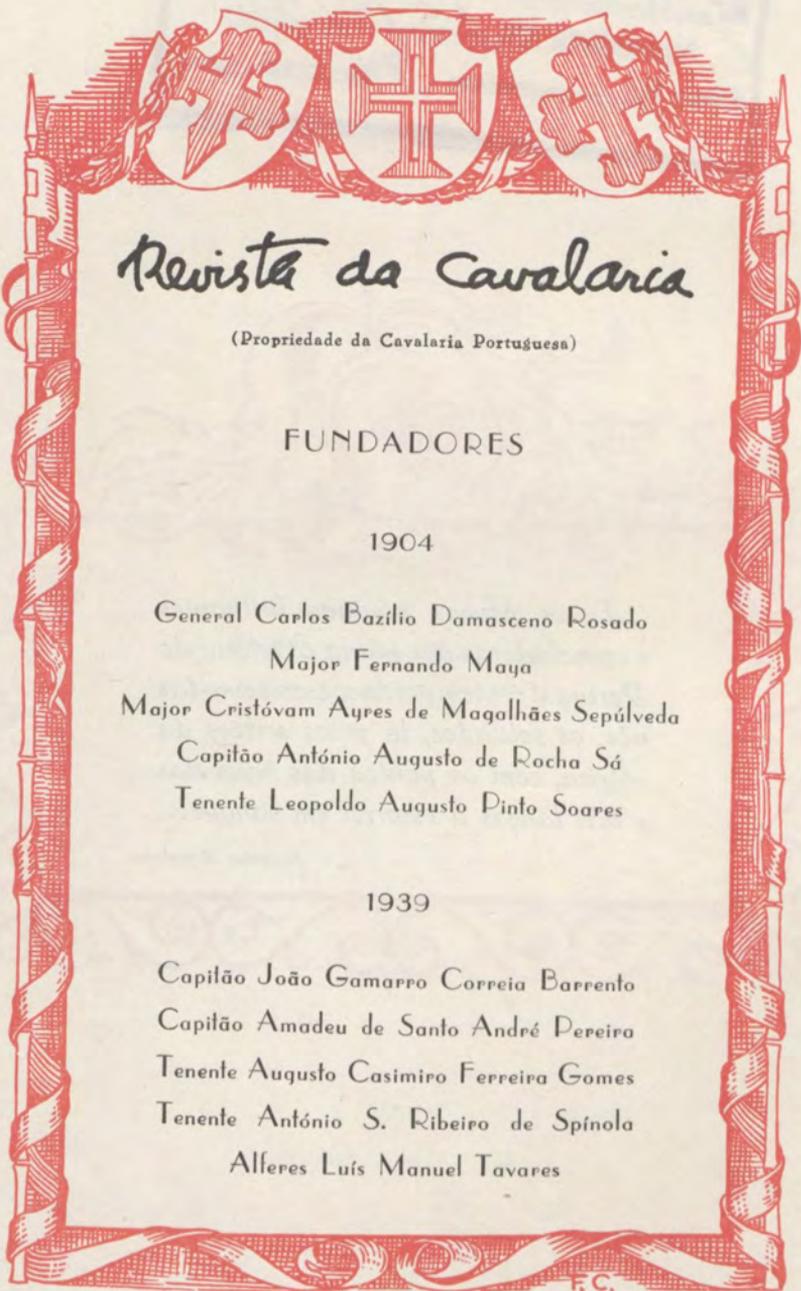
ANO DE 1961

BIBLIOTECA DO EXERCITO
(ANEXO BIBLIOTECA DO E. M. E.)
N.º 1204 QUANTO 15/5/1957
Adquirido em 15/5/1957
Livro N.º _____ Pag. _____



...Essas poucas páginas brilhantes e consoladoras que há na História do Portugal contemporâneo escrevemo-las nós, os soldados, lá pelos sertões da África, com as pontas das baionetas e das lanças a escorrer em sangue...

Joaquim Mousinho



Revista da Cavalaria

(Propriedade da Cavalaria Portuguesa)

FUNDADORES

1904

General Carlos Bazilio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristóvam Ayres de Magalhães Sepúlveda

Capitão António Augusto de Rocha Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

1939

Capitão João Gamarro Correia Barrento

Capitão Amadeu de Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares



Revista da Cavalaria

(Propriedade da Cavalaria Portuguesa)

DIRECTOR

Brigadeiro António Augusto de Sousa Dias
Ribeiro de Carvalho

(Director da Arma de Cavalaria)

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Brigadeiro Joaquim Rodrigues Gomes Júnior
Coronel Carlos Alberto de Serpa Soares
Coronel António José Ramalho Xavier
Ten. Coronel do C. E. M. José João Henriques
de Avellar

SECRETÁRIO GERAL

Capitão Manuel de Sousa Victoriano

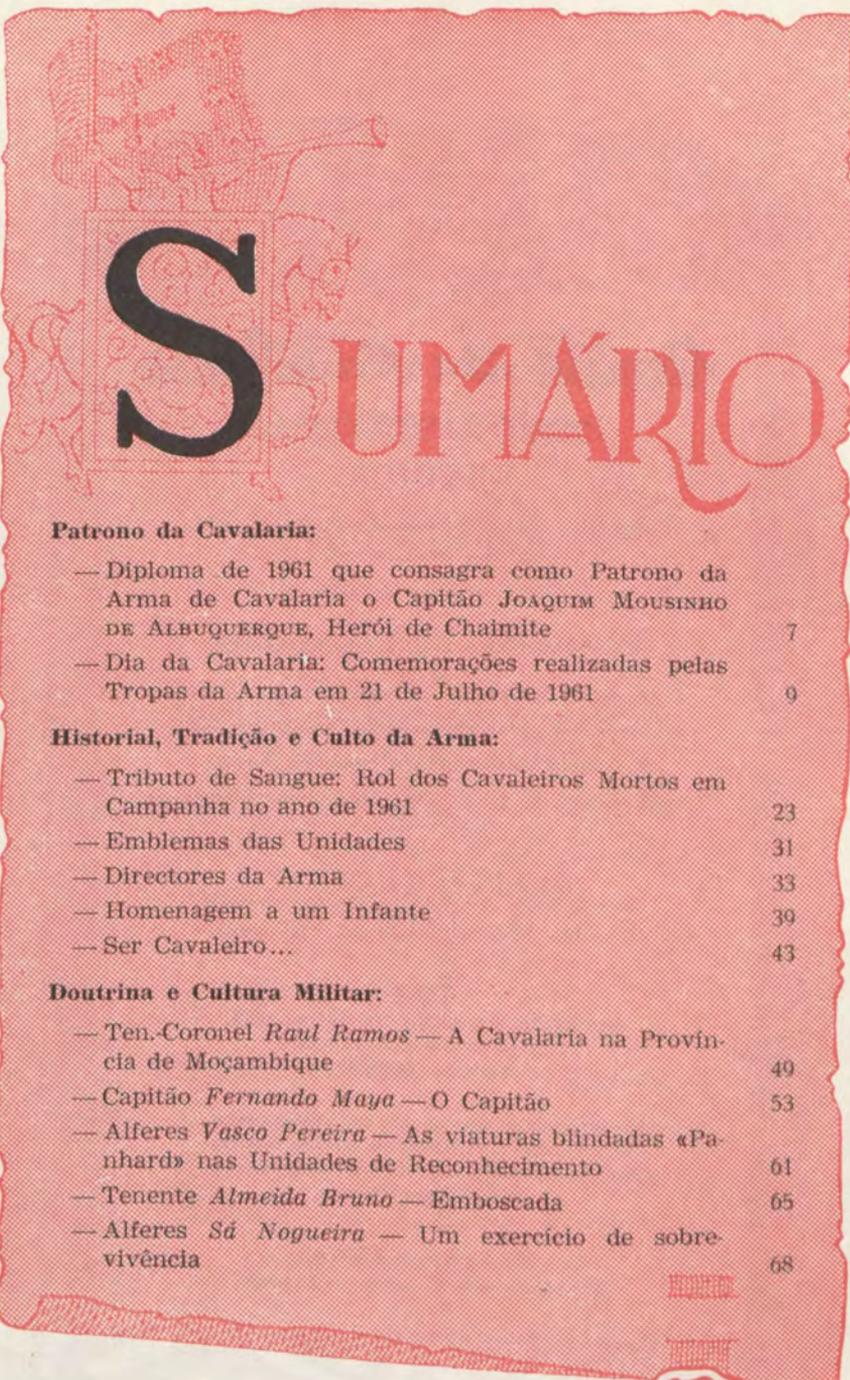
SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA
Largo da Graça — LISBOA
Telefone 86 75 87

Composto e impresso na Tipografia
da Liga dos Combatentes da Grande Guerra,
sob a Direcção de Mestre Tipógrafo
José Ludgero Oliveira

Preço: 25\$00

(Subsidiado pelo Ministério do Exército)



SUMÁRIO

Patrono da Cavalaria:

- Diploma de 1961 que consagra como Patrono da Arma de Cavalaria o Capitão JOAQUIM MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, Herói de Chaimite 7
- Dia da Cavalaria: Comemorações realizadas pelas Tropas da Arma em 21 de Julho de 1961 9

Historial, Tradição e Culto da Arma:

- Tributo de Sangue: Rol dos Cavaleiros Mortos em Campanha no ano de 1961 23
- Emblemas das Unidades 31
- Directores da Arma 33
- Homenagem a um Infante 39
- Ser Cavaleiro... 43

Doutrina e Cultura Militar:

- Ten.-Coronel *Raul Ramos* — A Cavalaria na Província de Moçambique 49
- Capitão *Fernando Maya* — O Capitão 53
- Alferes *Vasco Pereira* — As viaturas blindadas «Panhard» nas Unidades de Reconhecimento 61
- Tenente *Almeida Bruno* — Emboscada 65
- Alferes *Sá Nogueira* — Um exercício de sobrevivência 68



— Alferes <i>Santos Campos</i> — Patrulha Nocturna	74
— Tenente <i>Almeida Bruno</i> — Reconhecimento Armado	79
— Alferes <i>João Garoupa</i> — Uma acção algures no Ultramar	82
— Alferes <i>Paixão</i> — Emboscada Nocturna	86

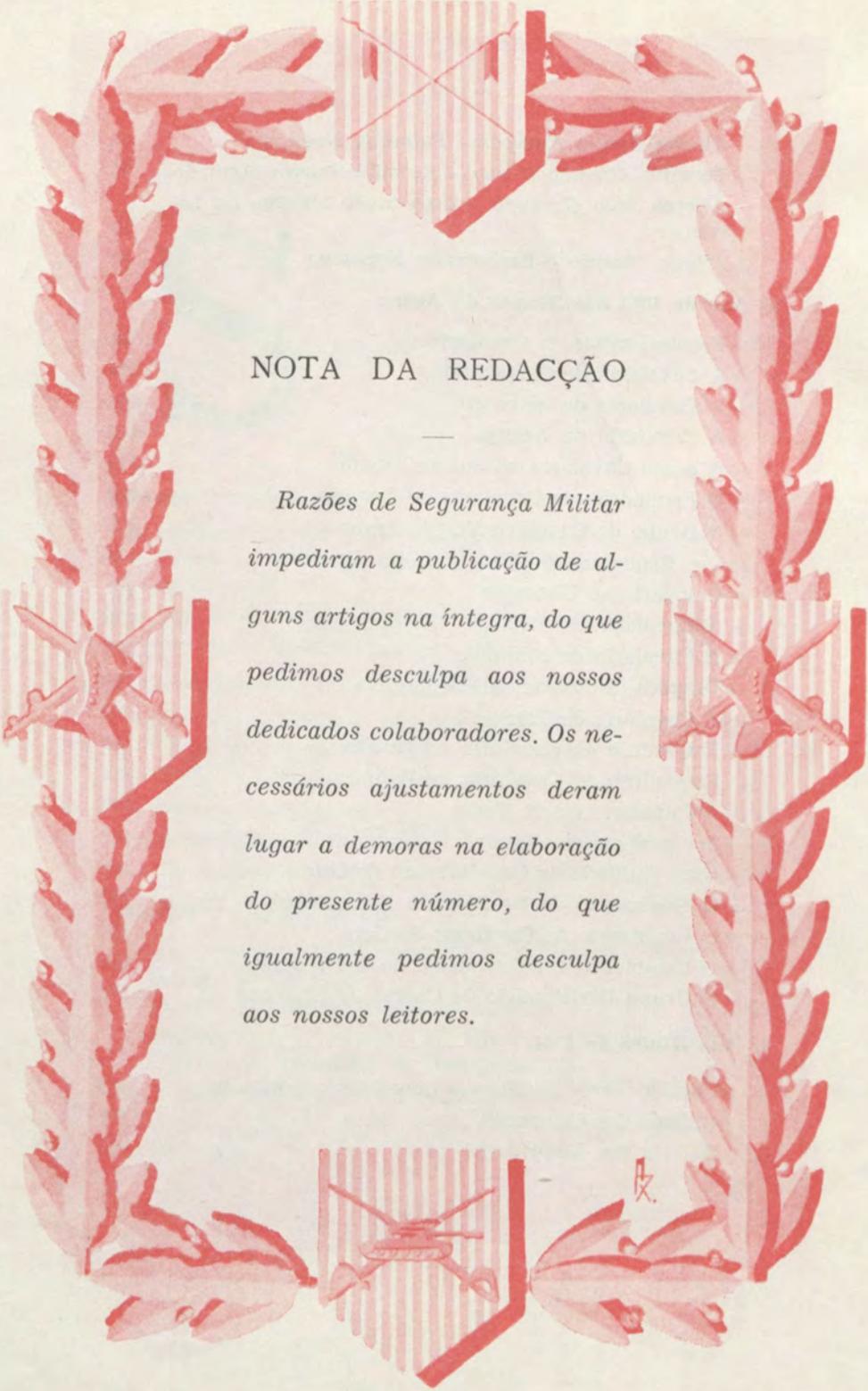
O Ano de 1961 nas Tropas da Arma:

— Escola Prática de Cavalaria	93
— A Cavalaria de Camabatela	104
— A Cavalaria de Malange	108
— A Cavalaria de Negage	114
— A nossa Cavalaria no Sul de Angola	119
— O Esquadrão de Cavalaria de Luanda	123
— O Grupo de Cavalaria de Chicamba	125
— Um Esquadrão de Cavalaria em Angola	128
— Cavalaria no Ultramar	131
— A Cavalaria da Beira	136
— A Cavalaria de Nampula	139
— Dragões de Lourenço Marques	143
— A Cavalaria de Tete	149
— Esquadrão de Cavalaria na Guiné	151
— Esquadrão de Cavalaria de Bafatá	154
— A Cavalaria em S. Tomé	160
— A Cavalaria em Timor	162
— Uma Unidade de Cavalaria no Oriente	166
— O Regimento de Dragões de Entre-Douro e Minho	169
— O Regimento de Cavalaria do Cais	173
— O Regimento dos Cavaleiros da Beira-Baixa	175
— O Grupo Divisionário de Carros de Combate	178

O Ano Hípico de 1961:

— Capitão <i>Jorge Mathias</i> — Comentário noticioso	183
— Galeria dos Campeões	191
— Galeria dos Vencedores	193





NOTA DA REDACÇÃO

Razões de Segurança Militar impediram a publicação de alguns artigos na íntegra, do que pedimos desculpa aos nossos dedicados colaboradores. Os necessários ajustamentos deram lugar a demoras na elaboração do presente número, do que igualmente pedimos desculpa aos nossos leitores.

Revista da Cavalaria

ANAIS DA CAVALARIA PORTUGUESA

Ano de 1961

PATRONO DA CAVALARIA



O ANO DE MCMLXI, SENDO MINISTRO DO EXÉRCITO O SENHOR BRIGADEIRO MÁRIO JOSÉ PEREIRA DA SILVA, HOUE SUA EXCELENCIA POR BEM, POR DESPACHO DADO AOS 22 DIAS DO MÉS DE MAIO SOBRE PROPOSTA FORMULADA PELA DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA, MANDAR CONSIDERAR COMO PATRONO DA ARMA DE CAVALARIA, A FIGURA DO CAPITÃO DE CAVALARIA JOAQUIM AUGUSTO MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, HERÓI DE CHAIMITE, E CONSAGRAR COMO DIA DA ARMA DE CAVALARIA A DATA GLORIOSA DE 21 DE JULHO, ANIVERSÁRIO DO COMBATE DE MACONTENE.

(«Ordem do Exército» n.º 6, 1.ª série, de 31 de Maio de 1961)



JOAQUIM MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

10-XII-1855 ♦ 8-1-1902

Oficial da Real Ordem Militar de S. Bento de Aviz

Medalha de Ouro da Classe de Valor Militar

Medalha de Prata «Rainha D. Amélia»

Medalha de Ouro «Rainha D. Amélia»

Medalha de Ouro da Classe de Serviços Distintos no Ultramar
«Feito heróico de Chaimite, prisão do Gungunhana»

Comendador da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada,
de Valor, Lealdade e Mérito

Grande Oficial da Antiga e Muito Nobre Ordem da Torre e Espada,
de Valor, Lealdade e Mérito

Medalha de Ouro da Classe de Valor Militar

Medalha de Ouro da Classe de Serviços Distintos no Ultramar
«Operações de guerra do Distrito de Giza, 1897»

Comendador da Real Ordem Militar de S. Bento de Aviz

2.ª Classe da Ordem da Águia Vermelha da Prússia, com Espadas

Comendador da Ordem de S. Miguel e S. Jorge, de Inglaterra

Oficial da Legião de Honra, de França

Comendador da Ordem de S. Maurício e S. Lázaro, de Itália

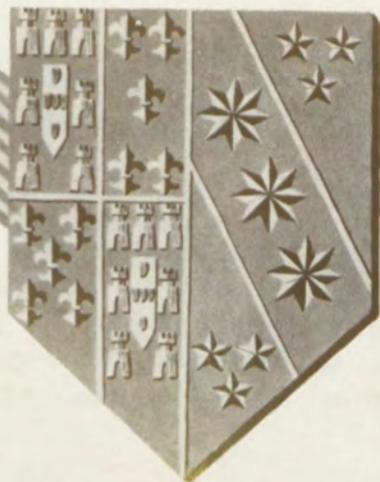
Comendador da Ordem de Leopoldo I, da Bélgica

Comendador da Ordem de Carlos III, de Espanha



Joaquim Mousinho

1899



R.

Dia da Cavalaria



No dia 21 de Julho de 1961 tiveram lugar, em todo o País, as solenes Comemorações do «Dia da Cavalaria Portuguesa».

Na cidade de Lisboa, as Comemorações foram organizadas pela Direcção da Arma de Cavalaria, nelas cooperando as Tropas da Arma aquarteladas na Capital e o Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana. Editado sob o título *Dia da Cavalaria Portuguesa*, um pequeno folheto contendo a biografia resumida do Patrono da Arma e um extracto da obra *A Marinha nas Campanhas de Moçambique*, do Excelentíssimo Almirante Almeida

Henriques, foi enviado a todas as Unidades, da Metrópole e do Ultramar, para distribuição individual; a rematada rapidez com que teve de ser feita a edição, resultou nalgumas deficiências, que a compreensão de todos releva.

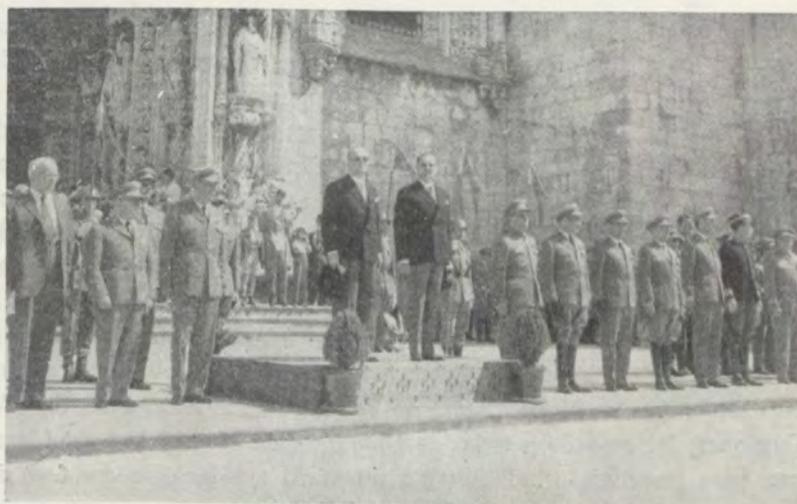
O Jornal *O Século*, de 22 de Julho de 1961 refere-se às Cerimónias realizadas em Lisboa, em primeira página, nos seguintes termos:

A Cavalaria Portuguesa honrou a memória de Mousinho de Albuquerque, seu Glorioso Patrono

Se o que faz uma Grande Nação não é o seu tamanho, nem a sua riqueza, mas o seu Povo e o Espírito que o anima, não se poderia ter evocado, na hora que passa como melhor símbolo desse Espírito, a figura de Mousinho de Albuquerque, símbolo da nossa integridade territorial, que a Cavalaria Portuguesa ontem celebrou como seu Digno Patrono.

Revista da Cavalaria

O Dia da Cavalaria, que coincide com o aniversário do combate de Macontene, foi assim ontem comemorado em todo o País, revestindo-se os actos realizados em Lisboa de grande luzimento, nomeadamente aqueles que tiveram a presença dos Senhores Ministro e Subsecretário do Exército. Entre esses destacou-se uma grande concentração de forças de Cavalaria na Praça do Império. Nela participaram três grupos de forças apeadas, um a cavalo, um motorizado e um blindado, dos Regimentos de Lanceiros 2, de Cavalaria 7 e da Guarda Nacional



O Ministro do Exército e restantes entidades presentes assistem ao desfile das tropas em parada

Republicana, sob o comando do Senhor Tenente-Coronel António Spínola.

Quando o Senhor Brigadeiro Mário Silva chegou foi recebido pelos Senhores Subsecretário do Exército; General Luís de Pina, Chefe do Estado-Maior do Exército; General Buceta Martins, Comandante da Academia Militar; Segundo-Comandante do Governo Militar de Lisboa, Brigadeiro Buceta Martins; Brigadeiro Ribeiro de Carvalho, Director da Arma de Cavalaria; e Comandantes e Oficiais das Unidades de Lisboa. Ouviu-se então o Hino do Exército, executado pela Banda de Infantaria 1, após o que o Senhor Ministro do Exército passou revista às forças.

Revista da Cavalaria

Seguidamente, o Senhor Tenente-Coronel Reimão Nogueira, Comandante do Regimento de Cavalaria 7, proferiu uma vibrante alocução exaltando a figura de Mousinho e os feitos da Cavalaria Portuguesa. Dirigindo-se aos Soldados e citando aquela grande figura de Comandante e de Administrador do nosso Ultramar, o orador disse: «Tudo se suporta de boamente porque se serve a Pátria e para outra coisa não anda



Desfile da Cavalaria da G. N. R.

neste Mundo quem tem a honra de vestir uma farda. Somos poucos, somos pequenos. Que importa? No campo restrito em que operamos e com os poucos recursos de que dispomos, não fizemos nem menos nem pior do que outros, bem mais ricos e poderosos». E a terminar, afirmou: «Nós seremos Soldados como os de Mousinho. Não faremos menos e não receberemos confrontos, nem em valentia, nem em portuguesismo. Honra e Glória à Cavalaria. Viva Portugal!».

Finda a alocução, os Membros do Governo e restantes individualidades foram colocar-se em frente dos Jerónimos, donde assistiram ao desfile das Tropas em parada.

Revista da Cavalaria

Cerca das doze horas, os Oficiais presentes às cerimónias na Praça do Império estiveram no Cemitério dos Prazeres, tendo ali sido colocado, na campa de Mousinho de Albuquerque, um ramo de flores.

De tarde foi projectado, no cinema Restelo, o Filme «Chaimite», projecção precedida de um discurso pelo Comandante do Regimento de Lanceiros 2. Na mesma altura, uma deputação de Soldados, em representação dos seus Camaradas de todas as Unidades de Cavalaria, fez entrega à Cruz Vermelha



Os «carros» desfilando

Portuguesa do produto de subscrições realizadas a favor das vítimas de Angola e que renderam 15.736\$00.

Dignaram-se honrar com a sua presença as Cerimónias realizadas na Praça do Império, além das citadas na transcrição, numerosas Entidades entre as quais se viram os Senhores General Silveira Machado, Director-Geral da Instrução; Generais Narciso de Souza, Pais de Ramos e Raul Martinho, antigos Directores da Arma; os Senhores Brigadeiros Albertino Margarido, Director dos Serviços de Justiça e Disciplina, e João Soares Zilhão; os Senhores Coronéis José Mouzinho e Rogério Tavares, antigos Comandantes de Unidades da Arma, e Almeida Fernandes, antigo Ministro do Exército e Comandante do Regimento de

Revista da Cavalaria

Cavalaria do Cais; os Senhores Comandante e Officiais do Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos; os Senhores Tenente-Coronel Abreu Campos, Tenente-Coronel Carlos Botelho, Chefe do Serviço de Preboste, e Tenente-Coronel Homero Matos, Director da Polícia Internacional e de Defesa do Estado; os Senhores Dr. Lourenço Casal Ribeiro e Rogério de Macedo; muitos Officiais, grande número de Civis, etc.

Em 25 de Julho de 1961 foi recebido na Direcção da Arma de Cavalaria, a seguinte comunicação vinda da Repartição do Gabinete do Ministério do Exército:

«Encarrega-me Sua Excelência o Ministro do Exército de transmitir a V. Ex.ª que, após ter assistido às Cerimónias Militares comemorativas do «Dia da Cavalaria», é com satisfação que felicita essa Direcção da Arma de Cavalaria, pelo brilhantismo e dignidade que soube imprimir às referidas Cerimónias, pelo aprumo e brio militares demonstrado pelas Tropas em parada e, ainda, especialmente, pelo garbo e distinção com que todos os elementos desfilaram, no que foram impecáveis. E também pela maneira cuidada até à irrepreensibilidade, como todo o material se apresentou e desfilou, no que sob todos os aspectos, causou a mais agradável impressão e demonstrou o sempre notável espírito da Arma, que no momento presente tem especial valor incutir e exaltar, factos que se vê, mereceram especial atenção a essa Direcção da Arma e que com muito apreço distingue.»

*

*

*

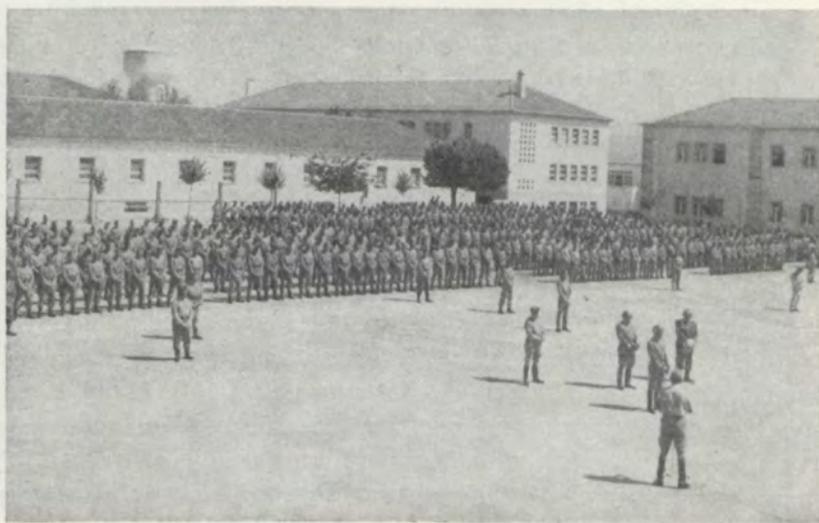
Na Escola Prática de Cavalaria, o «Dia da Cavalaria» foi solenemente comemorado com as cerimónias do anterior previstas; perante formatura geral das Tropas, o Senhor Capitão Duarte Silva proferiu uma brilhante alocução, de que extraímos as seguintes passagens:

«Mousinho foi um cavaleiro que teve a paixão da sua Arma e que reunia em si as principais virtudes que caracterizam a Cavalaria, a coragem, a decisão, a audácia e o sangue-frio.»

Revista da Cavalaria

«Em 1892 regressou à Metrópole e foi convidado pelo Ministro da Guerra a expor as suas ideias: não era impossível bater-se o Gungunhana, como muita gente supunha, mas, para isso a Cavalaria devia ir a Africa, pois que o seu efeito seria devastador devido à surpresa e à velocidade com que poderia actuar.»

«..... às três da manhã levantou o bivaque e marchou, ou melhor dito, correu direito a Chaimite viu uns pre-



Na Escola Prática de Cavalaria

tos a menos de dez metros, de espingarda apontada, mas carregou de espada desembainhada...»

«Estava em Macontene e, por capricho do destino, era a cerca de dez quilómetros de Chaimite que se iria escrever uma das mais belas páginas da história»

«Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque foi um Cavaleiro e como tal, teve sempre a aspiração máxima, tanto na guerra como na paz, da elevação da Pátria. Sigamos o seu exemplo, lutando onde quer que seja e da maneira que for preciso, pelo engrandecimento de Portugal e assim nos faremos dignos do nosso Patrono.»

Revista da Cavalaria

Terminada a alocução, as Tropas desfilaram em continência, assim se concluindo as cerimónias essenciais, que se desenrolaram na evocadora «Parada Chaimite».

*

*

*

No Regimento de Lanceiros de Elvas, o Capitão Bahia dos Santos proferiu uma alocução alusiva ao acto, perante uma formatura das Tropas, realizada pelas onze horas; à noite teve lugar um Sarau a que assistiram os Officiais, Sargentos e Praças, numerosos convidados, pessoas das famílias de militares da Guarnição, etc.

Na sua alocução, o Senhor Capitão Bahia dos Santos afirmou:

«Verdadeiro Militar e Chefe, Mousinho demonstrou em todos os aspectos da sua actividade ser um carácter recto, leal, corajoso e, acima de tudo, possuir uma integridade congruente com a sua alma de Patriota.»

«À frente de quarenta e oito Praças, aprisionou o Régulo Gungunhana, no meio de três mil guerreiros vátuas, em 28 de Dezembro de 1895; não foi uma mania, uma ideia egoísta de renome; foi uma operação necessária, raciocinada e lógica. A mestria na execução não foi inferior ao escrúpulo com que fora pensada; isso a torna uma obra prima, no género, e revela o Homem.»

*

*

*

Em Estremoz, o Comando do Regimento de Dragões de Olivença organizou uma formatura geral das Tropas, que desfilaram perante o retrato de Mousinho de Albuquerque ladeado por uma guarda de honra; mais tarde, aquele retrato foi solenemente colocado no átrio principal da Escadaria Nobre do Quartel e, em seguida realizou-se um interessante festival desportivo-militar. A todas estas cerimónias assistiram as Autoridades Civas e Eclesiásticas locais, numerosos convidados e muita população civil.

Revista da Cavalaria

Perante a Formatura, o Senhor Alferes Osório de Barros proferiu uma entusiástica alocução, em que homenageou o Patrono da Arma, «que foi Militar brilhante da nossa Cavalaria, glória da Pátria que o deitou ao mundo... e modelo de todos os que servem na carreira das armas». Depois de relatar os mais importantes passos da epopeia de Mousinho, o orador terminou as suas palavras com a seguinte exortação:

«Esta é a lição da vida de Joaquim Mousinho de Albuquerque, que se encontra escrita a letras de ouro nas páginas



O retrato de Mousinho

da História Militar e Administrativa de Portugal. As acções praticadas em toda a sua vida foram Grandes, mesmo das Maiores da nossa História, mas ao mesmo tempo, simples, despidas de vaidades e dirigidas a todos nós, dos maiores aos mais humildes. Guardemo-las na nossa memória, a fim de as aplicarmos ao conduzir os actos do dia a dia da nossa vida. Creio que será esta, certamente, a melhor homenagem que à sua memória poderemos prestar.»

Revista da Cavalaria

O Regimento de Cavalaria do Porto, dos Dragões de Entre-Douro e Minho formou na sua máxima força, para prestar as honras regulamentares à Bandeira Nacional, hasteada ao meio-dia; o Senhor Capitão Chaves Guimarães fez seguidamente uma brilhante alocução alusiva ao acto, após o que as tropas desfilaram em continência.

Disse o orador:

«..... a figura gloriosa de Mousinho há muito tinha sido eleita pelos nossos corações, como símbolo das Virtudes da Cavalaria e das mais brilhantes qualidades militares.»;

que continua:

«..... Gungunhana, a seu bel-prazer, arrazava e incendiava as povoações, roubava os gados, talava os campos; outras Nações cobiçavam os nossos territórios e preparavam-se para intervir, a pretexto da nossa impotência para garantir a segurança; É então que Mousinho resolve realizar aquilo que sonhava há muito tempo: a prisão de Gungunhana!! Entrou resolutamente no acampamento, aproveitando a surpresa, obrigou o rei negro a sentar-se no chão, perante ele, e prende-o. Era a derrocada do império vátua.»;

para terminar com esta exortação:

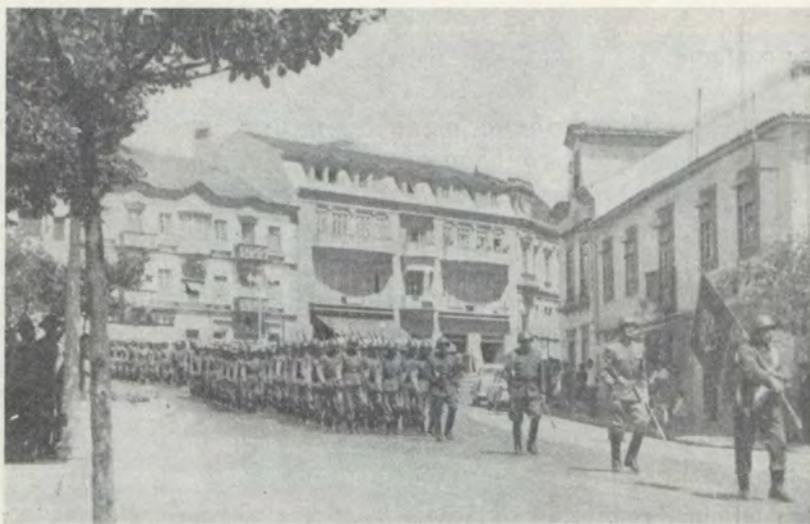
«Soldados!! Nesta hora grave da vida da Nação, em que voltam a adensar-se as ameaças e ambições das grandes Potências interessadas na saída de Portugal da África, aprendei a lição do Capitão Imortal, que com minguados recursos e em ambiente desfavorável, a golpes de audácia e de bravura, soube afirmar bem alto a capacidade das Forças Armadas para realizarem a política ultramarina da Nação Portuguesa. Ele foi a incarnação do Espírito Cavaleiro, das virtudes que têm de couraçar a nossa alma de Militares. Exemplo vivo de coragem e de abnegação, de audácia e de bravura, indica-nos o caminho que, ao serviço da Pátria, o Soldado tem de percorrer para transformar o Homem que é, no Herói que a Pátria lhe pede para ser!»

Revista da Cavalaria

Os Cavaleiros da Beira Baixa festejaram, na sua cidade de Castelo Branco, com desusada solenidade e brilhantismo, o Dia da Cavalaria.

Cerca das onze e meia, com o seu aquartelamento vistosamente engalanado, foi hasteada a Bandeira Nacional com as honras prestadas por toda a Unidade, em formatura geral, com a distinta assistência das autoridades eclesiásticas e civis locais, convidados e muita população, que distingue o seu Regimento com elevadíssimo apreço.

O Senhor Alferes Sousa Escada proferiu uma patriótica alocução sobre a figura épica de Mousinho, de quem traçou a biografia pondo



Os Cavaleiros da Beira Baixa

em destaque a sua forte personalidade, como Homem, como Militar e como ilustre Governador do Ultramar e terminando por dirigir aos presentes uma vibrante exortação. Das suas inesquecíveis palavras destacamos as seguintes passagens:

«..... que cada um de nós abra bem, de par em par, as portas do coração, para que nele entrem profundamente os altos ideais de bem obedecer, de bem servir e de bem seguir as suas virtudes, as de todos aqueles que, hoje em Angola, como ontem em Chaimite, em Marracuene e em Macontene, se cobrem de glória lutando pela mesma Pátria e com a

Revista da Cavalaria

mesma Fé, contra os mesmos inimigos em Mucaba ou em Carmona — onde, enfim, nossos legítimos e honrados direitos estejam em causa.»

«..... as Pátrias, tal como os Homens, nascem, vivem e morrem,; Portugal só poderá morrer no dia impossível em que o nosso amor por Ele se apague em nossos corações e em que o Ideal pereça na egoística luta das ambições mesquinhas. as Pátrias vivem dos feitos heróicos daqueles que abnegadamente se lhes sacrificam e eternizar-se-ão na Glória e na Fé dos magníficos sonhos das suas Grandezas!»

Em seguida, os cavaleiros de Castelo Branco desfilaram pelas ruas da cidade precedidos pelo seu Guião, tendo prestado continência ao Comandante Militar local.

*
* *

O Grupo Divisionário de Carros de Combate formou, na sua máxima força na manhã de 21 de Julho, prestou as honras da praxe à Bandeira Nacional e desfilou seguidamente, depois de ter ouvido uma notável alocação comemorativa do Dia da Cavalaria, data que, disse o orador, «... evoca todas as epopeias que a Cavalaria tem escrito com rasgos de bravura sem par...», e cria, fortalece e impõe às nossas indomáveis vontades de Cavaleiros de antes quebrar que torcer, «... uma Fé inabalável nos imperiosos destinos da nossa Arma e no propósito firme e decidido em que estamos, de a servir com todo o nosso saber, com todas as nossas possibilidades, com todo o sagrado Amor das nossas Almas».

Depois de apresentar uma elegante síntese da exemplar vida de Joaquim Mousinho de Albuquerque, o Senhor Capitão Luiz Casquilho afirmou que:

«Nesta época crucial da nossa História, em que uma vez mais as nossas terras africanas precisam do esforço e do sangue dos nossos Soldados, mais do que nunca o espírito de Mousinho tem de estar presente na alma e nas intenções dos Cavaleiros; hoje, como ontem, uma grande obra espera pela

Revista da Cavalaria

Cavalaria Portuguesa naquelas longínquas paragens — mas também desta vez, tal como em 1895, a Cavalaria tem que lutar pelo seu sagrado direito à luta, e na primeira fileira; e assim como Mousinho lutou para levar a sua Cavalaria aos campos de Moçambique, e levou, assim também nós outros, Cavaleiros de hoje, temos de lutar para levarmos a Nossa Cavalaria aos campos de Angola. Essa será a nossa luta por essa sublime Arma que, para chegar à Glória, tem de começar

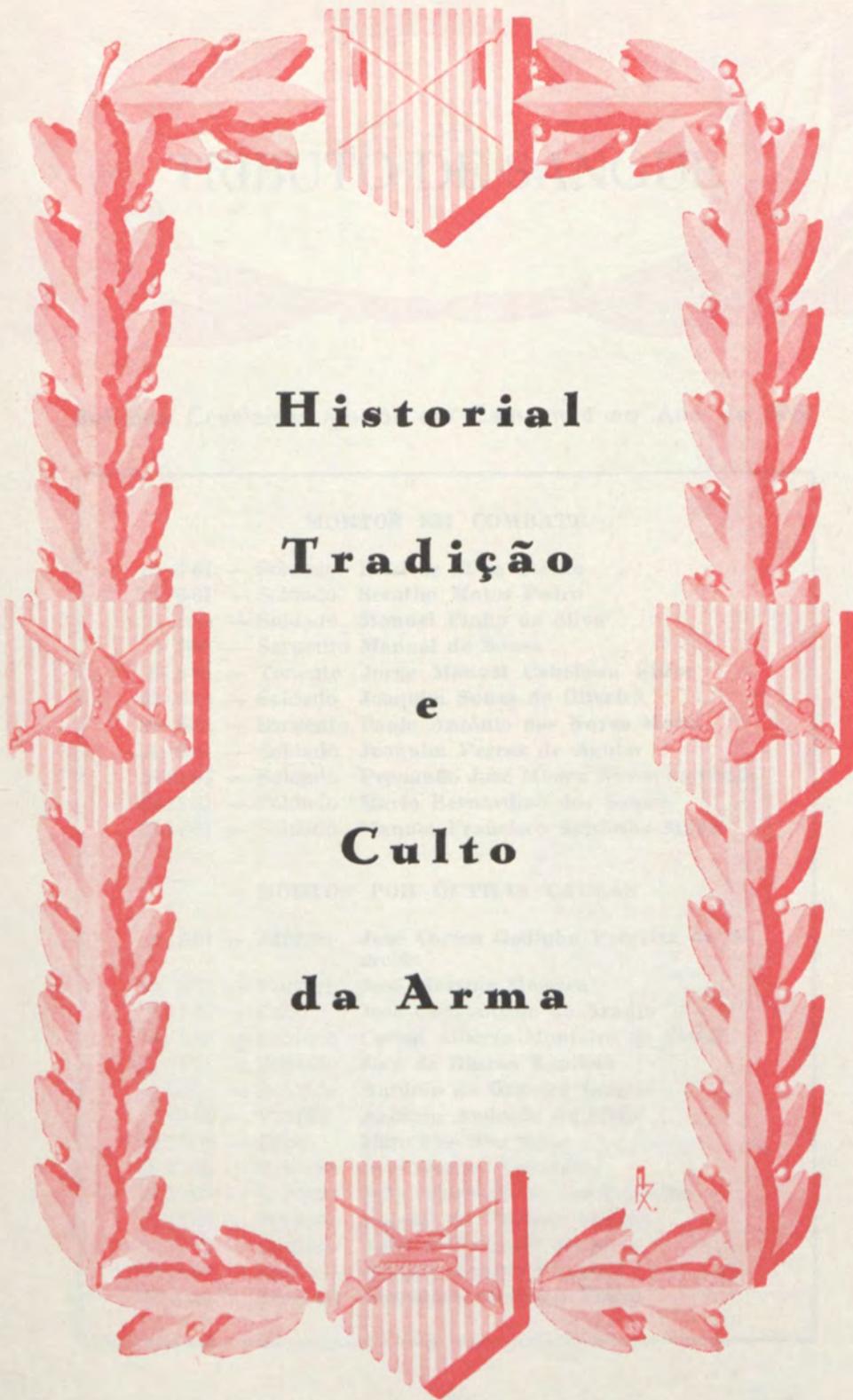


As Tropas do GDCC

por lutar pelo seu direito de se empenhar na luta — e é capaz de fazê-lo. Por isso, ilustres Cavaleiros de hoje — que fique em vossas mentes a lição maravilhosa que o nosso Patrono nos dita e a missão que ela nos impõe.»

concluindo a sua magistral oração com as empolgantes palavras de Joaquim Mousinho:

«Essas poucas páginas brilhantes e consoladoras que há na História do Portugal contemporâneo, escrevemo-las nós, os soldados, lá pelos sertões da Africa, com as pontas das baionetas e das lanças a escorrer em sangue.»



Historial

Tradição

e

Culto

da Arma



TRIBUTO DE SANGUE

Rol dos Cavaleiros Mortos em Campanha no Ano de 1961

MORTOS EM COMBATE

16- 3-61	— Soldado	Raul da Silva Coelho
24- 6-61	— Soldado	Serafim Matos Pedro
3- 8-61	— Soldado	Manuel Pinho da Silva
3- 8-61	— Sargento	Manuel de Sousa
6- 8-61	— Tenente	Jorge Manuel Cabeleira Filipe
29- 8-61	— Soldado	Joaquim Sousa de Oliveira
29- 8-61	— Sargento	Paulo António das Neves Motta
31- 8-61	— Soldado	Joaquim Ferraz de Aguiar
29-11-61	— Soldado	Fernando José Moura Neves da Costa
29-11-61	— Soldado	Mário Bernardino dos Santos
29-11-61	— Soldado	Manuel Francisco Sardinha Mexia

MORTOS POR OUTRAS CAUSAS

9- 2-61	— Alferes	José Carlos Godinho Ferreira de Almeida
26- 6-61	— Furriel	José Martins Moreira
4- 7-61	— Cabo	José Constantino de Araújo
13- 7-61	— Soldado	Carlos Alberto Monteiro de Sousa
11- 9-61	— Soldado	José de Barros Baptista
6-10-61	— Soldado	António de Oliveira Gaspar
17-10-61	— Furriel	António Andrade da Silva
29-11-61	— Cabo	Júlio Carrilho Rosa
29-11-61	— Soldado	João Donato Custódio
29-11-61	— Soldado	João Martinho Samarra Coelho
29-11-61	— Soldado	Manuel da Fonseca Simões
29-11-61	— Soldado	António Augusto Alves
29-11-61	— Soldado	Manuel Mendes Pequeno
30-11-61	— Soldado	Herculano Sequeira Vieira

Revista da Cavalaria

MORTOS EM COMBATE



Soldado Raul da Silva Coelho

*Natural de Girabolhos, concelho de Ceia.
Morto em combate em 16 de Março de 1961*



Soldado Serafim Matos Pedro

*Natural de Couto de Baixo, concelho de
Viseu. Morto em combate em 24 de Junho
de 1961. Louvado a título póstumo pelo
arrojo e valentia que demonstrou possuir nas
acções em que tomou parte*



Soldado Manuel Pinho da Silva

*Filho de Manuel da Silva Júnior e de Ade-
laide Luisa de Pinho, nascido em Sanfins,
Concelho da Feira. Morto em combate em
2 de Agosto de 1961*



Sargento Manuel de Sousa

*Filho de Artur de Sousa e de Ana Maria,
nascido na Freguesia e Concelho de Alcobaça.
Morto em combate em 3 de Agosto de 1961.
Louvado a título póstumo pela forma inexc-
dível como desempenhou a sua missão indo
ao ponto do sacrifício da própria vida para
proteger os restantes elementos do seu pelotão*

Revista da Cavalaria



Tenente Jorge Manuel Cabeira Filipe

Filho de Armindo Salvador Filipe e de Palmira Cabeira Filipe, nascido na Freguesia e Concelho de Marinha Grande. Oficial muito competente, desembaraçado e brioso. Morto em combate em 6 de Agosto de 1961



Soldado Joaquim Sousa de Oliveira

Filho de Joaquim de Oliveira e de Cremilde de Oliveira, nascido na Freguesia de S. Iria no local de Ribeira de Santarém. Era considerado pelos seus superiores e estimado pelos camaradas pelas qualidades de trabalho e boa vontade no desempenho dos serviços que lhe eram atribuídos. Morto em combate em 29 de Agosto de 1961



Sargento Paulo António das Neves Mota

Filho de Joaquim Maria Mota e de Maria Rita Neves (já falecida). Era casado com Maria Joana Martins Dóres. Nascido na Freguesia de Fóstios, Concelho de Portalegre. Morto em combate em 29 de Agosto de 1961



Soldado Joaquim Ferraz de Aguiar

Filho de Fernando Vieira Aguiar e de Maria Emília Ferraz de Azevedo, nascido na Freguesia de Rio de Galinhas do Concelho de Marco de Canavezes. Morto em combate em 31 de Agosto de 1961

Revista da Cavalaria



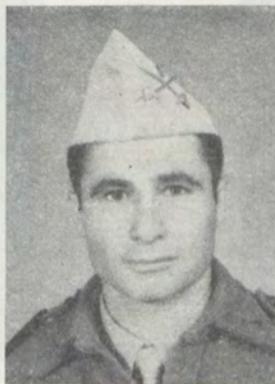
Soldado Fernando José Moura das Neves
da Costa

*Filho de José Neves Costa e de Francisca
Rita Neves Costa, nascido na Freguesia da
Sé, Concelho de Évora. Morto em combate
em 29 de Novembro de 1961*



Soldado Mário Bernardino dos Santos

*Filho de António dos Santos e de Teodora
Bernardino, nascido na Freguesia e Concelho
de Rio Maior. Morto em Combate em 29 de
Novembro de 1961*



Soldado Manuel Francisco Sardinha Mexia

*Filho de António Mexia e de Maria Cunha
Sardinha Mexia, nascido na Freguesia de
Santo Aleixo, Concelho de Monforte. Morto
em combate em 29 de Novembro de 1961*

Revista da Cavalaria

MORTOS POR OUTRAS CAUSAS



Alferes José Carlos Ferreira de Almeida

Nasceu a 31 de Outubro de 1936 em Lisboa. Falecido em 9 de Fevereiro de 1961. Filho de João Alexandre Ferreira de Almeida e de Ana Guiomar Alvarez Luiselo Godinho Ferreira de Almeida. Era neto do General João de Almeida — «Herói dos Dembos»



Furriel José Martins Moreira

Filho de Manuel Vicente Moreira e de Cândida Martins Carneiro, nascido em Penha Garcia, Concelho de Idanha-a-Nova. Falecido em 24 de Junho de 1961



1.º Cabo José Constantino de Araújo

Filho de Francisco Araújo Duarte e de Herminia de Jesus Constantino, nascido na Freguesia e Concelho de Idanha-a-Nova. Falecido a 4 de Julho de 1961



Soldado Carlos Alberto Monteiro de Sousa

Filho de António de Sousa e de Maria da Conceição Monteiro, nasceu na vila de Gois mas passou toda a sua vida na cidade do Porto, onde era muito estimado pelos seus dotes de carácter. Falecido em 13 de Julho de 1961

Revista da Cavalaria



Soldado José de Barros Baptista

Filho de Domingos Baptista e de Maria da Glória da Cunha Barros, nascido na Freguesia de Merelim de S. Paio, Concelho de Braga. Falecido em 11 de Setembro de 1961



Soldado António de Oliveira Gaspar

Filho de Luis de Oliveira Gaspar e de Encarnação António Luis, nascido na Freguesia de Parcelos da Igreja do Concelho de Torres Novas. Falecido em 6 de Outubro de 1961



Furriel António Andrade da Silva

Filho de Daniel da Silva e de Raquel Pais de Andrade, nascido na Freguesia e Concelho de Ponte de Sôr. Falecido em 17 de Outubro de 1961



Cabo Júlio Canilho Rosa

Filho de Manuel Canilho Rosa e de Maria Gonçalves Canilho, nascido em S. Salvador da Aramenha, Concelho de Marvão. Falecido em 29 de Novembro de 1961

Revista da Cavalaria



Soldado João Donato Custódio

Filho de Joaquim Custódio e de Ana Cândida Matos, nascido em Peroviseu, Concelho de Fundão. Falecido em 29 de Novembro de 1961



Soldado João Martinho Samarra Coelho

Filho de Joaquim Coelho e de Maria José Samarra, nascido em Alcains, Concelho de Castelo Branco. Falecido em 29 de Novembro de 1961



Soldado Manuel da Fonseca Simões

Filho de Amândio Simões Moreira e de Maria Cândida da Fonseca, nascido em Abitureiras, Concelho de Santarém. Falecido em 29 de Novembro de 1961



Soldado António Augusto Alves

Filho de João Baptista Alves e de Maria Eulália Fidalgo, nascido em Pereiros, Concelho de Carrazedo de Ansiães. Falecido em 29 de Novembro de 1961

Revista da Cavalaria



Soldado Manuel Mendes Pequeno

Filho de João Mendes Pequeno e de Maria do Espírito Santo Farromba, nascido em Castelo Branco. Falecido em 29 de Novembro de 1961



Soldado Herculano Sequeira Vieira

Filho de Manuel António Vieira e de Ana Brites Sequeira, nascido na Freguesia de Peu do Concelho de Silves. Falecido em 7 de Dezembro de 1961



EMBLEMAS DAS UNIDADES



*Direção da Arma
de Cavalaria*



G. D. C. C.



Directores da Arma



m 16 de Dezembro de 1958, deixou de exercer o cargo de Director da Arma de Cavalaria, por ter sido distinguido com o Comando da Região Militar de Tomar, Sua Excelência o General ANTÓNIO MARIA DE MEIRA E CRUZ (CEM), a quem a *Revista da Cavalaria*, que oportunamente inseriu a notícia biográfica, patenteia a sua respeitosa homenagem, muito se congratulando pela merecida dignidade para que foi escolhido.

A sua passagem pela Direcção da Arma fica marcada por um notável impulso dado à instrução da Arma, e principalmente dos seus Quadros.



ssumiu na mesma data, o cargo de Director da Arma, Sua Excelência o Brig. CARLOS AFFONSO DE AZEVEDO DA CRUZ CHABY. Depois de ter sido um dos mais distintos alunos do Colégio Militar, assentou Praça, como primeiro Sargento-Cadete, em Junho de 1916, vindo a ser promovido a Alferes, para a Arma de Cavalaria, em Junho de 1917, com dezoito anos de idade. Expedicionário para a Província de Angola, ali se conservou durante a I Guerra Mundial; regressado à Metrópole, passou a exercer, algum tempo depois, as funções de Ajudante de Campo desse Ilustre Cavaleiro que foi o Senhor General Domingos de Oliveira, que acompanhou desde o Comando da Brigada de Cavalaria do Alentejo até à Presidência do Governo da Nação.

Depois de várias comissões de serviço desempenhadas com dedicação, mormente as realizadas no Colégio Militar, de que foi Professor, foi promovido a Oficial Superior em 1944; desde sempre, ao longo da

Revista da Cavalaria

sua carreira, desenvolveu uma eficiente acção na luta contra o analfabetismo, por intermédio das Escolas Regimentais, e foi impulsionador da Organização Social do Exército — actividades que culminam durante o desempenho do comando do Regimento de Cavalaria do Cais, que exerceu até ser nomeado para a frequência do Curso de Altos Comandos.



BRIGADEIRO CARLOS CHABY

Em 1956, ascendendo ao Generalato pela sua promoção a Brigadeiro, começa exercendo as funções de Inspector da Arma, até que, em Dezembro de 1958, é provido no cargo de Director da Arma, que exerce interinamente até 27 de Setembro de 1959 e que depois torna a assumir em 24 de Março de 1960.

O Brigadeiro Carlos Chaby foi distinguido com honrosas condecorações e numerosos louvores e citações muito significativos; e pode afirmar-se, que deixou atrás de si um simpático ambiente de saudade em todo o Pessoal da Arma quando, em 8 de Fevereiro de 1961, por ter atingido o impiedoso limite de idade, que lhe impôs a passagem à reserva, deixou de exercer o cargo de Director da Arma de Cavalaria.

Revista da Cavalaria



e 28 de Setembro de 1959 até 23 de Maio de 1960, o cargo de Director da Arma de Cavalaria foi desempenhado por Sua Excelência o General RAUL MARTINHO.

Com Praça assente nas Tropas de Cavalaria em Julho de 1912, depois de ter concluído o seu curso no Colégio Militar, o Senhor General Raul Martinho frequentou a Escola do Exército e foi promovido a Alferes, para a Cavalaria, em meados de 1917, tendo então tomado parte nas campanhas do Norte de Moçambique da I Guerra Mundial.



GENERAL RAÚL MARTINHO

— Regressado à Metrópole depois de finda aquela Guerra, veio a ser escolhido para Ajudante de Campo desse grande Cavaleiro que foi o Ilustre General Vieira da Rocha (por sua vez Ajudante de Campo de Joaquim Mousinho de Albuquerque), que, sendo já Tenente, acompanhou para o Comando Geral da Guarda Nacional Republicana. Volta

Revista da Cavalaria

depois ao serviço da Arma, atraído pelas actividades da Comissão Técnica e mais tarde pertence aos quadros de Instrutores da Escola Prática de Cavalaria; em Outubro de 1943 é promovido a Oficial Superior, mantendo-se ali como Instrutor.

Na Escola Prática de Cavalaria vai prosseguindo a sua carreira, até lhe ser outorgado o Comando, no exercício do qual dedica a sua particular atenção aos aspectos da instrução dos Quadros da Arma.

Professor do Instituto de Altos Estudos Militares, vem depois a frequentar o Curso de Altos Comandos, após o que, promovido a Oficial General pela sua promoção a Brigadeiro feita em Agosto de 1954, fica exercendo as funções de Inspector da Arma.

Em Março de 1957 ascende ao posto de General e vai assumir o Comando Militar dos Territórios de Moçambique; regressado ulteriormente à Metrópole, vem ocupar, em Setembro de 1959, o cargo de Director da Arma de Cavalaria, o qual abandona, em Maio do ano seguinte, pela passagem à situação de reserva, por limite de idade.

Possui muitas e honrosas venerated e folha de serviços com inúmeros louvores e citações.



om a saída, verificada em princípios de Fevereiro de 1961, do Senhor Brigadeiro Carlos Chaby, do serviço activo, veio ocupar o lugar de «Fila-Guia» da Arma, Sua Excelência o Brigadeiro ANTÓNIO AUGUSTO DE SOUZA DIAS RIBEIRO DE CARVALHO, que tem dedicado, e tão intensamente, a sua vida inteira ao serviço da Arma de Cavalaria, honrando assim, mais uma vez, tão ilustre nome nos Anais das nossas Instituições Militares.

Concluído o seu curso no Colégio Militar, assentou Praça em 1921, com dezassete anos de idade; depois de frequentada a Escola do Exército, ingressa no Oficialato da Cavalaria em 1924 — e ingressa integralmente, dando-se de alma e coração à digna carreira das armas.

Deixa atrás de si uma notabilíssima obra no saudoso Regimento de Cavalaria de Aveiro, de onde só vem a sair em 1954, já como

Revista da Cavalaria

Tenente-Coronel, para assumir o Comando da Escola Prática de Cavalaria, difficilimo posto em que evidenciou e sublimou as suas altas qualidades de Chefia, sob todos os aspectos, trazendo a Escola da Arma ao seu mais elevado nível orgânico e funcional, como tantas vezes foi oficialmente reconhecido; é precisamente sob o seu Comando que se procede à transferência da Escola para a sua nova localização, e pode



BRIGADEIRO RIBEIRO DE CARVALHO

afirmar-se que foi só devido ao seu desembaraço, força de vontade, «mordente» dinamismo e dedicação que se conseguiu efectuar a mudança nas condições em que foi feita e, mais do que isso, reunir no novo aquartelamento as instalações e os meios que ali se encontram patentes.

Cavaleiro dos quatro costados, equitador de nomeada, obteve honrosos triunfos de toda a natureza em tal campo.

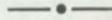
Em Novembro de 1957, nomeado para a frequência do Curso de Altos Comandos, deixou o Comando da Escola Prática de Cavalaria.

Revista da Cavalaria

Promovido finalmente a Brigadeiro em fins de 1958, desempenhou durante algum tempo as funções de Inspector da Arma e veio a ocupar, em Fevereiro de 1961, o posto de Director, verdadeiro «Fila-Guia», como já se disse, dos destinos desta Cavalaria, ora confiados a quem tão justamente, com tanta dedicação, mérito e dignidade fez a sua posição.

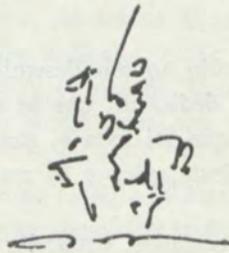
Dezenas de honrosos louvores e citações ilustram a sua brilhante carreira militar, galardoada até hoje com altas condecorações.

A *Revista da Cavalaria* apresenta, com todo o respeito, ao Senhor Brigadeiro Ribeiro de Carvalho o preito desta homenagem e augura-lhe os melhores triunfos no exercício do seu cargo.



antigo e saudoso
distinto.

ão pode a *Revista da Cavalaria* terminar esta notícia sem fazer referência especial à profunda dor da Cavalaria Portuguesa perante o inesperado falecimento, ocorrido em 15 de Novembro de 1961, de Sua Excelência o General ABÍLIO PAIS DE RAMOS (Valor Militar, Cruz de Guerra, Serviços Distintos, Mérito Militar, Grande Oficialato de Aviz, etc.), Director da Arma de Cavalaria e Militar muito



HOMENAGEM A UM I N F A N T E

A *Revista da Cavalaria*, com profundo sentir do nobre exemplo que representa, como preito de homenagem, insere neste número a carta escrita pelo Tenente de Infantaria Alberto Santiago de Carvalho, morto em combate, no Comando de uma patrulha na noite de 18/19 de Dezembro de 1961, em Damão, Índia Portuguesa.

*Índia Portuguesa — Damão, 12 de Dezembro de 1961.
Minha muito querida Mãe,
Muito queridos irmãos:*

Ao lerdes esta minha carta, não pertencerei já ao número dos vivos. De resto, no momento em que vos escrevo, pequena se me afigura, na realidade, a distância entre a vida e a morte. Portanto, se esta é a minha última carta e se o momento é tão crítico, e se sempre fui sincero, não vos custará crer na grande comoção que sinto ao despedir-me de entes tão queridos.

Tudo o que fui foi obra vossa. Até a morte, que espero seja digna e, se possível, vos orgulhe, vo-la ofereço, como última dádiva, suprema dávida, embora tão pouco condigna e tão pouco compensadora do que, em vida, por mim fizestes. Aqui fica, como reconhecimento e como desejo, o meu último bem-hajam todos!

O que fizerdes por mim na morte, antecipadamente vo-lo agradeço, com todo o meu coração que sempre foi vosso e será até ao último palpitar. As vossas orações, a vossa lembrança que, como todo o mortal, desejaria eterna, vo-las agradeço também, para que Deus me possa receber na companhia dos outros entes queridos, que me precederam, a fim de que, ao menos, na morte, após a vida, não mais nos separaremos.

Revista da Cavalaria

Bens materiais, tão poucos são, que ridículo é falar neles. Faço-o apenas, para que, onde os usardes, saibais, de antemão, que eu apreciarei e aprovarei sempre o seu uso...

Os vossos sacrifícios materiais, que fizerdes em meu sufrágio, vo-los agradeço muito, já que muito os necessitarei.

Que Deus a todos vos ajude e sempre vos ampare!

Que a lembrança deste ente querido, que de todos vós se despede, com lágrimas nos olhos, com o coração despedaçado de dor — mas que, de frente erguida, com fé em Deus e na Pátria querida, cairá com honra e dignidade — por longo tempo prevaleça, vos acompanhe sempre como, garanto-vos, me acompanhareis até ao último suspiro.

Um muito afectuoso beijo de amor e de gratidão para a nossa querida Mãe.

Um muito afectuoso abraço, com todo o amor e gratidão que sempre vos dedicou o irmão muito querido que se despede até à eternidade,

Alberto



Tenente de Infantaria

ALBERTO SANTIAGO DE CARVALHO

SER CAVALEIRO

*Ser Cavaleiro,
É ser, em tudo e entre todos, o primeiro;
Ser grande e generoso — por seu próprio valor,
Ser o melhor!!*

*É dar-se todo em vida
Religiosamente,
Em inteira Bondade
E leal Dignidade,
Estremecida
E completamente;
Mas dar-se para sempre, de todo, numa só vez,
Com Honra e Altivez.*

*Sem sombras de arrogância
Nem ares de petulância;
Naturalmente.
— Até com humildade!!*

*É viver esta Vida na verdade,
Mão-a-mão,
De todo o coração;
Ao perigo olhar de vante
— Nem perigo para ele há!!*

*Sofrer a sua dor,
A dor da sua alma,
Mesmo que injusta, horrível, atroz, dilacerante,
Com resignação e calma,
Em paz e com amor,
Tranquilamente.
— E devotadamente!!*

Revista da Cavalaria

*E sempre sem temer,
Com pronta decisão,
Todo o risco correr.*

*— Mas que risco haverá,
Em vida tal,
Tão simples de viver?*

*Lutar, quebrar, matar,
Galopar, avançar,
Sempre e sempre prá frente,
Deliberadamente,
No sublime ideal
Da sua confissão!!*

Porventura morrer!!

*— Mas que pouca importância
Isso de morrer tem,
Desde que seja bem,
Com Honra e Elegância?*

*Perder assim a vida,
Em nobre Galopar,
Na altura devida,
Dá-la,
Sem hesitar,
Honradamente
E honrosamente,
É ganhá-la!!*

*A essência — é morrer bem,
Sem vaidade nem desdém,
Cair altivo de Amor,
Sem tremer e sem temor;
Morrer assim, valor tem;
Isso sim, é que é Morrer
Isso sim, que tem Valor!!*

Revista da Cavalaria

Ser Cavaleiro...

ungido pelo mui nobre oitavo Sacramento,
Guardando-o para sempre, da alma no mais fundo,
Como solene e imperativo mandamento,
Sacro, supremo, altíssimo, profundo;

Tê-lo sempre presente,
Ficar por ele deveras vinculado,
Imaculado
Eternamente;
Mesmo pr'além da Vida ter passado,
E da morte chegar.

E da Morte passar!!

— Que a Morte também passa;
O que não passa é a Graça,
Em vida recebida,
Do Juramento dado!!

Ser Cavaleiro...

Ser tudo o que no Mundo de Bom se possa ser;
Nada ter, na alma ou no sentir,
Do que de Mau, de Baixo, de Mentir,
De Vil ou de Mesquinho possa haver.
Ser Pobre;
Mas ser Nobre.

E Apóstolo, talvez o derradeiro,
O Último na esperança desta fé;
Sempre de pé!!

Revista da Cavalaria

De pé,
Nas asas da Vitória
E na dura desventura do Perder;

De pé,
Nas sendas da Glória,
Nesta linda aventura do Viver
E do Morrer;

De pé,
Na doce Santidade,
Desta simplicidade
De Bem querer;

De pé, sempre de pé,
Na íntegra fidelidade
A esta imensa Fé,
Que é certeza,
Na sua singeleza.

E é isto é que,

Perante tudo o que existe
E há-de vir a haver,

Em tudo o que ficar
E em tudo o que passar;

É nisto que consiste,

No Ser e no Não-Ser
Deste Sonho Altaneiro,

A Virtude Maior,
A Virtude sem par,
A Honra deste Amor,

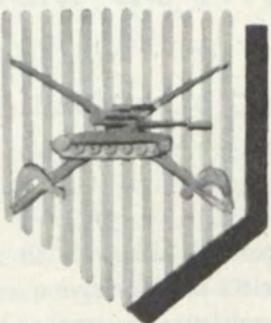
Ser Cavaleiro...

SERPA SOARES



Doutrina

e



**Cultura
Militares**

12.



A CAVALARIA

na Província de Moçambique

(Breve resenha histórica e condições actuais)



alar da Cavalaria de Moçambique exige uma palavra prévia sobre as ideias e acções dessa extraordinária figura de cavaleiro que foi o Tenente-Coronel Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque.

Ao chegar a Moçambique, especialmente pela segunda vez, isto é, para servir como oficial da Arma no histórico período em que António Ennes governou a Província, Mousinho já estava convencido da utilidade do emprego da Cavalaria nas zonas onde era possível a vida do cavalo, como é o caso do Sul do Save.

Essa opinião foi inicialmente firmada no conhecimento das campanhas africanas levadas a efeito pelos ingleses contra os matabeles e na guerra da Zululandia (1879) em que os cavaleiros foram aplicados em grande percentagem sob os comandos de Barrow e Weathesley na coluna de sir Evelyn Wood.

Mais tarde, essa opinião de Mousinho seria radicada e justificada especialmente nas acções de pacificação do Maputo, na campanha dos

Revista da Cavalaria

Namarrais, muito particularmente nas cargas que aliviaram o quadrado de Mujenga, em Macontene e nas marchas que precederam este combate (chegou-se a fazer perto de 200 km em 32 horas) e ainda nas acções que deram origem à morte de Maguiguana.

Situações houve em que a Arma não produziu os efeitos que dela se poderiam esperar, tal como a falta de exploração do sucesso, a seguir a Coolela e à queda de Manjacaze. O facto talvez se deva a um excesso de prudência do comando, baseada no pequeno efectivo disponível do Esquadrão da coluna do Norte. Aliás a Cavalaria foi sempre uma Arma de emprego difícil.

É curioso anotar que as passagens do relatório de Mousinho, escrito a seguir à campanha dos Namarrais em 1896, têm, ainda hoje e em alguns aspectos, muito de actualidade, entrando-se, claro está, com os factores correctivos derivados da motorização e mecanização da Arma.

A Cavalaria porém surgiu, em Moçambique, muito antes de Mousinho. Ela tem ali longínquas tradições. Já em 1570, Francisco Barreto, nas operações às terras do Monomotapa, seguindo o Zambeze, empregou os cavaleiros em acções de segurança. Diz-se na obra do General Teixeira Botelho:

«À frente, no serviço de segurança, como hoje dizemos, os homens de cavalos e alguns negros auxiliares, seguiam-se duas bandeiras e depois delas mantimentos, munições e bagagens, transportados por carregadores, animais de carga e burros, camelos mandados vir da costa da Arábia e vinte e cinco carros tirados por bois da terra, tão grandes como os grandes de Trancoso, diz o cronista; em cada uma das ilhargas uma bandeira e outra na cauda».

Três séculos mais tarde, nas campanhas de 1895, o dispositivo era semelhante e nos dias de hoje não nos parece que muitas vezes haja grandes diferenciações no esquema, uma vez guardadas as devidas proporções em virtude do aumento de velocidade dos meios e do alcance das armas.

Durante a 1.^a Grande Guerra, a Cavalaria voltou a ter elementos seus nas operações no Norte da Província. Não houve acções com unidades constituídas que mereçam especial particularização, ainda que alguns elementos da Arma se tenham portado numa forma distinta (*Troça d'África* — Carlos Selvagem).

Em tempos mais modernos, as forças de cavalaria ficaram reduzidas a um simples Esquadrão de Dragões (a cavalo) em Lourenço Mar-

Revista da Cavalaria

ques, unidade que mais tarde, depois de certo período em que houve um Esquadrão da G. N. R., foi transformada em Grupo de Dragões (unidade mista a cavalo e motorizados) que foi extinta ainda há pouco tempo.

Neste período não houve operações em que a Arma tivesse intervenido.

Actualmente a cavalaria dispõe, em dispositivo permanente da Província, de três Esquadrões de Reconhecimento (um por Comando Territorial).

Outras Unidades da Arma existem na Província; estão ali, porém, com carácter temporário e dispendo de organização especial.

Parece-nos, e o facto com unidades motorizadas e mecanizadas é ainda mais saliente do que com unidades a cavalo, que só a circunstância de serem elementos de custo elevado justifica uma percentagem tão pouco elevada de Unidades da Arma em Moçambique, mais a mais numa altura em que a própria evolução do emprego e actuação das unidades de Infantaria na Província leva, em muitos aspectos, a instruí-los em moldes que se assemelham aos já tradicionais na Arma de Cavalaria (reconhecimentos, acções rápidas, etc.).

Se olharmos o provável âmbito de actuação e a enorme vastidão da Província, cremos que não será atrevimento considerar as Unidades de Reconhecimento como aquelas que, nesta altura, maior utilidade podem revelar, tendo em atenção as suas possibilidades de velocidade, autonomia e poder de fogo, além da própria formação dos quadros educados normalmente em emprego descentralizado. Claro está que estas características materiais só existem na realidade se os meios não forem pesados e muito todo o terreno.

Tendo em atenção o dispositivo da Província, vamos ao ponto de admitir elementos de reconhecimento não só nos Comandos Territoriais, Circunscricções e Sectores mas até em todas as fracções de certa importância. As Unidades de Reconhecimento são úteis quer às forças de quadrícula (de ocupação), quer às de intervenção.

Voltamos a afirmar que, se assim não sucede, a explicação mais cabal assenta, nos parece, no factor económico.

Em contra-partida, por agora e no provável ambiente de actuação, julgamos que se não justifica ou pelo menos é ainda dispensável, a existência de Unidades Blindadas do tipo de carros de combate.

Já a existência de algumas Unidades a Cavalo nos parece que seria bem justificável, sobretudo nos grandes centros populacionais e onde o cavalo tem possibilidade de vida.

Revista da Cavalaria

A Polícia de Segurança mantém desde há longos anos em Lourenço Marques uma fracção a cavalo que muito bons serviços tem prestado.

Antes de terminar este breve apontamento sobre a existência e emprego da Arma na Província de Moçambique desejamos dedicar algumas palavras ao desporto hípico, o que se justifica pela sua dependência das Unidades de Cavalaria. Podemos até dizer que a base do desporto hípico na Província residiu no velho Esquadrão de Dragões. Muitos oficiais se distinguiram e ainda agora o facto se verifica sobretudo nos concursos de Lourenço Marques, da África do Sul e da Rodésia.

Hoje, porém, o desporto hípico já conquistou as camadas civis e existem na Província vários Centros Hípicos, sendo de mencionar os de Lourenço Marques, Beira, Vila Pery e Quelimane.

Apesar das circunstâncias mais difíceis do momento presente, não deixa o Comando Militar de dedicar ao seu desenvolvimento todo o carinho e estímulo dentro do critério da sua importância, quer como elemento de desenvolvimento da vida geral da Província, quer como desporto que interessa à parte militar.

Representa, também, o desporto hípico um precioso elemento de ligação com os territórios vizinhos, particularmente com a Rodésia e África do Sul. Neste último país, o desporto hípico adquiriu um desenvolvimento de tal envergadura que poderiam muitos dos seus cavaleiros e cavalos apresentar-se condignamente nos velhos hipódromos europeus.

Hoje, o desporto hípico militar está sobretudo a cargo da Secção Hípica, que existe como anexa do Esquadrão de Reconhecimento de Lourenço Marques.

Finalizando: quer pela natureza da sua organização, quer pela fácil possibilidade de adaptação dos seus quadros ao tipo de operações de guerra subversiva pensamos que a Arma tem, em Moçambique, grandes perspectivas de largo e rendoso emprego.

Ten.-Coronel CEM RAUL RAMOS

O CAPITÃO

Carta a um subalterno

Quando um dia frequentares o Curso de Promoção, começares a fazer contas para saberes quando terás vaga, a pensar na nova colocação que te interessa, é sinal que falta pouco para seres Capitão.

Já alguma vez pensaste o que isso significa?

Posso dizer-te que, em igual situação, várias vezes se me pôs, ao meu espírito, essa questão:

«Vais ser Capitão — Como vais ser?».

Pensando na resposta a dar a esta pergunta, reflectimos sobre os vários problemas que teríamos de enfrentar quando nos fosse confiado um Esquadrão.

São essas reflexões que neste momento te apresento.

*

O que é o Capitão?

É o chefe que, na escala de Comando, primeiro aparece com a responsabilidade conjunta da educação, da administração e da instrução, e o primeiro que tem competência disciplinar.

É sem dúvida aquele a quem será, uma vez que o seu Esquadrão entre em campanha, pedida em primeiro lugar a responsabilidade pela actuação do mesmo. E a quem, em caso de insucesso, perguntarão:

Confiamos-te um Esquadrão, o que fizeste dele?

Qual é pois a missão do Capitão? Comandar o seu Esquadrão, isto é,

em tempo de paz, educar, administrar, disciplinar, instruir e preparar o seu Esquadrão para a guerra;

em tempo de guerra, levar o seu Esquadrão através de todas as situações ao cumprimento da sua missão.

Revista da Cavalaria

Comandar o seu Esquadrão!...

Quando um oficial chega a ser promovido a Capitão já serviu um certo número de anos como subalterno, sendo natural, que o tenha feito sob o comando de vários Capitães, e teve, por certo, a ocasião de observar a forma como, não só esses, mas outros Capitães mais, comandavam os seus Esquadrões.

Com o espírito crítico normal em todos, foi julgando esses Capitães, e assim foi formando a ideia de que:

— O Capitão A não era bom Capitão porque, embora fosse boa pessoa, era não só demasiado brando como ignorante dos assuntos militares.

— O Capitão B ainda que muito competente, julgava que todos os seus subordinados eram seus escravos, sendo um pequeno déspota.

— O Capitão C seria um bom Capitão se não fosse o facto de não ser capaz de assumir as responsabilidades, arranjando sempre um bode expiatório.

— O Capitão D, esse como tinha muitos afazeres, não tinha sequer tempo de comandar o Esquadrão que era comandado pelo 1.º Sargento.

— O Capitão E, era um modelo de Capitão, o melhor de todos, e o oficial pensa: é assim que hei-de ser quando for Capitão.

Mas também pode acontecer que esse oficial, ao ser promovido e, na ânsia de copiar o seu modelo, se torne na sua caricatura!...

Destes factos tiro já as seguintes conclusões:

1.º — Que a verdadeira escola do Capitão está em nós mesmos.

O Curso que se frequenta é um Curso táctico e técnico. Ministra os conhecimentos que neste campo, foram julgados necessários para o desempenho da nossa futura função, mas não molda nem podia moldar os futuros Capitães.

Quão fácil seria a Função Militar se para obter um bom Capitão fosse suficiente meter um tenente numa Escola durante um certo tempo!...

Não! o problema é mais complexo, é um problema interior.

É nas fileiras que, através de tudo quanto vai vivendo, observando, sofrendo e meditando, o Tenente se vai fazendo Capitão.

2.º — O Capitão deve ter muito cuidado com o modo de proceder pois será sempre e impiedosamente julgado pelos seus subordinados.

E não te queixes — foi o que sempre fizeste!

3.º — Ainda que tendo a preocupação de se melhorar, não deve, sob pena de fracassar, querer tomar a personalidade do outro.

É que o comando para ser fácil, tem que ser natural.

Revista da Cavalaria

Seja como for, a nós parece-nos que uma coisa há que o Capitão não deve esquecer — a sua qualidade de condutor de homens — o que implica a par de uma competência táctica e técnica, isto é profissional, perfeita, uma formação humanista e espiritual que lhe permita desempenhar a contento aquela sua função.

É por isso que pensamos que o verdadeiro militar — daquele que milita — tem que estar possuído de um ideal que o leve a dar-se inteiramente à Função Militar.

Mas seremos nós livres para escolher o método a aplicar?

Pode um artista mudar a seu belo prazer a sua maneira de realizar?

Terá o Capitão tempo para no momento da decisão, escolher o método a adoptar?

Ou agirá segundo a sua reacção, isto é, à sua maneira, ou com o seu sentimento, sentimento este que lhe advém do seu temperamento, da sua educação, do modo como foi formado o seu carácter na família, na Escola, no Exército?

Cada um é como é e não como quere ser.

Quantas vezes, vimos alguém esplanar uma teoria perfeita sobre qualquer destes assuntos e depois, na prática, fazer completamente o contrário?

É que então não é a razão fria que actua, mas o seu coração!

Seja como for, a mim parece-me que uma coisa há que o Capitão não deve esquecer:

A sua qualidade de condutor de homens.

O que implica a par de uma competência táctica e técnica, isto é profissional, perfeita, uma formação humanista e espiritual que lhe permita desempenhar a contento aquela sua função.

Por isso pensamos que o verdadeiro militar — daquele que milita — tem que estar possuído de um Ideal que o leve a dar-se inteiramente à Função Militar.

O Capitão deve ter sempre bem presente que não comanda autómatos ou máquinas perfeitas, mas homens com as suas qualidades e os seus defeitos, e que a eficiência do seu Comando está na medida em que consiga eliminar estes e desenvolver aqueles nos seus subordinados.

Não deve também esquecer que é fundamental uma sã camaradagem com os seus subordinados, e uma lealdade a toda a prova não só para com os Chefes de quem depender como para com os subordinados.

E agora que já temos o nosso Capitão espiritualmente esboçado, vejamos quais são os seus problemas.

Administrar o Esquadrão, isto é, governá-lo.

Revista da Cavalaria

- Providenciar para que os homens gozem do maior conforto possível.
 - Verificar a sua alimentação.
 - Cuidar da sua Higiene e Saúde.
 - Exigir boa apresentação:
 - aprumo;
 - correcção nos uniformes.
 - Fiscalizar o serviço de escala, as dispensas e licenças do pessoal.
 - Fiscalizar a conservação e limpeza do material, armamento e equipamento.
 - Regular o consumo de combustíveis.
 - Cuidar da limpeza, conservação e aspecto das instalações do seu Esquadrão.
- São outros tantos problemas que teremos de enfrentar.

Neste aspecto administrativo de Comando do Esquadrão devemos fazer sentir sempre a nossa acção, pois é bem um índice do valor do Esquadrão. Além disso com todo o material de que se dispõe hoje e do quanto ele custa à Nação podemos bem fazer ideia da enorme responsabilidade que, neste capítulo, pesará sobre nós.

É ainda ao governar o Esquadrão que o Capitão toma conhecimento com os homens, passa a conhecer os seus problemas próprios, as suas necessidades, os seus anseios.

É através deste contacto permanente que o Capitão se dá também a conhecer aos seus homens.

Se conseguir captá-los, inculcá-los confiança, despertar a sua amizade, terá dado um grande passo para ter o seu Esquadrão na mão.

Não devemos esquecer que *nós tratamos dos nossos inferiores porque de nós tratam os nossos superiores.*

Disciplinar o Esquadrão.

Da necessidade da disciplina no Exército seria desnecessário falar, pois qualquer Sociedade Organizada se caracteriza pela existência de normas, isto é, leis que regulam as relações entre os elementos que a constituem, sem o que se tornaria numa Sociedade anárquica.

Revista da Cavalaria

Similarmente Exército onde não houvesse disciplina, deixaria de ser Exército para passar a ser uma horda.

Verificada assim a sua necessidade surge a pergunta:

Que será a disciplina?

Podemos dizer que é um acto da vontade que se manifesta pela aceitação voluntária da ética militar, isto é, a sujeição consciente «aos Códigos que pautam as relações entre os diversos elementos das Forças Armadas mantendo e assegurando a sua Unidade de Doutrina e acção e que contém em si os princípios que regem e distinguem as Forças Armadas de qualquer outra organização Social» na definição feliz dum professor da Escola do Exército.

Definida assim a Disciplina vamos ver como a obteremos.

Impondo-a coercivamente aos nossos subordinados, exigindo-lhes uma obediência cega, que lhes tire todas as veleidades de iniciativa, abafando-lhes a sua faculdade de pensar e transformando-os nuns seres sem vontade própria?

Certamente que não.

O homem só admite a submissão absoluta quando compreender que esta constitui um dever imposto pela própria consciência.

É certo que os soldados, vindo prestar o seu serviço militar obrigatório, não é voluntariamente que a aceitam.

Logo, teremos de início que impor a disciplina mas fazendo-lhes compreender que essa prestação de serviço é um dever de todos para com a Pátria, e explicando-lhes a necessidade que tem qualquer organização (Fábrica, Clube ou Sindicato) de uma hierarquia, por forma a haver dirigentes e dirigidos, e da necessidade de umas regras que coordenem os esforços de cada um para que a organização alcance o fim para que foi criada. Vamos-lhes fazendo compreender que no Exército se passa a mesma coisa, e que o cumprimento das razões que coordenam o esforço de cada um no campo militar é que constitui a disciplina.

Conseguiremos assim levar o soldado a aceitar uma norma de conduta — Disciplina interna — que é a disciplina que nos convém obter, e que acaba por tornar desnecessária a disciplina externa que de início lhe havíamos imposto.

Quando cada elemento do Esquadrão estiver possuído desta *disciplina interna* que poderemos sintetizar no lema — *o dever cumpre-se, não por medo das sanções, mas sim por imperativo da própria consciência* — estaremos então seguros de que cada um, seja em que circunstâncias for, e ainda que com a certeza de que ninguém o vigia, e que ninguém conhecerá a falta que acaso cometesse, cumprirá o seu dever

Revista da Cavalaria

ainda que com sacrificio da própria vida, como já tenho visto fazer a praças da G. N. R. — por exemplo o cabo João de Deus Lopes, morto na Amadora.

Nesta altura, o Esquadrão estará disciplinado.

Então se isto é assim, se todos cumprem o seu dever que uso faremos da competência disciplinar?

Serve para punir as faltas que apesar de tudo aparecem, corrigindo o infractor. Serve ainda para eliminar os indivíduos inadaptáveis à disciplina militar e que como diríamos dos cavalos têm vícios nebitórios.

Chamo ainda a atenção para o cuidado que devemos ter ao punir.

Não o devemos fazer de ânimo leve ou tomados de ira. Devemos sempre ouvir o homem a punir, indagar do motivo e intenção com que foi cometida a falta.

Depois devemos pesar todas as circunstâncias atenuantes ou agravantes que possam existir, ver bem qual a punição a aplicar e só então punir, se for caso disso.

Não devemos, também, esquecer que os subordinados têm sempre um sentimento apurado de Justiça e que um dos piores defeitos que o Capitão pode ter é ser injusto. Ainda no aspecto disciplinar, outro elemento há que considerar, as recompensas. Todos nós sabemos o bem que sabe, quando nos desempenhamos a contento de qualquer serviço de que fomos encarregados, ouvir do Comando uma palavra de apreço e estima, para nós muitas vezes paga mais que suficiente ao esforço que despendemos.

Por isso mesmo é que não hesitaremos em punir.

Também não devemos deixar de louvar quem o merece.

No capítulo disciplinar um conceito final — *só pode moralmente disciplinar o chefe que seja ele próprio disciplinado.*

Educar e instruir o Esquadrão.

No aspecto militar da questão, é transformar o homem que recebemos nas fileiras num soldado.

Como?

Fazendo despertar e desenvolver, no homem, as qualidades físicas e morais, e ministrando-lhe os conhecimentos técnicos que o transformam num soldado apto para a luta, por mais difícil e depressivo que seja o meio em que tiver de actuar.

Assim podemos dividir a Instrução em três partes:

Técnica: na qual o soldado aprende a conhecer e a servir-se das armas, viaturas, meios de transmissões, etc., postas à disposição do

Revista da Cavalaria

Exército. Aprende ainda, neste capítulo, a aproveitar o terreno, a observar, a orientar-se, etc.

Educação Física: que como sabemos, visa ao desenvolvimento corporal, e tem por fim dar ao soldado a resistência física necessária à dura vida de campanha.

Educação Moral: que tem por fim preparar o espírito do soldado e que consideramos a parte mais importante da instrução, pois na época em que vivemos, caracterizada por um egoísmo materialista bastante divulgado, em que parece haver a preocupação de pôr de parte aquelas coisas antigas, que cavavam um fosso enorme entre o animal e o homem, prejudicando este em favor daquele.

Por isso, esta instrução deve visar incutir no espírito do soldado o culto das tradições, os sentimentos de lealdade e camaradagem, a honestidade profissional, o espírito de sacrifício, a abnegação no cumprimento do dever, a satisfação de o ter cumprido, a obediência viva e sincera às ordens recebidas, a disciplina consciente, o sentimento de que o homem é o elemento essencial da guerra e que as armas por mais perfeitas e potentes que sejam só valem o que valerem os homens que as guarnecem. Vemos, assim, a importância que esta instrução reveste.

De facto para que me servirá um carro de combate, se não tiver uma guarnição que o saiba utilizar? E tendo essa guarnição perfeitamente instruída, quanto à técnica para que me servirá o carro se ela não quiser combater?

Vocês já alguma vez se sentiram alvo do fogo inimigo?

Já alguma vez viram cair ao vosso lado um camarada?

Já alguma vez sentiram o medo, essa manifestação animal do instinto de conservação, paralisar-vos?

É então que o valor moral se manifesta, como o único capaz de nos fazer dominar os nervos, conservarmos a calma e continuarmos a lutar!...

*

Como será o Esquadrão que gostaríamos de comandar?

Decerto um Esquadrão que tivesse as seguintes qualidades:

- Espírito de corpo;
- Alto moral;
- Grande coesão;

Revista da Cavalaria

- Grande capacidade técnica;
- Perfeitamente disciplinado;
- Perfeito entendimento entre todos os seus elementos;
- Alta eficiência para o combate;
- Espírito cavaleiro, seja qual for a sua natureza (reconhecimento, carros, etc.).

Isto seria um Esquadrão ideal.

Pois bem, assim como os pintores são apreciados e julgados como artistas em função dos quadros que pintam e apresentam nas exposições, assim o Capitão, que também é um artista da arte de comandar, será apreciado pelo Esquadrão que apresentar. Se conseguires ter um Esquadrão com as características que aponte, poderás ter a certeza que cumpriste a tua missão e és — *um bom Capitão!*

Capitão FERNANDO MAYA





As viaturas blindadas «Panhard» nas Unidades de Reconhecimento



Sabe-se que uma das características essenciais das Unidades de Reconhecimento é, precisamente, a sua *grande mobilidade*, a qual lhes permite uma velocidade de deslocação apreciável. Essa velocidade que ao nível do Pelotão e em marcha itinerária, se poderia até aqui fixar na média horária da ordem dos 25 a 30 quilómetros, permitia a tais Unidades a realização de missões específicas e fundamentais numa guerra convencional.

Este facto deriva, exclusivamente, de tais Unidades serem totalmente motorizadas; e é portanto evidente que a mobilidade há-de ser maior ou menor consoante o tipo de viaturas utilizadas, e defenida, forçosamente, pela de menor velocidade. Dado que as viaturas que equipam as secções de exploração e as de atiradores são do ligeiríssimo tipo Jeep, segue-se que a mobilidade das Unidades de Reconhecimento tem de ser a que resulta das viaturas que armam as secções blindadas e de apoio. Já vimos estas últimas secções montadas em Jeepões, a que poderemos reconhecer possibilidades comparáveis aos famosos Jeeps; e as Secções de Atiradores utilizando viaturas pesadas, de blindagem lateral, que influenciaram a mobilidade. Assim, sendo, depois de considerarmos todas as possibilidades de constituição, parece que o elemento determinativo da mobilidade será o blindado de que se disponha.

Outra das características não menos importante das Tropas de Reconhecimento, e de certa maneira ligada à sua grande mobilidade, tem de ser a sua capacidade de deslocação em terrenos variados, já que a natureza das missões que lhe podem ser impostas se desenvolvem muitas vezes em pleno campo, fora dos grandes ou mesmo dos médios itinerários.

Revista da Cavalaria

Vários tipos de viaturas têm sido utilizados, até hoje, pelas Secções Blindadas e de Atiradores, e pelas de Apoio, das subunidades de reconhecimento.

Entre nós, tem-se visto aparecer, nas Secções blindadas, ora Autometralhadoras, ora Carros de Combate ligeiros, de vários padrões e modelos, oferecendo, umas e outras, determinadas vantagens e, simultaneamente, impondo certas limitações, tendo-se até agora considerado o balanço favorável — especialmente quando se utiliza o Carro de Combate M.24, considerada a mais equilibrada em rendimento útil, porquanto alia às suas razoáveis qualidades de deslocação em todo o terreno, uma apreciável velocidade, não devendo ainda esquecer-se o seu importante poder de fogo.

Relativamente às Secções de Atiradores (ou às de Apoio), também temos utilizado vários tipos de viaturas de blindagem lateral, umas melhores, outras piores; mas pode dizer-se que nenhuma delas correspondia totalmente ao que delas queríamos — talvez a poderosa «International» se aproximasse das necessidades.

*

Foram recentemente distribuídas a algumas Unidades de Reconhecimento as viaturas tipo Panhard, em dois padrões:

- a Autometralhadora (dita EBR);
- a Viatura de Transporte de Pessoal (dita ETT).

Viaturas de construção recente, provaram muito bem no seu país de origem e cremos que poderão igualmente prestar esplêndidos serviços às nossas Tropas de Reconhecimento. Há que olhar um pouco para as suas interessantes características técnicas essenciais.

A Autometralhadora é uma viatura blindada de reconhecimento de cerca de quinze toneladas de peso, armada com uma peça de 75 mm na torre e três metralhadoras 7,65 mm, uma montada na torre, as duas outras no casco, uma à frente e outra à retaguarda; dispõe, ainda, de quatro tubos lança-granadas de fumo. Mecanicamente, dispõe de uma autonomia da ordem dos 650 quilómetros. Possui dois compartimentos de condução completamente equipados, para permitir a «inversão de marcha» imediata, característica tão essencial nas viaturas de reconhecimento.

Revista da Cavalaria

A viatura de transporte de pessoal tem características técnicas semelhantes, pois o casco é praticamente o utilizado na Autometralhadora; não tem evidentemente torre e pode alojar, no seu compartimento central, dezasseis atiradores que, embora protegidos pelas blindagens da viatura, podem, do interior do compartimento, utilizar rendosamente o seu armamento individual.

*

A simples citação destas características, já comprovadas, vem alterar profundamente os problemas que expusemos inicialmente. Com efeito, desde que possuímos uma viatura blindada com tais possibilidades, temos de reconhecer que já não é a viatura blindada que limita a mobilidade das subunidades de reconhecimento, porquanto esta oferece-nos números absolutamente comparáveis aos registados pelos Jeeps e Jeepões e amplamente comprovados. Pode assim supor-se que uma pequena Unidade de Reconhecimento, tomemos por tipo o Pelotão, será agora capaz de progredir, por estrada normal, a uma velocidade horária dos 60 quilómetros, em marcha itinerária, já se vê; e aproveitar essa enorme possibilidade sempre que, no decorrer de uma exploração, a ocasião se lhe proporcione.

Resultarão daqui notabilíssimas economias em pessoal e em tempo; e, a par delas, um rendimento operacional elevadíssimo. Actualmente, quatro Pelotões de Reconhecimento com material Panhard «cobrem» cem quilómetros de itinerário, em muito menos tempo do que, ontem, o conseguiam fazer cinco, ou mesmo seis Pelotões, ainda que equipados com material M.24; e repare-se que, dado o seu ligeiro consumo e as capacidades dos seus depósitos, a sua autonomia vai além dos quinhentos quilómetros (enquanto a dos Jeeps oscila pelos 300 a 360, mesmo com os bidons suplementares), facto que permite manter uma acção de exploração de sucesso durante longo tempo e uma actuação de reconhecimento ou de protecção até profundidades extremas. E ponha-se ainda na equação do problema, a grande facilidade na sempre complicada questão do reabastecimento, sobretudo nesta Tropa em que o factor rapidez é o essencial.

A manobra da inversão de marcha, característica *sine-qua-non* de uma viatura de reconhecimento, é aqui feita sem dificuldades e com toda a rapidez, mantendo-se a deslocação, sem quebra apreciável de velocidade, visto dispormos agora de dois compartimentos de condução completos.

Revista da Cavalaria

*

Passando à análise das possibilidades de progressão das viaturas Panhard em terreno variado, temos de reconhecer que com ela se não conseguem os resultados positivos obtidos com os carros de combate, ainda os de padrões mais atrasados; é evidente que as viaturas Panhard, sendo equipadas com rodas, não podem oferecer as condições de aderência ao terreno que os trilhos garantem aos carros de combate.

Não têm, porém, qualquer possibilidade de comparação com a capacidade todo-o-terreno das restantes autometralhadoras, pois a todas sobrepassa, graças às suas quatro rodas intermédias, também motoras, que conjugadas com as restantes quatro, dão à viatura um equilíbrio e uma harmonia extrema, ainda enriquecidos pela interessante maneja-bilidade durante a progressão em terreno variado. De isto tudo resulta uma grande comodidade para o pessoal e sua correspondente economia.

Estamos, sem dúvida, em presença da melhor viatura de reconhecimento que jamais tivemos.

Mas não podemos esquecer que, mesmo por isso, se trata de um engenho altamente delicado, que não pode ser posto, sem risco de ing-lória ruína prematura, em mãos pouco experientes, exigindo quadros técnicos de pessoal altamente especializado, tanto na sua actuação ope-racional como na sua manutenção, que há-de ser cuidada e permanente e apresenta dificuldades e melindres especiais.

Alferes VASCO DIAS PEREIRA



EMBOSCADA



ainda noite e o cacimbo teima em não desaparecer. Frente ao edifício da Administração, as viaturas que compõem a coluna vão surgindo. Vejo as horas: quatro da madrugada.

Conto onze viaturas, que distribuo assim: uma na testa da coluna com os guias; seguem-se outras duas e depois vão as três camionetas vazias, para carregar as mercadorias que vamos recuperar; a meio da coluna há-de ir uma outra viatura com um graduado e alguns soldados da Polícia Militar; irão depois as outras três camionetas descarregadas; Total de efectivos: duas secções, reforçadas com uma meia dúzia de civis armados e alguns cipais.

A missão é simples: escoltar as seis camionetas civis até à povoação a fim de recolher mercadorias ali abandonadas quando do início do terrorismo.

Tudo pronto, instruções dadas, as últimas recomendações feitas; são cinco horas. «Em marcha»!

Andamento vagaroso por causa da visibilidade quase nula devida ao intenso nevoeiro; e também porque o capim, que se estende das bermas para o pavimento da estrada está muito alto e impede a observação lateral. Mesmo assim, vamos progredindo.

Por volta das sete e meia atingimos uma sanzala; a viatura testa parou — atenção! Aí vem um cipai; diz-me que bastante gentio marcha à nossa frente; tinha pernoitado nas bermas da estrada e, à aproximação da coluna, levantou-se e seguiu; mas nada de alarmes — é gente ordeira...

Recomeçamos a marcha; penetramos na sanzala. As palhotas vão desfilando na nossa retina, umas intactas, outras destruídas, queimadas algumas. Desolação e pictoresco!!

O cipai aí vem outra vez e anuncia que os movimentos do gentio aumentam. A estradita corre em serpentina e faz uma curva apertada; sei que estamos perto duma pequena povoação nativa.

Revista da Cavalaria

Num momento, como por magia, a viatura que segue na frente desaparece aos nossos olhos!! Habilmente disfarçada, uma enorme armadilha de caça tinha engolido a viatura testa; ao mesmo tempo, uma densa fusilaria começa a bater-nos... Um soldado é atingido no ventre; um furriel, ao saltar do Unimog é ferido numa mão.



... Retirar a viatura ...

Alguns minutos depois, tudo está em posição; não se tarda a ouvir o matraquear das Madsens, cortado de onde em onde pelo estoirar grave das granadas-de-mão. Pouco passa das oito horas.

O fogo inimigo vai diminuindo; cala-se. O pessoal salta imediatamente das viaturas, limpa os flancos da estrada e, a pouco e pouco, penetra cuidadosamente no capim, que nada deixa ver. Ocultos, alguns rebeldes ainda tentam manejar os pesados canhangulos ou servir-se das traiçoeiras catanas — motivo de baioneta.

Muitos deles jazem furados pelas balas ou atingidos pelos estilhaços das granadas; aqui e além, os sobreviventes tentam fugir, mas são

Revista da Cavalaria

ceifados pelas rajadas das pistolas-metralhadoras. Olho por olho, dente por dente — é a lei da selva; dura... mas lei.

Vamos agora recolher e identificar, quanto possível, toda esta gente; e dar sepultura aos mortos; e tratar dos vivos...

Secção A: vai retirar a viatura caída na armadilha; cipais, guias e civis reforçam a tarefa. É preciso andar depressa!!

Secção B: segurança da operação; extrema vigilância!

Atenção!!

Quinhentos metros à nossa frente uma enorme árvore, forte como uma torre, cai estrondosamente, atravessando-se na estrada. Um cipai acorre, do outro lado, e diz-me que à nossa retaguarda sucedeu o mesmo!! As intenções são bem claras; afinal, estes tipos não são tão inocentes como parecem... O tempo urge; o risco aperta. As Madsens começam a disparar de quando em quando; os rebeldes movimentam-se — reorganização do dispositivo, para cair sobre nós. Calma, nada de sobressaltos! continua-se a içar o Land-Rover, que não sofreu grande dano, afora umas amolgadelas. Os preciosos Unimogs prestam-nos o concurso do seu braço forte — finalmente: cá temos o nosso Land-Rover recuperado. Bonito trabalho; e rápido. São dez e um quarto.

O homem ferido no ventre reclama urgentes cuidados; há que evacuá-lo sem demora; mas como? Disponho de pouquíssima gente para uma coluna tão grande; e para uma empresa que afinal vai ser dura — não se trata de aventura. Há que ir buscar mais recursos; resolvo retroceder, para voltar de novo com melhores meios.

Vamos embora; e olho vivo e dedo ligeiros sobre os gatilhos... Lá está a tal abatiz à retaguarda; e bem batida pelo fogo dos canhangulos — reacção imediata e violenta. O inimigo abandona a luta; as mesmíssimas cenas de ainda agora...

Um trabalhão para remover esta monumental árvore; não há possibilidade de a rodear; nem é bom sair com as viaturas para fora do leito do caminho — nunca fiando!!!

Felizmente aparecem ao longe dois providenciais T.6. Magnífico!

Completam a limpeza da área, ajudam-nos a remover o obstáculo e dão-nos cobertura até à vila onde só chegámos por volta das duas da tarde.

.....
.....

Tenente JOÃO DE ALMEIDA BRUNO

Um exercício de sobrevivência

NOTA PRÉVIA

Publica-se um extracto do diário de um componente de uma patrulha que, em determinada data, realizou voluntariamente, em qualquer ponto de África, um exercício de sobrevivência.

O exercício foi feito sem preparação especial, sob um tema concreto.

Cada elemento da patrulha transportava uma mochila, armamento, munições, etc., com um peso de cerca de 20 quilos.

Dia D



into-me óptimo, bem disposto, jovial mesmo; não há como esta vida «au grand air», e então, aquela ideia para o almoço foi esplêndida, colossal mesmo. A descida para as águas do rio foi verdadeiramente fascinante; cheguei a julgar-me um autêntico explorador, como nos filmes do Tarzan. Mas o andar na areia solta é estafante, ainda por cima com a carga que trago. Ah! Maldito saco... É simplesmente pavoroso andar com aquilo às costas — e andar, andar sempre, continuar a andar...

Vamos lá ver como passamos a noite; é mesmo uma pena ter de desaproveitar este esplêndido sono que tenho, cortando-o com aquele horrível quarto de sentinela; mas é preciso. É indispensável criar um ambiente de confiança entre todos, até em mim próprio; depois, ficar de sentinela é um acto de camaradagem: velar pelo sono tranquilo dos outros, que em nós confiam. Um sagrado dever que se não pode trair; é talvez por isso que os Códigos são tão severos; a Instituição cai pela base perante a sentinela que dorme... Nunca tinha visto assim o problema!!!

Revista da Cavalaria

Dia D + 1

Evidentemente que já repararam que eu escrevo sempre à tardinha, no final de cada etape, umas vezes antes, outras depois, do «jantar», como aperitivo para o sono...

Hoje, acerca de «jantar»... confesso que comeria qualquer coisa de mais substancial do que as próprias unhas!! Aliás, tenho de reconhecer asceticamente, que estou, de facto, mal habituado — e só lá porque acabo de passar um dia quase em jejum integral, já me dou ao luxo de dizer que estou com fome? Mas será isto fome?! Às vezes tenho a impressão que é, apenas, o não andar com «os níveis atestados», como costume. Costume, não; costumamos, quase todos. E é um mau costume, não há dúvida — mas francamente, uma boa posta de pescada frita, uma perna de Perú assado, um bife bem temperado...

Também já sei o que é isso de ter sede; ou julgo sabê-lo — ou no mínimo, estou disso convencido. Não é apenas a desagradável sensação de sentir a garganta seca, áspera como lixa n.º 2, a falta de como que um «refrescante interno»; o pior são as pernas que não deslisam, não andam, nem podem andar, naquele infundável pesadelo de um-dois, um-dois, um-dois... Aquela horrível caminhada até à água rebentou-me todo por completo; areia, sol, caminhos, pistas, ar salgado, arbustos agressivos e insectos importunos, etc., etc., e de novo areia, sol, caminhos, pistas, ar salgado... Será já ali naquela curva? Não! Será ali mais à frente, ao pé daquelas moitas? Não! E o malvado do guia — um-dois, um-dois, um-dois... nem já o vou vendo com bons olhos!!!

Finalmente, o tipo tinha razão; a água lá estava, no seu sítio; e... era boa! Se a vissem!! Mas, fosse como fosse, soube-me muito bem; por alma abaixo. O que era preciso era beber água, engoli-la, chupá-la, mastigá-la... — como um bruto de um camelo!! Derreter-me na água; naquela água!!

E as pastilhas?! Começo a sentir-me uma verdadeira farmácia ambulante. Isto será assim até ao fim? E o meu espírito oscila — «mon coeur se balance» — entre esse horror das pastilhas e o terror das intoxicações.

Agora sempre estou para ver o que vai ser de nós amanhã; hoje tivemos de comer sabem o quê? Caranguejos! Mas caranguejos salgados, porque só salgados, muito salgados se poderiam comer. Mas seriam caranguejos salgados ou sal com essência de caranguejos? Faz parte da experiência!! Um pesadelo. A sede. A água. A água que se acabou, que já não há...

Revista da Cavalaria

Vou-me mas é deitar; e espero não ter tanto frio como ontem; de verdade, aquela ideia do toldo a servir de antepara para o vento é luminosa; mas... o vento mudou!! O quarto de vigilância afinal pouco vai custando; uma horasita passa depressa vendo os outros dormir. Sob um luar famoso, de mais a mais; via-se tudo como se fosse de dia. Esta noite calha-me das 21 às 23. Agora reparo que nos estamos deitando com as galinhas. Pudera — estamos cansados a valer!! Pelo menos eu.

Dormir finalmente, e sem frio de maior — encontramos uma palhota abandonada. Um appartement de luxo, num Super-Palace...

Dia D + 3

Agora, à boquinha da noite, já estou com melhor disposição; mas aí pelo meio da tarde, estava verdadeiramente aflito. Sim senhor: é o termo — aflito...

Fome e sede; esgotado, absolutamente esgotado, integralmente esgotado, acabado, virado do avesso!! E que água eu bebi — suja, sujíssima, com a sujidade de cinquenta gerações; mas era água, água de beber, água de engolir. E, forçosamente, eu tinha de beber qualquer coisa, ainda que fosse veneno. Mesmo que fosse daquela água!!

Se com a fome me sentia fraco, sem água sentia-me completamente inferiorizado; esqueci-me de tudo, talvez me tivesse julgado perdido num deserto interminável. Só me faltaram as tais miragens — mas confesso que sonhei acordado ou pelo menos eu suponho que estava acordado), confesso que a certa altura sonhei que encontrávamos água; era assim: entrávamos numa mancha de terra amarelenta, de barro escorregadio, no meio das areias; quer dizer, uma camada de argila, uma camada impermeável. Alto lá — impermeável? Mas impermeável é aquela história dos lençóis de água. Que tolice: lençóis de água. Cal-culem... Sim senhor, argila impermeável e, portanto, lençóis de água; a geologia, etc. etc. Mas os outros, os que nem sabiam da existência da tal geologia, esses também sabiam da água. E sabiam mais do que eu: fazer um poço!!

Parece-me que, em boa verdade, a tal famosa formação universitária apenas nos habilita a um lugarzito ao sol mas atrás de uma secretária, ou mais ou menos — o que eu nunca tinha aprendido era a abrir um poço na lama, com uns mastronços de madeira a segurar as bordas!! E também nunca tinha aprendido a matar e a esfolar um cabrito —

Revista da Cavalaria

aquela história e lhe assoprar a pele é francamente genial!! E assei o cabrito, aquele inocente cabrito — e (e é isso que mais me admira) comi-o!! Comi aquilo!! Como nunca teria comido no mais famoso restaurante. Francamente confesso, agora que a coisa está passada... estranhei comer tão pouco!! Será que estou a desabituar-me? Serão as malfadadas pílulas reconfortantes?

Com o estômago mais aconchegadinho, vou procurar deitar-me a dormir. Mas para desfazer esta dúvida que me moi a consciência, pergunto a um dos rapazes se aquela coisa da água e do poço, etc., foi verdade; diz-me que sim?! Tratar-se-á de uma piedosa mentira?! É que hoje reparei que há uns que olham para mim assim com um olhar — será que eu à força de pílulas, já estou pílulas?

Esta noite voltamos à barraca, agora de um novo modelo — mas que saudades daquela palhotazita...

Amanhã parece-me que vamos sair finalmente deste horroroso areal e internar-nos no mato. Aqui não temos, a partir deste momento, grandes condições de sobrevivência; estamos mesmo isolados; o tal prometido avião ainda não apareceu no céu. Claro que não vinha por cá fazer nada de concreto; apenas incutir um pouco de confiança. Deixá-lo; que repose, em paz, no seu confortável hangar... Se fosse mesmo a sério, seria natural que continuasse ainda pela praia adiante; e se houvesse assistência e apoio garantido em caso de necessidade, arriscaria, de boa vontade. Mas isto é um exercício de sobrevivência; se, por qualquer azar, deixasse de ser de sobrevivência, seria, sem dúvida, uma grande «bronca» — o preciso é chegar ao fim; essa é que é a missão. Não, o ficar a meio!! Claro que estou a comparar com o célebre exercício Nareal, organizado pelo Centro; aquilo sim, que era fixe; impossível qualquer precalço sério. Até vinham os Bombeiros!! Aqui, a coisíssima é diferente; portanto — para o mato...

Um pouco de sono...

Dia D + 4

Sentei-me hoje de novo, calculem em quê? Numa cadeira!! É um objecto muito estranho, podem crer!!!

E comi ovos bem cozinhados, com manteiga e com sal!! E até bebi um esplêndido café — contanto que tudo isto me não faça mal aos fígados, prestes a regressar ao estado selvagem...

A caminhada pelo mato, apesar do fatal saco, sempre o saco, o maldito saco (Oh! Como a vida seria fácil sem sacos...) a caminhada

Revista da Cavalaria

pelo mato não me custou muito, talvez confortado pela esperança de não ter de calcurrear novos intermináveis areais... E gostei das tais maçalas, ou lá que é; são refrescantes e estimulantes. De verdade...

A tirada de hoje foi boa; começo a acreditar que poderemos chegar ao tal cruzamento lá para segunda-feira. Ontem, antes do poço (é verdade — teria sido verdade?) e do cabrito, julguei que seriam uns dez diasitos a mais nesta vida...

E hoje vamo-nos dar ao luxo de dormir debaixo de telha, embora sobre o cimento do chão; vendo bem as coisas, o pobre do velhote não nos tratou nada mal. Pelo contrário: foi prestável e simpático, deu o que tinha. Quanto será a diária neste famoso hotel? Deve ser um pouco carote!! Hotel miragem...

Só foi pena aquela ideia de abandonar a trilha e entrar no mato; parece-me que, numa região desconhecida, devemos andar sempre pelas pistas abertas pelos aborígenes; bons conhecedores do terreno, eles decerto escolheram os melhores traçados. Mas às vezes, a gente arma em esperto e é o que se vê; uma boa demora. Por isso, a tirada de amanhã promete; no entanto vamos a ver se conseguimos chegar às margens da lagoa. A almejada lagoa, a querida lagoa, a lagoa dos meus sonhos de jovem ardente; a maravilhosa lagoa... só a cantar a plena voz a «Celeste Aida» é que a coisa dava!!

E agora descansar; dormir debaixo de telha. A telha — grande e sublime invenção!! Honra ao inventor da telha...

Dia D + 5

Mas que grande tirada a de hoje!! Sim senhor, começamos a ter «fibra». Bem alimentados e com a preciosa água, somos capazes de qualquer coisa de vulto — ir, por exemplo, até Lisboa...

Afinal as pastilhas têm ajudado bastante, não só como estimulantes e fortificantes, mas também como preventivos contra qualquer encrenca infecciosa; embora fatigados, não há dúvida que a saúde tem sido sempre boa — aparte um ataquezito de diarreia de que hoje estou sendo vítima inglória. Os luxos dos ovos e do café, naturalmente...

O organismo ressen-te-se; muitíssimo mais vulnerável, pode dizer-se: mais sede, mais cansaço, e prematuro, além de uma má disposição geral; mas tenho esperanças que as pastilhas façam a sua caridosa obra e que amanhã isto já esteja bom.

Revista da Cavalaria

Dizem que só nos faltam uns vinte quilómetros, dos pequenos. Será assim? Mas que não seja como hoje, quando o maroto do edifício se comprazia em andar à nossa frente, a passos de gigante; foi um sofrimento apanhá-lo!!

Agora vou dormir... debaixo de uma mesa!!!

Dia D + 6

Chegámos!!! Sim; chegámos, já cá estamos. Mais mortos do que vivos, é certo — mas contentíssimos. Missão cumprida... diz tudo o que nos vai na alma...

E agora que já cá estou, vamos a confessar que nunca esperei que isto fosse assim tão longe; e recordo aquela caminhada sem-fim, através dos montes, cá cima, lá baixo... É já ali, detrás daquela crista; mas não era. A cada morro que se aproxima, um filme de «suspense». Será finalmente agora? Mas não — ainda não era!! Não era nunca... E quando se avistou o espelho mágico da minha lagoa (Oh lagoa dos meus anseios...), ainda tivemos que andar, andar mais, andar sempre, um-dois, um-dois, um-dois...

Que gigantesca caminhada; as pernas pareciam que já não podiam, que se iam dobrar, que se iam partir — mas lá continuavam no seu anda-que-anda, sem parar, automaticamente, sem comando cerebral, inconscientemente, tal como máquina... Os calcanhares trabalhavam sobre agulhas; os rins, os ombros, as costas — tudo doía; tudo era dor. Estava a ver que só conseguiria entrar no posto de gatas e à trela; mas entrei de pé — entrámos de pé, eu e todos os outros. Cansados, estoi-rados, partidos, mas alegres e contentes...

Cento e muitos quilómetros de areal e de mato, mal alimentados, sem água — e com o saco às costas... Mesmo depois de chegados, as pernas continuavam sempre o seu interminável um-dois, um-dois, um-dois... Para que estivessem paradas, havia que agarrar-lhes com as mãos, ou atá-las aos pés da mesa...

Mas os peitos estavam cheios de ar; altaneiros, orgulhosos, nós tínhamos conseguido bem «cumprir a missão» — também nós tínhamos «Levado a nossa carta a Garcia»!!!

Alferes SÁ NOGUEIRA



Patrulha Nocturna



Uma das sanzalas em que todos os habitantes tinham abandonado precipitadamente as suas palhotas no início do terrorismo, foi a de A, situada cerca de trinta quilómetros a Norte de B, no caminho para a povoação de C; os nativos haviam fugido para as suas lavras de mandioca e para as matas de café. Por informes dados por um nativo de B, que tinha pessoas de família naquela sanzala, verifiquei que havia possibilidades de recuperar aquelas gentes e de as fazer regressar às suas abandonadas palhotas; para confirmar aquelas notícias, fiz dois reconhecimentos à região e, depois de possuir os dados essenciais do problema, propuz a realização da operação ao Comandante da subunidade a que pertença, o qual não só aprovou a proposta, como até resolveu acompanhar pessoalmente a operação.

No dia 14 de Agosto saímos do estacionamento a caminho do B, onde distribuimos a refeição do fim da tarde; e um pouco antes da meia noite iniciámos a marcha nocturna com quatro Jeeps para a sanzala abandonada, na intenção de, daí adiante, prosseguir a pé até ao nosso destino. A deslocação, necessariamente lenta, tornou-se ainda mais morosa em virtude de um densíssimo nevoeiro; a visibilidade, a pouco e pouco, foi-se tornando quase nula. Só conseguimos chegar a A quase às três da madrugada. Fazia um frio de enregelar os ossos...

Revista da Cavalaria

A pé! em marcha. Em cadeia, de mãos dadas, para ninguém se perder; a escuridão é total; o nevoeiro, o tal cacimbo, como para aqui dizem, é algodão...

Alto! o carreiro bifurca-se — para a direita conduz directamente às lavras e sequeiros de mandioca; para a esquerda, atravessa uma matinha e dá acesso a um pequeno grupo de palhotas. No reconhecimento que fiz, uns dias atrás, estas palhotas apresentavam indícios de estarem ocupadas. Vamos para lá; atravessamos a matinha, vencendo dois ribeiritos, com água pelos joelhos; o frio é tanto, que a água parece quente!! Agora a vereda começa a caracolear; aqui há qualquer coisa que não está bem — outro dia, quando fiz o reconhecimento, não havia estas voltinhas; era sempre a direito até às palhotas isoladas. Interrogo o guia que, como um peredigueiro, começa a apalpar o pavimento da vereda; acendo-lhe a lanterna, quase colada ao chão; diz-me que este caminho também serve... Mas as palhotas nunca mais apareceram...

São já quatro da manhã; o cacimbo teima em cerrar-se cada vez mais. Continuamos a subir ao longo da vereda; de repente o guia agacha-se e aponta-me a silhueta de uma cubata. De onde teria surgido isto? Quando fiz o reconhecimento (e que cuidado puz nisso!), não estava cá uma coisa deste feitio; construção recente? Vamos a isto; uma Secção por este lado, outra pelo outro; e muito cuidado... Mas o que andas tu a fazer por aqui? pergunto a um vulto com quem choquei; teu caminho é por além!!

Afinal... era o meu Comandante... Na escuridão, não nos havíamos reconhecido!!

Pronto; cá estamos dentro de casa. Ninguém cá dentro, ainda com indícios de ser habitada: a esteira com as trapagens habituais, a cabaça com água, vestígios de lume de chão, ainda quente. E o cheiro; o inconfundível cheiro...

Prosseguir, portanto. Vamos para os sequeiros de mandioca. Ao longe, um cão a ganir; há por aqui gente, não há dúvida. Mas onde? O cacimbo começa a esfarrapar-se; são cerca das cinco e meia quando identificamos o carreiro que leva aos sequeiros; sim, agora não há dúvida. É este mesmo. Mas como é que, depois de tão cuidadoso reconhecimento nos tínhamos perdido?! Que isto é um labirinto, claro: há mais caminhos do que caminhantes!! E com esta escuridão!!...

Eis-nos chegados. Magnífico; há muita mandioca de molho na água e bastante, já seca, nas esteiras; o guia diz-nos que a seca vai ser retirada nesse dia, pois já está preparada — os nativos têm de vir

Revista da Cavalaria

recolhê-la. Agora só há que aguardar; deitamo-nos no capim, a repousar do esforço.

Soam vozes ligeiras; aguço o ouvido — não, isto não se trata de Tropa — é voz de mulher!! Espreito; há um dos meus soldados que me faz um sinal. Olho na direcção indicada — é isso, sim senhor: duas nativas estão metendo mandioca seca em sacos, muito descansadas da sua vida; falam e riem, como sabe rir este bom povo negro...



Animos acalmados...

Dou sinal com o meu modesto apito; conforme tinha ficado combinado... o nosso Alferes apita três vezes!!!

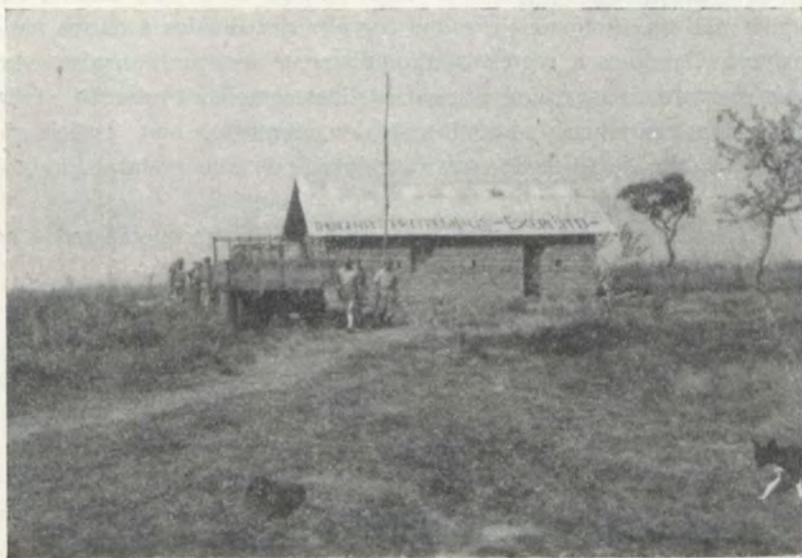
Como por encanto, levanta-se do capim um anel de capacetes; e debaixo de cada capacete, o resto completo de um soldado... Confesso que não sei o que teria pensado se, na altura, fosse preta e estivesse a recolher mandioca!!! Mas elas portaram-se muito bem; para estas coisas, as mulheres têm muito mais segurança que os homens — a força da sua fraqueza... E com toda a naturalidade nos deram as informações que com tantas canseiras havíamos buscado; afinal, teria bastado... telefonar-lhes ou mandar-lhes um postal pelo correio!...

Andados alguns quilómetros, começámos a avistar palhotas espalhadas e muitos nativos no amanho das terras; algumas crianças brincavam tranquilamente nos terreiros...

Revista da Cavalaria

Mas foi bem grande a surpresa daquelas gentes quando nos viram! Ao silêncio do pânico inicial, o coro inevitável dos choros e dos gritos; uma raparigota, tenta dar uma sacholada num soldado; o guia, lá consegue, na algarviada do seu quimbundo, acalmar os ânimos. Relativamente, é certo; tomando-nos por terroristas, toda a gente julgou chegados os seus últimos momentos.

Apesar de todas as explicações, não foi muito fácil convencer os nativos a regressarem à sua antiga Sanzala, para recuperarem as suas



...protecção e amparo

instalações, seus bens abandonados, as suas culturas e plantações; falou-se-lhes nos parentes que tinham em B os quais nos haviam pedido para os irmos buscar — enfim, *post tantos tantosque labores*, muitos vieram connosco, outros preferiram ficar onde estavam. Claro que já sabemos como a coisa se vai passar: lá hão-de ir parar de motu próprio, daqui a alguns tempos; os que vêm connosco servirão de isco... E quem sabe se se trata apenas de um aspecto económico: ficam alguns deles para guardarem a secagem completa da sua mandioca, e para a carregarem depois para a aldeia.

Regressamos tranquilamente; alguns dos nativos andavam de automóvel pela primeira vez na sua vida. Encantados! E foi grande a

Revista da Cavalaria

satisfação dos nativos de B quando ali chegámos, por volta do meio dia, trazendo alguns dos seus parentes e amigos, que já não viam há muito tempo e que já julgavam mortos ou perdidos... Maior ainda foi a alegria geral quando a todos distribuimos uma apetitosa refeição e algumas garridas vestimentas; miravam-se e remiravam-se — alguns já queriam ir connosco para o estacionamento!!! Afinal... tudo isto é tão fácil!!

Mas tiveram de ir para a sua Sanzala, claro.

Ficaram aí instalados, enquanto não reconstroem as suas palhotas, numa casa construída para eles pelos nossos soldados.

A cada um dos recuperados se fez entrega de avisos, escritos em línguas nativas, destinados a serem por eles distribuídos a outros nativos, convidando-os a regressar tranquilamente às suas Sanzalas, sem medo dos terroristas; o Exército garante-lhes completa protecção e toda a ajuda e assistência. A todos se deu, também, uma espécie de documento de identificação, salvo-conduto... de que gostaram muito; alguns queriam mais!...

E já alimentávamos esperanças de conseguir recuperar todas as gentes transviadas, pelos mesmos processos...

Alferes SANTOS CAMPOS



Reconhecimento armado

Fins de Setembro de 61



Pelotão (—) reforçado com três condutores-auto de reserva e levando como guias um civil europeu e um garoto nativo, vai reconhecer uma povoação e as matas adjacentes.

A coluna está organizada pelas duas da madrugada. Noite bastante escura; uma chuva miudinha tamborila nos capacetes irritantemente.

«Em marcha!» Secção A na testa, em reconhecimento, com os guias; depois eu próprio com uma esquadra; na cauda, a Secção B.

Instruções cuidadosas; aliás todo o pessoal já conhece isto bem!...

As primeiras dificuldades na progressão aparecem ao transpormos o curso do rio e, um pouco mais adiante, o de um afluente; pontes destruídas obrigam a improvisar passadiços com troncos de árvore que temos de abater a machado.

Vamos entrar em terreno desconhecido; as viaturas não podem ir para a frente; há que continuar a progressão a pé.

Quando o Sol se mostra estamos dentro de uma densa mata, cuja passagem foi extremamente difícil, por falta de visibilidade — ninguém sabia o que surgiria de um momento para outro... Todo o cuidado é pouco. E já vamos atrasados; a chegada ao ponto de primeiro destino estava prevista para as quatro e meia; onde já vão as quatro e meia!

Enfim; não houve muita demora. A almejada povoação avista-se logo que saímos daquela mata. Rápida instalação das armas; distribuição de missões; as últimas recomendações... mais uma vez! Todo o cuidado é pouco!

Cinco horas e vinte: um tiro de bazooka, sinal combinado para início da progressão. Cautelosamente, vamo-nos aproximando do numeroso grupo de palhotas... Afinal cá estamos; decepcionados! Tudo

Revista da Cavalaria

estava abandonado, desde há dias — havíamos batido em falso, após mais de três horas de marcha debaixo de água, com lama até às coxas!!!

Decidi avançar um pouco mais, para reconhecer uma sanzala, cerca de dois a três quilómetros para Leste. «Vamos embora! e com cuidado — não se esqueçam que há gente em franca rebeldia». Voluntariamente ou obrigados é sempre a tiro que nos recebem. Seja pois o tiro, também, o nosso cartão de visita. Hesitar ou oscilar, nesta horrível linha de conduta, é a queda...

Lá está a sanzala ainda um pouco longe. Mas que é isto? Todo o gentio debanda em todas as direcções; quem passou aviso, quem deu o alarme? Há-de haver por aqui uma boa vigilância! Então aí vai a confirmação: as armas, dirigidas para onde não façam estrago, anunciam-nos. Agora aproximamo-nos cautelosamente; nada, tudo abandonado. Busca esmiuçada; algum armamento. Umás palhotas incendiadas. Vamos embora, deixando bem visível, uma proclamação (aqui lhe chamam «mucanda») escrita no dialecto local, intimando-os a que se entregassem; que nós lhe garantiríamos protecção contra os terroristas; e ajudas, assistência e donativos...

Regressamos.

Estamos de novo na povoação; vamos fazer um pequeno descanso — um alto guardado... Os vícias que tinha na direcção da sanzala vêm dizer-me que o gentio, em grande algazarra, se aproxima em massa. Para bem? Para mal?

Pelo sim, pelo não — a postos de combate!

Pronto; já não há dúvidas. Já se ouvem distintamente alguns famosos gritos de guerra: interminável melopeia; como que um tam-tam — sim, lembram-se bem: aqueles filmes de terror da série Tarzan... E a onda vem-se aproximando: ouve-se, sabe-se de onde vêm, mas não se vêem. Perto de mim, o pretito guia treme e consegue dizer-me: «Se olha branco mata, tenente!!».

De súbito, a cinquenta metros, levanta-se um gigante empunhando um trabuco descomunal. Camisa branca, calção azul, um largo cinturão de coiro; sem dúvida o «condottieri». Cercam-no um magote de guerreiros armados. Mais atrás mulheres e mesmo crianças, de catanas e cacetes. Agora já não gritam; correm, atiram-se fulminantemente contra nós...

É francamente doloroso... mas tem de ser: Fogo!!

Rebenta a fusilaria; o chefão abate-se — A debandada, em correia desordenada; afinal, as balas matam... Mando proceder à limpeza e possível identificação dos caídos.

Revista da Cavalaria

Mas «a coisa» não acabou; no meu flanco direito faz-se um grande alarido — o inimigo, em grande número, tenta envolver-nos pela retaguarda... A solução era o rio com a ponte cortada; tinha de ser a vau. Ordeno-o rapidamente. Sim, não há dúvida — aqui tem de ser o tradicional «quadrado», a tal defensiva em todas as direcções, como agora se diz à guiza de grande novidade...

Os gritos, chocalhos e guisos de chamamento e reunião aumentavam assustadoramente; há, de facto, uma organização — percebo que o inimigo já atingiu o rio, que estamos cercados... Mas que temos de atravessar o rio, a todo o custo.

Ao chegarmos à margem somos alvejados; reposta enérgica das nossas armas... É aguentar, rapazes; há que localizar o vau — já sei; é naquela mancha de arvoredos. Vamos para lá, sempre fazendo fogo.

Os rebeldes estão a trinta metros de nós quando nos metemos à água; enquanto uma Secção passa, a outra cobre-lhe a passagem...

Agora sou eu que passo... Mas aí de nós; os tipos também já cá estão deste lado; em maioria esmagadora!!

Aguentar, aguentar sempre; fogo e mais fogo.

Finalmente já tenho todos os homens do lado de cá; agora há que fazer uma rotura de combate, mas em difíceis condições!! Afinal, a melhor maneira, ainda é à Cavalaria — uma enérgica sortida para aliviar a pressão inimiga...

E foi tudo! Foi o nativo que rompeu o combate... e está agora a ser perseguido...

Pouco passava das dez quando iniciámos o regresso, felizmente sem uma beliscadura em ninguém. Ao meio dia entrávamos no Quartel, depois de dez horas de trabalhos e riscos.

Tenente ALMEIDA BRUNO



Uma acção algures no U L T R A M A R



interrogatório feito a alguns presos, deu origem à notícia de que em determinada sanzala, estaria um indígena, talvez acompanhado de seus apaniguados, chave provável de um levantamento numa zona já considerada suspeita havia uma semana. Esta notícia foi obtida pelas 12h00 de um dia de Setembro. Pelas 14h00 outro preso acaba também por falar, e chega-se à conclusão que na realidade esse levantamento parecia existir, e mais, que poderia eclodir dentro de 48 horas.

O comandante da Unidade encarrega-me de sair imediatamente com o meu Pel. reforçado com uma secção, para aprisionar o tal indígena, chefe do levantamento. Não há tempo a perder, essa zona fica a 150 km de estrada má.

A primeira dificuldade surge: o desconhecimento quase total da zona onde iria operar. A maneira de o suprir, é arranjar um guia que na emergência teve que ser um dos indígenas relacionados com o levantamento. Consequência imediata, uma certeza muito relativa de conseguir chegar ao objectivo, e muitas probabilidades de «surpresas» pelo caminho.

Revista da Cavalaria

Segunda dificuldade, a de andar no mato, de noite, e o barulho natural e impossível de abafar, de 30 homens desconhecendo o terreno e caminhando às cegas.

Terceira dificuldade, o tamanho da sanzala. Mandam os Guias e Folhas editadas na metrópole sobre rusgas, que se montem anéis cercando a povoação ou sanzala a ser rusgada e haver equipas que depois entrarão propriamente no aglomerado e farão a dita rusga. Quantos homens seriam precisos para assim proceder? Até desconhecia o tamanho da sanzala.

Eram 20h00 quando cheguei ao Posto Administrativo dessa região, esclareci o respectivo chefe do que se passava, o qual se incorporou voluntariamente na coluna.

Eram 21h00 quando cheguei a um rio largo e caudaloso que dizia o preso ficar a uns 20 a 25 km do objectivo. Aqui apeámo-nos das viaturas ficando uma secção actuando como equipa de recolha. Atravessámos o citado rio e iniciámos uma penosa marcha a pé, e digo penosa por o terreno ser arenoso, e todo o pessoal ir carregado por não se saber o que apareceria e quanto tempo demoraria a acção.

Antecediam a coluna dois homens, distanciados uns vinte metros. À retaguarda atrasados uns 5 a 10 metros seguiam também outros dois homens. A marcha realizava-se em fila indiana distanciados os homens uns dos outros de 2 metros. Ao cabo de quatro horas de marcha consecutiva por mato e areia, sempre sob a orientação do «fidelíssimo» guia, este informou-me estarmos a 200 metros do objectivo. Nesse lugar mandei parar e descansar a coluna. Chamando os sargentos, deixando com os homens o oficial médico que voluntariamente quis tomar parte nesta acção, desloquei-me em reconhecimento até à sanzala.

Verifiquei que não era guardada, não havia vestígios de vida (não existiam cães nem animais domésticos) e que apesar de não ser demasiadamente grande não se poderia efectuar um cerco, que garantisse não haverem fugas, o que além da importância da perda dos presumíveis fugitivos. Nesta altura é ainda mais de capital importância, o sigilo que tem que rodear a acção como factor psicológico no indígena que se considera no mato e especialmente de noite impune e absolutamente fora de qualquer acção de tropa regular.

Resolvi dividir a «Sanzala» em três partes (pelas três secções) distribuídas aos respectivos Sargentos, e explicando-lhes que a cada cubata eles destinariam dois homens, um à porta e outro à retaguarda.

A um sinal previamente combinado o Pelotão movimentou-se à vista da «Sanzala». Mais pareciam fantasmas do que gente, sendo in-

Revista da Cavalaria

concebível a escassez de barulho de 30 homens deslocando-se o mais rapidamente possível.

Os Sargentos com as secções entraram na «Sanzala» e dispuseram os seus homens como já lhes tinha sido dito. Durante esta acção o silêncio reinante muito imperceptivelmente foi alterado. Foram montados também 4 postos de vigilância em árvores, com duas missões diferenciadas: a protecção do pelotão, detectando qualquer movimento exterior à «Sanzala» e impedir a fuga de qualquer indígena.

Consegui obter do preso que me orientava, a indicação da provável cubata onde estaria o objectivo daquela missão. Postei-me no meio do aglomerado de cubatas e dei o sinal esperado, previamente combinado: o levantar bem alto a pistola metralhadora.

O barulho e confusão imediatamente seguidos, manifestou-se durante uns escassos segundos. Cada homem ao sinal acendeu a sua lanterna eléctrica, entrou na palhota respectiva e trouxe para o centro da «Sanzala» o ou os habitantes masculinos visando sempre o menor barulho que estes pudessem fazer. Entretanto o outro soldado postado na retaguarda da habitação enquanto o outro entrou, verificou ninguém ter fugido por brechas ou buracos nas paredes da palhota, e assim que o primeiro soldado saiu levando o indígena dono da cubata, ele imediatamente garantiu que mulheres e filhos fiquem retidos na já mencionada habitação. Verificou-se que tal como na Metrópole as mulheres e crianças têm a tendência para iniciar um «berreiro» não só de choros como de insultos; contudo constatou-se, que bastava agir com autoridade para que o silêncio não fosse alterado. O homem que deu origem a esta rusga não foi preciso ser apontado entre os indígenas postados no centro de cócoras tremendo tanto de frio como de medo. Altivo e senhor de si quedou-se num mutismo absoluto apenas quebrado para afirmar ser ele o indivíduo correspondente ao nome que chamei. O objectivo principal estava alcançado, sem ter havido da parte deles o mínimo gesto de defesa devido à rapidez de execução e surpresa totalmente conseguida. Faltava apurar quais dos outros indígenas seriam os apaniguados.

Assim que os homens estiveram todos reunidos no centro da «Sanzala», montaram-se duas sentinelas para os guardar e os soldados voltaram às cubatas que lhes tinham sido atribuídas, e iniciaram uma busca minuciosa empregando todos o seu saber sobre «arte de esconder» tão desenvolvida nos indígenas. Entretanto as sentinelas às mulheres e crianças fazem-nas sair das habitações, dirigindo-as para o centro da «Sanzala» sempre em silêncio, sentando-as no chão separadas

Revista da Cavalaria

dos homens e de costas voltadas para eles. As crianças foram deixadas ao pé das mães, excepto aquelas que se julgaram terem já aproximadamente os dez anos ou mais que formaram também no chão, em grupo separado. Começaram a juntar-se num local já designado por mim, armas e artigos apreendidos nas cubatas.

Foram apontadas lanternas para as caras dos presos e foi chamado o indígena que me guiou, mantido sempre em silêncio e guardado a um canto da «Sanzala» por um soldado. Este indicou um por um aqueles que como ele eram cabeças ou simples executantes no motim a eclodir.

A rusga tinha começado às 2 horas da manhã e estava terminada às 4 horas.

Iniciou-se a marcha de regresso, com os presos, armas e papéis apreendidos conservando o mesmo silêncio. Eram 7 horas quando chegámos ao local onde estacionavam as viaturas. Haviam-se feito 40 quilómetros de mato e areia, aprisionando o chefe e cabecilhas de um levantamento, estava abortada talvez mais uma tentativa para alterar a paz e sossego que até aí essa região disfrutava.

Alferes JOÃO ANTÓNIO GAROUPA



Emboscada Nocturna



Desde que o Esquadrão havia reocupado a povoação de, apesar de todos os nossos esforços no sentido de capturar ou aniquilar os diversos núcleos de terroristas em actuação naquela zona, pouco se havia conseguido. O Pelotão que aqui estive antes do meu, capturou de uma vez duas mulheres que, depois de hàbilmente interrogadas por nativos fiéis, acabaram por indicar os locais onde os terroristas estavam concentrados; uma delas foi então encarregada de lhes levar um aviso escrito na língua deles (uma «mucanda», no dialecto da terra), no qual se lhes dava um prazo de três dias para se entregarem, prometendo-lhes mundos e fundos...

E, é claro, tudo como dantes, quartel general, não em *Abrantes*, mas sim no tal escondido povoado.

Lá fui, em reconhecimento prévio.

Um pequeno valesito, com três manchas de arvoredo em triângulo, na margem direita do rio; um largo pântano separava esse local do nosso itinerário normalmente utilizado e que passava a uns seiscentos metros das tais matas!!

Evidentemente que o inimigo tinha a sua vigilância muito bem montada, e nunca seria possível surpreendê-lo durante o dia; só talvez durante a noite, e mesmo assim, a travessia do pântano não me parecia viável, não só pela natureza lamacenta do fundo, como pela altura das águas... e, sobretudo, pelas centenas de horríveis crocodilos que por lá iam fazendo pela vida!!! Por outro lado, observámos que, quase todas as manhãs, uns grupos de homens e mulheres nativos saíam das suas matas e atravessavam um braço de pântano, com o auxílio de pranchas de madeira que depois retiravam, para irem recolher as suas culturas nas lavras da margem esquerda do rio, tudo isso debaixo da protecção de uma forte escolta armada de canhangulos!!

Revista da Cavalaria

O local distava nada menos do que cinquenta e tal quilómetros do nosso aquartelamento.

Estudei os detalhes de uma emboscada a armar aos grupos já referidos, a fim de efectuar prisioneiros e, por eles, conseguir que os rebeldes se nos rendessem, passando a viver em paz e harmonia conosco.

Para mascarar a operação, anunciei que, no dia D, às tantas, íamos a uma sanzala próxima, fazer o seu reconhecimento, e buscar lenha para as nossas cozinhas, de que estávamos de facto necessitando.

A coluna saiu com uma viatura Land-Rover à frente, na qual ia eu com dois soldados (não esquecer que se tratava de um serviço de faxinagem...), os quais voltariam para o quartel; a seguir iam os três Unimogs, de capotas fechadas — lá dentro, a Tropa apetrechada, armamento, munições; atrás, de modo a ver-se de fora, pessoal em fato de trabalho, que regressaria também ao quartel.

Chegados que fomos à tal Sanzala, os Unimogs despejaram as suas cargas de guerreiros para o interior de um edifício abandonado, isto enquanto os «faxinas» cortavam paus e juntavam lenha, com o maior barulho e o mais espectacularmente possível, carregando os Unimogs, cujas capotas passaram a deixar ver o que ia lá dentro.

Por fim, os Unimogs retiraram, tão aparatosamente como tinham chegado; e nós passámos todo o santo dia e noite, sem tugar nem mugir, escondidos no edifício, evidentemente que com vigilância montada!!

Três horas e meia da madrugada; a pé, e a caminho...

Antes do nascer do Sol, a emboscada estava montada; só nos restava aguardar...

Seriam cinco e meia, apareceu finalmente um grupinho de cinco nativos, de canhangulo às costas, falando despreocupadamente; pararam a meia dúzia de passos das bocas das nossas armas. Agora aí vem o grosso da escolta: quarenta a cinquenta homens, uns também com canhangulos, outros de catana; finalmente, um numeroso grupo de povo incluindo bastantes homens e mulheres e crianças, destas últimas poucas.

Em vez de se dirigirem abertamente para o sítio das lavras, pararam todos mui perto de nós, começaram a discutir e a andar de um lado para outro; um cipai que nos acompanhava e os outros ouvia nitidamente, disse-me que estavam a decidir se deviam ir às lavras ou voltar às suas matas, sem que se percebesse a razão da indecisão. Por fim, contra a nossa expectativa, voltaram para trás...

Dei então imediata ordem a uma das Secções para, sem barulho, tentar o envolvimento e cortar-lhes a única retirada... Mas o movimento

Revista da Cavalaria

foi presentido... e «salve-se quem puder»! Foi uma desordenada correria até ao pântano!!!

Dos abatidos, alguns foram identificados pelo cipai como terroristas de grande actividade, no início dos acontecimentos; dos perigosos.

Numerosos os prisioneiros feitos; mesmo alguns, que se tinham metido no pântano, foram apanhados por alguns dos nossos soldados que, sem olhar a jacarés, rapidamente tiraram as roupas, e de capacete, cartucheiras e armas, se meteram à água; exímios nadadores...

Ora bem: agora é preciso dizer uma coisa...

Quando fizemos a nossa instalação, ainda de noite, mandei um dos sargentos, acompanhado por um cipai, fazer um curto reconhecimento ao caminho que os inimigos deviam tomar, para ver se haveria qualquer alteração — pois as ligeiras pégadas que deixaram, não passaram despercebidas aos astutos terroristas!! Era precisamente isso que eles estavam discutindo; e se tivessem seguido os conselhos de alguns deles, nunca teriam caído na «boca-do-lobo».

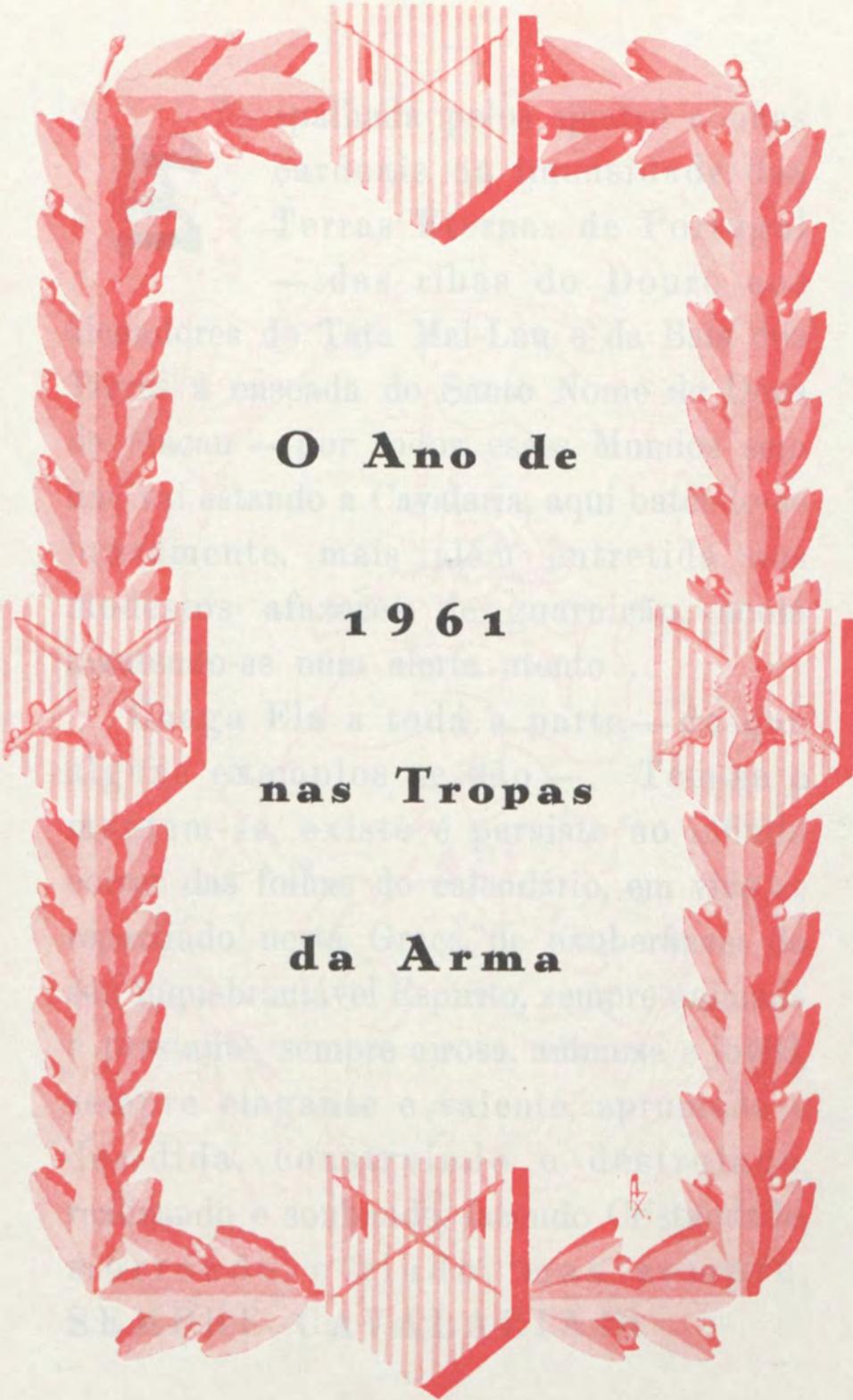
Nós outros é que teríamos ficado... de «monco-de-perú»...

Sim — e agora não me perguntem como é que regressámos ao Quartel...

Claro que foi... no eléctrico do Alto-do-Pina!!!

Alferes PAIXÃO



A decorative laurel wreath in red ink, framing the central text. The wreath is composed of two vertical branches of laurel leaves, each adorned with small berries. At the top and bottom center, and on the left and right sides, are four identical crests. Each crest features a shield with vertical red and white stripes, crossed by two red diagonal lines forming an 'X'.

O Ano de

1961

nas Tropas

da Arma



spalhada pelos quatro confins cardeais da imensidade das Terras Eternas de Portugal — das ribas do Douro aos alcandores do Tata Mai-Lau e da Baía dos Tigres à enseada do Santo Nome de Deus de Macau — por todos esses Mundos sem fim, vai estando a Cavalaria, aqui batendo-se bravamente, mais além, entretida nos modestos afazeres de guarnição, acolá mantendo-se num alerta atento...

Chega Ela a toda a parte — do que alguns exemplos se dão —. Tem-se e mantem-se, existe e persiste no infindo correr das folhas do calendário, em vida se repartindo nesta Graça de exuberância do seu inquebrantável Espírito, sempre animada e prestante, sempre airosa, animosa e jovial, sempre elegante e valente, apumada e decidida, construindo e destruindo, realizando e sonhando, fazendo Cristandade, morrendo e rindo, mas sempre, **SEMPRE CAVALARIA !!!**

Escola Prática de Cavalaria



Embora o planeamento da instrução do Exército seja concebido por forma a desenrolar-se aproximadamente dentro do espaço de tempo correspondente ao ano civil, a EPC continua a manter na sua vida interna a tradição de meter em anos lectivos as missões de instrução que lhe são atribuídas. Do facto não resultou, até aqui, o mínimo inconveniente.

Como bem se sabe, o ano lectivo da EPC tem início e duração coincidentes com o início e duração normais do Tirocínio para Oficial do Quadro Permanente (TO/QP). Desnecessário será, decerto, justificar esta preferência, que, aliás, vem já dos tempos áureos da velha e sempre saudosa Escola de Torres Novas.

Assim, pois, o ano lectivo escolar vai de 1 de Outubro de cada ano até 31 de Julho do ano seguinte, numa duração de dez meses.

De sorte que, para descrever a actividade de instrução da nossa Escola em 1961, teremos de nos reportar aos primeiros dias de Outubro de 1960 e ir de longada, através das Festas de Natal e Ano Novo, pelo 1961 fora até ao seu termo, englobando, assim, uma parte do ano lectivo de 1961-62.

A grande maioria de instrutores e monitores de então, camada brilhante de oficiais e sargentos da nossa Arma, anda agora espalhada pelas diferentes parcelas do nosso Ultramar, no cumprimento da sagrada missão de o manter tal como no-lo entregaram. Como há-de agora parecer-lhes «mesquinho» o esforço tremendo que então desenvolveram. Como hão-de sentir já risíveis as dificuldades com que tiveram de se haver como instrutores e monitores da *sua* Escola, desta Escola que os não esquece, e por isso, daqui, saudosa, os invoca.

*

Contra os preceitos mais aconselháveis para o melhor aproveitamento das qualidades do reduzido quadro de instrutores e monitores da Escola, bem como das também reduzidas possibilidades desta em

Revista da Cavalaria

materiais e campos de instrução, o Plano de Cursos, Estágios e Tirocínios para 1960 previa (como aliás, há alguns anos se vinha praticando) a realização simultânea da grande maioria das missões de instrução, no espaço de tempo compreendido entre princípios de Outubro desse ano e fins de Janeiro de 1961. E, assim, nesse período estiveram em funcionamento 8 Cursos, Estágios e Tirocínios diferentes.

Como, porém, tanto no COM como no CSM havia especializações comuns (caso da formação técnica dos chefes de Carros de Combate), e como os programas de instrução dos C Tm e CIOP para sargentos do QP eram os que também vigoravam para as especialidades idênticas do CSM, as instruções respectivas foram ministradas ao conjunto de instruendos dos diferentes Cursos interessados nas mesmas especializações.

Deste modo, de Novembro a Janeiro funcionaram realmente na EPC 7 instruções diferentes, às quais se juntou, em meados de Janeiro, o C Tm para oficiais (2.^a parte).

A especialização em CC M47 foi, por determinação superior, entregue ao GDCC, em virtude das possibilidades da EPC, para a realização eficiente de tal tarefa, serem muito restritas, dada a falta quase absoluta de campos de instrução adequados e a insuficiência do número de viaturas existentes em relação aos quantitativos de instruendos a formar.

Além do serviço de instrução, o efectivo escolar acumulou sempre com todo o serviço normal, o que torna praticamente inconciliáveis as respectivas exigências. Só à custa de muita dedicação e de alto espírito foi possível vencer e levar a bom termo as inúmeras dificuldades que a cada um constantemente se levantavam.

*

Desde Novembro de 1960 que se vinha pensando com entusiasmo na organização do exercício final do CPC (Inf. Op. Svc.) a realizar em Fevereiro de 1961. Era desejo da Escola apresentar aos CPC das outras Armas e Serviços e aos CPOS, uma demonstração bem clara das acções da Cavalaria mais vincadamente Cavaleiras, e, simultaneamente, mostrar as possibilidades que os meios orgânicos conferiam à execução de tais acções, evidenciando os apoios de que, normalmente, a Arma beneficia.

Reduzida a uma expressão demasiado simples, a nossa Cavalaria, vinha vivendo do enganoso resfolgar dos CC médios sempre que se

Revista da Cavalaria

realizavam manobras em Santa Margarida. As unidades de reconhecimento trabalhavam também, anualmente, nessas manobras e nas que nas R. M. assinalavam o termo das E. R. Vivendo sempre no restrito ambiente da D. I., trabalhando por esquadrões, só uma pálida ideia do que é e vale uma Arma, poderiam dar.

De sorte que a infelicidade de quem desprezou a palavra «Cavalaria» nos nossos Q. O. M. — lamentável esquecimento da existência duma Arma que vive em todas as Nações que dispõem duma F. A. terrestre — se foi insensivelmente generalizando, a ponto de se tornar lei racional.

Pretendendo remar um pouco contra a maré, já em anos anteriores — ainda a propósito do Intercâmbio entre Armas e Serviços levados a efeito por ocasião dos CPC — a EPC tinha tentado mostrar o trabalho dum G. E. de Cavalaria de Reconhecimento, no reduzido quadro das suas possibilidades em materiais e em campos de instrução. Não se tinha podido ir além dum modesto exercício de P. C. cujo desfecho era afinal... uma demonstração da Aviação. Era a Aviação de apoio dum G. E. Rec. que, chamada a intervir por efeito dum incidente criado, caía em cima do objectivo, num aparato tal que, decerto, por serem «p.l.» as acções da tropa terrestre, logo fez esquecer que se estava num ambiente cavaleiro.

Para o final do CPC de 1960-61 a «coisa» tinha de ser diferente. A tropa de Cavalaria teria de ser, como lhe competia, a vedeta da apresentação. Não se poderia constituir um G. E. completo, mas seria possível representá-lo condignamente e em palco adequado. Entabularam-se as indispensáveis ligações com as Unidades de CC de Santa Margarida e Comando do respectivo CIM. Procuraram-se os elementos de apoio de Artilharia, de Engenharia, e da Força Aérea. Delineou-se um tema que obrigava a uma transposição do Tejo na região de Tancos-Arripiado, seguida duma progressão através do CIM até uma linha em que, uma resistência inimiga, obrigaria a uma acção no quadro do G. E., envolvendo o empenhamento de 1 E Rec e de 1 E CC, com o apoio de 1 Bat. Art. e dos meios aéreos convenientes.

Com uma semana de avanço deslocou-se para Santa Maragariada o E Rec. escolar, a fim de, com os elementos fornecidos pelos GDCC, GCC/RC8, RAL 4, e EPE, se poder treinar convenientemente o pessoal. A actividade desenvolvida foi enorme! Em dois dias, porém, tudo — sonhos, amabilidades, canseiras, tudo... — foi inutilizado pela chuva que, em bátegas desconformes, tornou completamente pantanosos os terrenos do CIM! Não se pôde executar o almejado exercício!...

Revista da Cavalaria

Só foi possível mostrar a uma assistência, com cara igual à do tempo, a organização do ECC e do E Rec. (materializadas ambas por unidades completas) e uma demonstração das possibilidades das armas de bordo dos CC M24 e M47. Como fecho do dia destinado à Cavalaria, fez-se a transposição do Tejo, do Arripiado para Tancos. Operação muito interessante, nela foi vedeta, afinal, tropa de Engenharia, da EPE...

Ninguém poderá duvidar que, num caso real semelhante, a Cavalaria cumpriria a sua missão, a despeito das condições do tempo e do terreno. O que se tornou impossível foi a execução duma demonstração preparada de longe e que, como tal, não admitia variações de momento. O que acabou por se demonstrar, mais uma vez, foi a verdade dum preceito de ordem pedagógica que terá de ser respeitado se se de-sejar obter a máxima eficiência em Cursos desta natureza. É que a realização de tais Cursos terá de ser planeada por forma a terem, pelo menos no seu último mês, a garantia duma constância de boas condições atmosféricas.

É de destacar aqui — e é com a maior gratidão que tal se faz — o excelente espírito de colaboração traduzido na concessão de facilidades de toda a ordem, dos Comandos do CIM, da EPE, do RAL 4 e das Unidades de Cavalaria aquarteladas em Santa Margarida — Comandos a quem a EPC teve de recorrer para a organização material da demonstração que só o tempo não deixou que se realizasse.

*

Terminados os trabalhos finais do CPC/QP, com eles terminou também o período crítico proveniente da exagerada acumulação de instruções.

Só com o TAO em funcionamento, parecia possível, logo que terminassem as indispensáveis tarefas de «arrumação da casa», iniciar-se um período de instrução de aperfeiçoamento do QP, visando essencialmente a preparação de instrutores e monitores e o adextramento das praças para o cumprimento de missões futuras, tendo em atenção os ensinamentos colhidos pela experiência anterior.

Mas, é então que a vida escolar, como reflexo da situação criada ao Exército pelos sucessos de Angola, entra numa fase quase dramática em consequência das sucessivas sangrias a que é submetida. Assim, em Março, já se tinha dado a saída de um oficial superior, dois capitães e seis subalterno, instrutores feitos e por isso mesmo, de difícil

Revista da Cavalaria

substituição. Isso vai reflectir-se na instrução de aperfeiçoamento do QP e um tanto também na do TO/QP.

Em relação ao TO/QP, a necessidade de terminar a sua instrução muito antes da data normal, obrigou a alterações profundas na organização inicial, comprimindo-se alguns assuntos para dar lugar à extensão de outros, em especial no que dizia respeito à instrução básica da



CPC/QP — 1960-61

guerra de guerrilhas. Em fins de Abril foi dado como terminado o TO/QP.

O CPC/QP que se realizou de 22 de Maio a 15 de Julho teve de suportar também a constante flutuação do quadro de instrutores e monitores.

*

Em princípios de Julho inicia-se o 1.º Ciclo do CSM, com uma frequência de 775 soldados cadetes, dos quais 453 destinados a especialidades do Serviço de Intendência.

O 1.º Ciclo do CSM de 1961 funcionou em novos moldes, obrigando assim à reorganização total dos planos anteriores. Constituíram-se 5 Esquadrões de Instrução.

Os capitães e subalternos do efectivo escolar, quer como comandantes de esquadrão e de pelotão quer como adjuntos daqueles ou

Revista da Cavalaria

superintendentes na instrução de conjuntos de pelotões tiveram de desenvolver actividade esgotante durante as oito semanas que durou este 1.º Ciclo do CSM, só assim sendo possível, ainda que com naturais deficiências, levar a bom termo a importante missão de instrução.

Terminou o 1.º Ciclo do CSM com uma semana de instrução no campo — «endurecimento» — em que foi posta à prova a capacidade de resistência física e moral dos instruendos. Toda essa semana foi



COM e CSM 1961

A viatura Testa dum Pel. Rec. cai numa emboscada

vivida num ambiente que se procurou tornar o mais possível semelhante ao que terá de ser suportado em operações de guerra subversiva. E conseguiu-se, pelo menos, entusiasmar os instruendos, levando-os a colaborar decidida e alegremente nos propósitos que se punham.

Cerca de 3 semanas antes de terminar o 1.º Ciclo do CSM, iniciou-se o 1.º Ciclo COM com a frequência de 79 soldados cadetes. Para o funcionamento desta instrução recebeu a EPC o reforço de 1 cap., 2 sub. (1 do QC), 1 1.º Sarg. e 2 2.ºs Sarg. O programa de instrução era, em tudo, igual ao do CSM, pelo que foi possível aplicar já, no

Revista da Cavalaria

seu desenvolvimento, alguns ensinamentos colhidos e melhorar, assim, o nível da mesma. Isso se reflectiu, sobretudo, na semana destinada a «endurecimento», em que foi possível a execução quase perfeita das diferentes acções impostas pelo exigente programa de instrução.

Enquanto decorria a instrução do 1.º Ciclo do COM, os instruen- dos do CSM iniciaram a frequência da 1.ª parte do 2.º Ciclo respectivo, a qual tinha por finalidade a formação do graduado.

Aliviada a Escola do peso enorme que os instruen- dos destinados ao Serviço de Intendência haviam criado durante o 1.º Ciclo; a sós, agora, com o pessoal destinado às diferentes especialidades da Arma, in- cluindo o que havia sido recrutado para a Polícia Militar, entrou-se numa fase de relativa normalidade de serviços sem que se abrandasse o dinamismo que era preciso conferir à instrução.

Mas como nos primeiros dias de Setembro, se iniciou o funciona- mento de um «*Estágio de Material Panhard*», para oficiais e sargentos, eis-nos, de novo, durante esse mês, numa concentração de instruções que torna sempre crítica a vida da Escola, pela dispersão de activida- des a que são obrigados os instrutores e monitores.

A complicar o problema, foram obrigatòriamente nomeados para a frequência do referido estágio, um dos subalternos do QP e dois furriéis da Escola. Sabia-se já que esses três elementos, uma vez termi- nado o Estágio, deixariam a EPC com vista ao desempenho de missões no Ultramar. De modo que, em previsão do futuro, obteve-se auto- rização para que 4 sargentos do ERec. escolar frequentassem o Está- gio. E, assim, as instruções do COM e CSM não puderam contar com a participação daqueles 7 elementos.

Em 23 de Setembro terminou o 1.º Ciclo do COM, iniciando-se a 25 a instrução da 1.ª parte do respectivo 2.º Ciclo que, como a idêntica do CSM, se destinava à formação do graduado, mas com a enorme diferença de se processar apenas durante 3 semanas, enquanto a do CSM durou 7. Só é possível compreender esta diferença pela impe- riosa necessidade de ambos os Cursos terminarem na mesma data e de convir que as instruções da 2.ª parte do 2.º Ciclo se iniciassem ao mesmo tempo e funcionassem em conjunto.

Durante a 1.ª Parte dos respectivos 1.ºs Ciclos, tanto os instruen- dos do COM como os do CSM continuaram a receber instrução intensa, de dia e de noite, sobre as já clássicas acções de emboscada, de golpes de mão, de limpeza, de batidas, etc., comandando, agora, as unidades elementares encarregadas de representar os guerrilheiros e as que tinham por missão a contra-guerrilha.

Revista da Cavalaria

Poderá julgar-se que nunca a insistência será demasiada, mas somos, contudo, de parecer que, para além da manutenção da forma física, é difícil conseguir progressos sensíveis no desembaraço dos instruendos, por maior realidade que se possa dar à instrução. Há inevitavelmente tendência para o «adormecimento» pois que essa «realidade» não pode ser nunca... real. Por outro lado, nesta fase, o instruendo



COM e CSM (M 47) — Uma turma em instrução de fogos reais (Foz do Arelho)

anda já demasiadamente preocupado com as classificações dos testes e outras provas — as quais contam para a média final — para se interessar convenientemente com as saídas nocturnas para o campo, em repetição de emboscadas, golpes de mão, batidas, limpezas, etc.

Na última semana de instrução desta fase, mais uma vez o COM e CSM estiveram no campo em regime de «endurecimento» e em execução de exercícios tipo surpresa em que, se foi evidente a manifestação de boa forma física e moral e se manifestou melhor conhecimento da execução de determinados pormenores de acção individual, também foi possível verificar um certo gastamento no entusiasmo colectivo.

A 27 de Setembro, em cumprimento de determinações superiores, começa a funcionar uma instrução intensiva para os instruendos do COM e CSM que, por motivo justificado, haviam perdido a frequência dos respectivos 1.^{os} Ciclos. Terão de, no espaço de 3 semanas, ser

Revista da Cavalaria

postos em condições de se incluir na instrução da 2.^a Parte do 2.^o Ciclo dos respectivos cursos. Para essa instrução é distribuído 1 subalterno e 2 sargentos do QP da EPC. São, ao todo, 28 instruendos (7 do COM e 21 do CSM). Aumentam, assim, as dificuldades mas não esmorece, ainda, o ânimo do conjunto.

No fim das 3 semanas de instrução verifica-se que possuem já os conhecimentos básicos indispensáveis à frequência da 2.^a parte do



COM e CSM — 1961 — Reacção a uma emboscada

2.^o Ciclo — período destinado às especializações da Arma. Em Janeiro de 1962, terão ainda 4 semanas de instrução em que se procurará aperfeiçoar a instrução geral recebida e a receber os conhecimentos necessários a futuros graduados.

Em 16 de Outubro deu-se início à instrução da 2.^a Parte do 2.^o Ciclo dos COM e CSM com as seguintes especialidades: Reconhecimento, Reconhecimento (M24, Panhard, Humber e Fox), CC (M47 e M4A1), Polícia Militar, Assuntos Cíveis e Vaguemestres.

Numa 1.^a fase, com a duração de 3 semanas, a totalidade dos instruendos, com excepção dos destinados às especialidades do Serviço de

Revista da Cavalaria

Preboste, receberam instrução geral de reconhecimento, com o objectivo de ficarem a conhecer a organização, características, missões e modo de actuar das secções de exploração, de atiradores e de apoio que constituem os pelotões de reconhecimento.

Tal instrução, a ministrar a 345 instruendos exigiu tremendo esforço de organização e de execução, dada a exiguidade relativa de instrutores, monitores e material de que a Escola podia dispor. De acordo com as imposições superiores continuou-se a instrução relativa às acções de guerrilha e contra-guerrilha, instrução essa que, entre outras virtudes, teve a de servir de volante na coordenação geral das actividades das diferentes turmas em que foram repartidos os instruendos. Mesmo assim, da Direcção de Instrução, saíam, semanalmente 5 programas-horários convenientemente detalhados, o que no conjunto, constitui um quebra-cabeças de respeito.

Mas, ao iniciar-se, em 6 de Novembro, a 2.^a fase da instrução, o quebra-cabeças tomou muito mais altas proporções. Durante as 7 semanas que durou, teve a Direcção de Instrução de elaborar, semanalmente, 14 programas-horários diferentes, única maneira de coordenar as actividades das diferentes especialidades (agora com instrução independente) e as que decorriam do imperativo de ter de se continuar a instrução geral de guerrilha e contra-guerrilha para a totalidade dos instruendos.

A 7.^a e última semana de instrução foi completamente destinada a exercícios no campo. Para isso houve que organizar 3 grupos de instrução diferentes e para cada um elaborar programas de exercícios.

Para um dos grupos — especialistas do Serviço de Preboste — houve que pedir reforço de viaturas e de condutores.

Outro grupo — especialistas de Carros de Combate Médios — para ter alguma prática de trabalho no campo com subunidades de carros, teve de se deslocar para o CIM de Santa Margarida, onde, com a *cavaleira* colaboração dos Comandos do CIM, do GDCC e GCC/RC. 8, foi possível desenvolver os conhecimentos tácticos muito teòricamente aprendidos durante as 6 semanas anteriores na EPC.

Ao 3.^o grupo — especialistas do ramo «reconhecimento» — estava destinada uma missão especial: demonstração das acções fundamentais da tropa de cavalaria num ambiente de guerra subversiva.

Para o cumprimento desta missão, se se poderia contar com a boa vontade e entusiasmo de todos, havia, em contrário, a pouca experiência da totalidade dos oficiais, sargentos e praças da Escola. O que se sabia era, apenas, produto das leituras de revistas e publicações mi-

Revista da Cavalaria

litares nacionais e estrangeiras. Vagamente chegavam até nós, também, as lições da experiência obtida em Angola. As decisões foram tomadas após longas e extenuantes discussões, natural consequência da... falta de prática. Mas assentou-se, enfim, na escolha das acções a realizar (um reconhecimento de itinerário e a ocupação dum ponto crítico, protecção dum itinerário e escolta dum comboio de viaturas) e, após, minucioso reconhecimento de terreno, dos incidentes a criar.

Envolveu-se no problema o E. Rec. Escolar, com 2 Pel. Rec. M 24 e 1 Pel. Rec. «AM Panhard», guarnecidos com pessoal do COM e CSM.

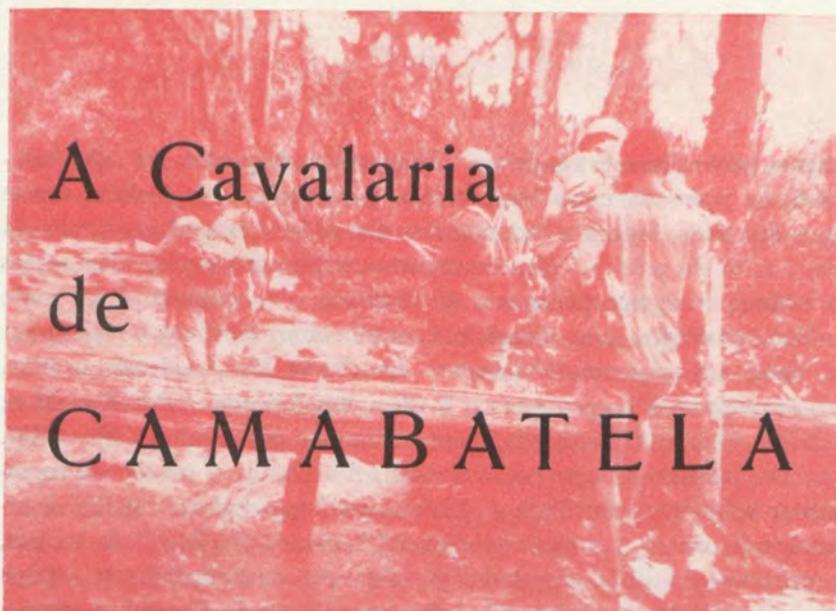
Ao pessoal restante dos 2 Cursos foi atribuída a missão de representar o inimigo guerrilheiro. Elaborou-se, com todo o detalhe, a organização material e táctica do exercício-demonstração. Três treinos, o primeiro dos quais num domingo, afinaram convenientemente a tropa encarregada da execução. E, enfim, no dia 20 de Dezembro, com a assistência dos Ex.^{mos} Director da Arma e Brigadeiro Inspector, e na presença dos Comandantes das diferentes Unidades de Cavalaria, ou seus representantes, foi possível demonstrar que o ambiente da guerrilha bem poucas novidades traz aos cavaleiros com alguma experiência do serviço de campanha e, portanto, com o clássico *espírito cavaleiro* suficientemente desenvolvido.

As acções em ambientes pouco ou nada esclarecidos, a necessidade decorrente de se possuir reflexos rápidos para fazer face à surpresa sempre iminente, reflexos que têm de existir nos chefes e nos executantes de todos os graus para que às rápidas decisões correspondam execuções velozes e potentes — tudo isso que, basicamente, tem de existir em quem tenha de viver climas de guerra subversiva, é, com efeito, alicerce clássico e velho apanágio dos cavaleiros de todos os tempos.

Terminaríamos mal estas linhas se não puséssemos em destaque o excelente espírito com que os esforçados rapazes do COM e CSM encararam as mil canseiras que esta demonstração lhes acarretou, a culminar uma instrução em que, desde o início, tudo se fez para lhes tornar a vida em oceano de incomodidades de toda a ordem.

O desembaraço e espírito de sacrificio geralmente manifestados constituem esperançoso indício de fortalecimento do reduzido quadro de instrutores e monitores da Arma e, se tanto for necessário, do robustecimento das Unidades de Cavalaria que, no Ultramar, se empenham, também, na missão geral das Forças Armadas de defender o solo sagrado da Pátria.

Brigadeiro CORREIA BARRENTO



amos procurar mostrar resumidamente como tem decorrido a acção desta Unidade desde que assentou quartel em Camabatela, depois de haver desembarcado e estacionado algum tempo noutra região.

É uma Unidade do tipo semi-motorizado, de atiradores. Apesar disso, foi utilizada como Unidade de Reconhecimento, na missão geral de assegurar a livre circulação ao longo de itinerários — facto que a todos agradou sobremaneira pois, como é evidente, melhor preparados estávamos para a actividade que nos foi atribuída, como Cavalaria que somos.

Conquanto não parecesse difícil, pela natureza dos terrenos circundantes, a missão que nos foi atribuída não era muito fácil, não só em virtude da extensão do itinerário a garantir — da ordem dos 150 quilómetros — como ainda pelo gradual incremento que se vinha notando nas actividades inimigas; quanto mais para Norte se ia, maior volume essa actividade tomava.

Passada a expectativa dos primeiros dias, em que se esperava, em todas as curvas do caminho uma emboscada e em cada lombada da estrada uma cortadura — o que até certo ponto era normal dado o extraordinário volume com que qualquer incidente nos era relatado pelos civis que do Norte vinham — a Unidade iniciou a sua actividade ope-

Revista da Cavalaria

racional a qual, baseada nos conhecimentos teóricos que nos tinham sido ministrados e no resultado da experiência dos habitantes da região, consistiu inicialmente em reconhecimentos ofensivos, incluindo abertura de picadas nas proximidades do itinerário, por forma a podermos garanti-lo mesmo nas zonas mais ameaçadas.

Cedo, porém, se verificou que não bastaria este trabalho para cumprir a missão imposta, pois que o inimigo se tinha refugiado a distâncias da ordem dos trinta quilómetros e estava em condições de: deslocar-se



Será emboscada?

a pé, a corta-mato; a partir dos seus estacionamentos, operar, de madrugada, golpes-de-mão sobre o itinerário à nossa responsabilidade; havia, portanto, que limitar-lhe os movimentos e que impedir-lhe essas deslocações. Assim, tínhamos que surpreendê-lo nas próprias zonas em que se agrupava, atacá-lo, destruí-lo... ou recuperá-lo para as nossas fileiras de paz; mas não seria possível aproximarmo-nos desses núcleos, sempre vigilantes, a não ser que o fizéssemos apeados.

Procurámos, portanto, normalmente durante a noite e apeados, bater aquelas zonas, com pequenos efectivos, criando assim ao inimigo aquela instabilidade e insegurança que ele nos impunha, abatendo-lhe

Revista da Cavalaria

o moral. A par desta actividade, procurou-se simultâneamente — em face das poucas notícias que conseguimos então pesquisar acerca daquelas zonas onde ainda havia propriedades em exploração — acorrer ràpidamente aos locais que se supunha que iam ser atacados, ou, no mínimo, organizar a perseguição persistente dos atacantes, de forma a castigá-los, quando possível, ou a cercear-lhes a iniciativa futura.

Não esperava o inimigo por esta nossa atitude activa pois, segundo hoje sabemos, quando foram «doutrinados» pelos seus «chefes», estes



Ação de cerco e batida

disseram-lhes que lhes bastaria atravancar as picadas com obstruções de toda a natureza, fazer-lhes cortaduras, interrompê-las com abatizes, etc., para que tudo corresse a seu favor. Começaram, portanto, eles próprios a afastar-se para locais menos acessíveis, mais distantes do itinerário e que lhes garantiam uma relativa segurança mas lhes impunham piores condições de vida, do que foi resultando, a pouco e pouco, a sua concentração em grupos mais numerosos, sobre os quais nos era mais fácil exercer controle e desencadear ações ofensivas.

Evidentemente que o problema essencial ainda se não encontrava resolvido, isto muito embora a actividade desenvolvida até aí tivesse sido profundamente importante e tivesse posto à prova a resistência e

Revista da Cavalaria

espírito combativo do nosso Soldado. Apesar de não ser de temer novas acções sobre o itinerário, impunha-se-nos a eliminação completa dessa possibilidade, o que só seria completamente conseguido pelo total desmembramento, destruição ou recuperação das forças inimigas. Esse objectivo essencial foi depois conseguido gradualmente, graças a um conjunto de acções de cerco e batida conduzidas com pertinaz continuidade por maiores efectivos.

Como é natural, nem sempre se obtiveram os resultados procurados; muito embora a técnica de combate empregada pelo inimigo, na sua resistência, fosse bastante rudimentar, opôs-nos sempre embaraçosas dificuldades e, muitas vezes, levou-nos a ter de abandonar o êxito completo que procurávamos, impondo-lhes, no entanto, uma mudança obrigatória de refúgio e consequente desmoralização, o que já constituia um bom fruto da nossa acção.

Mercê desta persistente acção, não tardou que se começasse a levantar, entre as forças inimigas, dúvidas quanto à sua forma de actuação e, sobretudo, descrença nos seus «chefes». Em presença das dificuldades que se lhes apresentavam para viver; acoçados a todo o momento e em todos os pontos, os aliciados começaram a renunciar aos «juramentos» que tinham feito inicialmente e que os mantinham ligados a tais «chefes». E assim, rendendo-se ora em pequenos grupos, ora individualmente, regressavam a pouco e pouco às suas sanzalas, retomando a sua vida pacífica anterior, dizendo-se agora dispostos a manterem-se em ordem e tranquilidade, na esperança de novas possibilidades.

Passámos, então, à segunda parte da nossa tarefa, empenhados em ajudá-los, através de escolas rústicas e de ofícios, assistindo-os com meios sanitários e outros auxílios, e procurando, por todas as formas, melhorar-lhes o nível de vida, tanto material como mental.

Julgamos assim ter cumprido a parte inicial da nossa missão: o itinerário confiado à nossa guarda tem continuado seguro e garantido; e embora seja ainda cedo para se fazer uma apreciação de resultados, no que se refere à nossa missão actual, estamos plenamente satisfeitos em presença da mudança operada, desde que aqui chegámos.

Na realidade — viemos «Por Bem»!!

Capitão SILVA BAPTISTA

A Cavalaria de Malange



sta Unidade embarcou em Lisboa em fins de Maio, desembarcando alguns dias depois em Luanda, onde foi recebida entre os aplausos e as saudações entusiásticas da população.

Após curta estadia na Capital da Província, recebeu a missão de se deslocar rapidamente para a região de Malange. Vencidas algumas dificuldades que se apresentaram, algum tempo depois estava estabelecido o dispositivo determinado.

A zona de acção atribuída à Unidade pode considerar-se dividida, sob o aspecto operacional, em duas partes distintas:

— a primeira compreendendo uma região, onde de início se haviam registado violentos actos de terrorismo, mas que se encontrava já praticamente pacificada, exigindo apenas acções de vigilância da fronteira, protecção e captação das massas nativas, patrulhamentos e reconhecimentos — do que foi encarregado um Pelotão reforçado;

— a outra parte compreendia a extensa área dum Posto Administrativo, na qual se tinham feito sentir, com mais intensidade, as actividades do inimigo que, embora mais atenuadamente, ainda se mantinham. Para esta vasta área foram destacadas as restantes forças, que acabaram por ser distribuídas entre a povoação sede do Posto e o centro comercial mais próximo.

A população branca destas longínquas paragens viveu, no início dos acontecimentos, horas de grande ansiedade e incerteza pois a única protecção de que dispunha contra as numerosas hordas inimigas que infestavam a região era a que lhe poderia ser dada por uma Unidade de Caçadores aquartelada a 250 quilómetros de distância! Assim, a nossa chegada veio trazer a todos a necessária calma e uma maior confiança no futuro.

Na realidade, a situação inicial era muito pouco auspiciosa; com efeito, cerca de metade das populações nativas da área, computadas

Revista da Cavalaria

em perto de dez mil habitantes, tinha abandonado as suas sanzalas, seja por adesão, voluntária ou coagida, ao movimento subversivo, seja com medo das actividades e represálias dos terroristas; outros nativos, que se mantiveram fiéis, refugiaram-se na área da Sede do Posto Administrativo, o que veio pôr novos problemas. Desta forma se criou uma reduzidíssima área povoada, espécie de ilha no seio de uma enorme extensão completamente abandonada ao inimigo, onde este se encontrava perfeitamente à vontade, em terreno conquistado e que pilhava



O Aquartelamento

e talava a seu querer. Dos poucos itinerários existentes, a maioria estava cortada quer por pesadíssimas abatizes, quer por enormes valões, quer ainda por destruição das numerosas pontes, tudo isto entre mata-gais sem-fim, que tudo podiam esconder e donde podiam surgir inesperadamente as mais violentas ameaças.

Concluído o dispositivo de ocupação, logo se deu início à actividade operacional — minuciosos e cuidadosos reconhecimentos da extensa zona de acção, patrulhamentos dos itinerários, sua desobstrução e vigilância, acções de cobertura e protecção dos trabalhadores durante a colheita do algodão, principal produto da economia da região, escoltas diversas, etc.

Revista da Cavalaria



As pontes destruídas não impedem a progressão



Patrulha na selva

Revista da Cavalaria

Foi-se verificando que, à medida que as nossas Tropas se internavam no mato, as hordas inimigas, aí instaladas em numerosos grupos, fugiam ao combate e iam abandonando a pouco e pouco as suas concentrações, disseminando-se e tendo acabado por se estabelecerem em pequenos grupos, fora dos limites da zona de acção da Unidade.

A difficilima limpeza destas áreas foi conseguida por acções constantes e contínuas de patrulhamento, batidas, golpes de mão e emboscadas desenvolvidas sem interrupção, dia e noite, num propósito de



Há que ir para a frente!...

gastamento do inimigo por sucessivas «vassouradas». Durante este árduo período, as nossas Tropas sofreram também vários ataques de emboscada, um dos quais se revestiu de grande importância pelos numerosos meios utilizados pelo inimigo, que causaram algumas baixas.

No entanto, mercê desta constante actividade, repetida, sem descanso, como as ondas na praia, que se mantinha apesar de todas as dificuldades, e contrariedades, com uma teimosa persistência, numa tenacidade de penetração a todo o custo, as massas terroristas acabaram por abandonar a zona de acção a nosso cargo e juntaram-se às que actuavam a Norte, onde então constituíram algumas concentrações importantes.

Revista da Cavalaria

Nesta contingência, a nossa Cavalaria em acção coordenada com a vizinha Unidade de Caçadores, atacou sucessivamente cada uma daquelas concentrações, depois de previamente as ter isolado.

Estas operações permitiram-nos eliminar aquelas concentrações e, finalmente, recuperar a Sede dum Posto Administrativo há muito nas mãos do inimigo e onde se procedeu antes de mais nada, ao hastear da



A caminho

Bandeira Nacional com todas as Honras Militares prestadas conjuntamente pelos elementos de Cavalaria e de Caçadores, cujas acções combinadas tinham permitido tal sucesso, de que resultou ainda o restabelecimento da ligação perdida de há muito com outras Forças Nacionais. Acções de limpeza final tiveram lugar ao longo do curso de dois rios; numa delas, um lamentável acidente ocorrido na passagem de um deles, veio enlutar a Unidade com a perda de seis homens.

Mas não só no campo operacional se tem desenvolvido a actividade da Cavalaria de Malange, que encetou uma intensa acção psico-social no sentido de criar nas populações nativas um sentimento de confiança

Revista da Cavalaria

nas Forças Armadas; e, mais objectivamente, de recuperar as massas indígenas extraviadas. Estas finalidades, pode dizer-se, têm sido amplamente alcançadas, podendo-se hoje contar inteiramente com o apoio amigo das populações da região, sob todos os pontos de vista; simultaneamente, começou-se já a verificar o regresso, aos seus antigos lares, de inúmeros nativos que de início haviam abandonado as suas Sanzalas.



Reocupação

Outro aspecto importante que interessa focar, diz respeito aos nossos próprios soldados; é admirável a maneira como souberam adaptar-se ao difícil ambiente que aqui vieram encontrar. Desde o início, demonstraram excelentes qualidades combativas e plena consciência do dever a cumprir; amoldaram-se excelentemente às operações especiais a que este tipo de guerra obriga; souberam encarar com naturalidade as difíceis condições de vida do mato, desprovida daquele conforto que a rotina da vida metropolitana lhes garantia; fraternizaram com o nativo — revelaram, a cada passo e em todas as circunstâncias, um espírito de sacrifício e uma alta noção do dever, que muito honram a nossa Arma e o Exército Português.

Capitão SANTOS TEIXEIRA

A Cavalaria do Negage



uma bela madrugada, esta Unidade arribou ao Porto de Luanda. Era domingo. Nos cais apenas se viam, além de uns carregadores, alguns elementos da Polícia Militar.

A curiosidade espelhava-se no rosto de cada um de nós, principalmente daqueles que nunca haviam saído da Metrópole; a curiosidade, a expectativa e a ânsia de confirmar as notícias — que só foram cortadas pela ordem para desembarque.

Uma vez em terra, a realidade do chão firme fez sentir a cada um de nós, mais profundamente do que até então, o peso da missão que nos esperava; mas todos nos sentíamos orgulhosos desta oportunidade de mostrar, no «campo da verdade», o que valíamos — orgulho talvez que em nós recruscedeu até às raias da vaidade, quando desfilámos, peito cheio de ar, por entre a apoteótica recepção com que as gentes de Luanda nos honraram, numa manifestação de esperança e de confiança nestes soldados acabados de chegar.

Por ali se ficou a Unidade, procurando completar, praticamente, nos arredores da cidade, as noções ministradas acerca da guerra da selva, das emboscadas e das operações de guerrilha; mas curta foi a demora.

Numa inesperada convocação ao Comando, uma vez exposta a situação geral, foi-nos dada missão: a nossa Unidade e outra também recém-vinda da Metrópole, deslocar-se-iam oportunamente a fim de, em coordenação, assegurarem um itinerário de nada menos do que 450 km — de estradas, caminhos e picadas — que se desenrolavam no mato africano em plena zona de acção inimiga.

Iniciou-se a deslocação, por Pelotões; o primeiro a largar foi o pelotão B, seguido, a alguns dias de distância pelo pelotão C; finalmente marcharam ao seu destino os restantes elementos — e por fim ficou de novo reunida a Unidade algures na região de Negage.

Revista da Cavalaria

Cabiam-lhe 250 quilómetros do itinerário a vigiar, numa região francamente dominada pelo inimigo, na própria boca-do-lobo! Mais do que vigiá-lo, havia que recuperá-lo, disputar-lhe a posse, havia que dominar, havia que conservar o recuperado e assegurar a livre utilização do longuíssimo itinerário.

Analisou-se detalhadamente a situação e estabeleceu-se um plano de acção; distribuíram-se os meios, atribuíram-se missões — e inicia-



Em progressão

ram-se as operações, entrando-se num período de actividade constante, de dia e de noite, sem descanso, sem relaxe; aqui se ataca, além se protege; reconstroem-se pontes, desobstroem-se as estradas, limpam-se os ninhos inimigos — mas tem de se assegurar a todo o momento a própria segurança. Porque o Inimigo também ataca denodada e ferozmente; emboscadas, contra-emboscadas, patrulhas, reconhecimentos, minas, tiros, abatizes...

Ontem foi o Pelotão B atacado inesperadamente, quase à queimadoura, quando escoltava uma coluna automóvel civil que ia recuperar mercadorias abandonadas no princípio da insurreição; agora é a vez do Pelotão C, o qual marcha a proteger uma pacífica povoação ameaçada, conseguindo reunir os seus habitantes, que o medo disper-

Revista da Cavalaria

sara, reconduzi-los a suas casas, afastar os terríveis atacantes e insuflar nos reinstalados inteira confiança; noutra ocasião é o Pelotão A que, depois de reconstruir uma ponte com sete metros de vão, entra de rompante num ninho de terroristas armados que tampouco esboçam qualquer reacção, amedrontados, aniquilados pela rapidez e pelo atrevimento da operação, graças à qual a ida às plantações, ontem impossível, deixou de constituir problema.

Após alguns meses de constante actividade, é superiormente ordenada ampla remodelação de dispositivo; a Unidade vai agora ocupar



Duas horas para limpar

outros pontos numa região que, em face dos objectivos do Comando, devia estar ocupada dentro de determinado prazo. A simples deslocação foi difficilima, feita obrigatoriamente debaixo de um nevoeiro que fechava a visibilidade a dez metros de distancia! Mas à tardinha atingimos finalmente o ponto de primeiro destino, depois de percorrer uma centena de quilómetros de caminhos e picadas constantemente cortados por valas e abatizes; e abatizes monumentais, de árvores seculares, formidáveis, cuja madeira resiste à acção do explosivo e tem de ser cortada à serra e a machado, em troços deslocáveis para fora do leito do caminho, que as viaturas não podem abandonar. Horas de suor, sempre sob a tensão da expectativa de um ataque inesperado, de um encontro, de uma potente armadilha...

Revista da Cavalaria

Na manhã seguinte a Unidade formou na sua máxima força para prestar as Honras regulamentares à Bandeira Nacional; a emoção é verdadeiramente indescritível; há lágrimas nos olhos destes Homens curtidos já por alguns meses das realidades da campanha — quase uns veteranos...

Quatro dias ali estivemos reunidos enquanto um pelotão construía o seu futuro acampamento, outros pelotões reconhecem e batem toda a



Solene apresentar armas

região até ao curso de um rio, encontrando enormes sanzalas desabitadas, mas com as panelas ao lume, ainda aceso...

Ali ficou destacado um pelotão; os restantes elementos dirigiram-se para outro ponto e é a partir dele que outro pelotão vai enfrentar decisivamente os terroristas nas suas próprias tocas.

Passam-se meses; a «táctica» inimiga evolui — deixa de atacar em massa, foge aos contactos desfavoráveis, refugia-se no mais recondito das matas, para dali sair, pela calada da noite, para atacar nunca se sabe onde, e desaparecer... É a guerrilha! Nos seus covis, o inimigo está constantemente em vigilância; as suas sentinelas são formidáveis, vendo e ouvindo de tal maneira que, mesmo durante a noite, é quase impossível surpreendê-las. Mas aqui não há impossíveis; a tenaz e bem orientada persistência da nossa Tropa o comprova...

Revista da Cavalaria

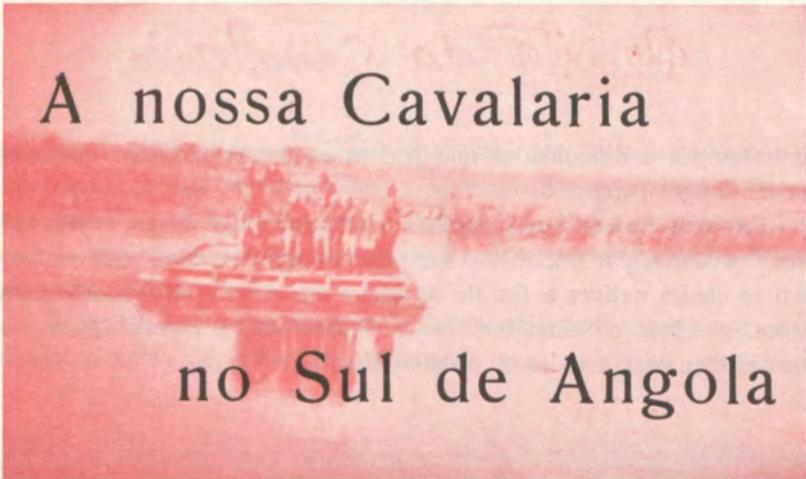
E destes oito meses passados nestas terras de Angola combatendo o terrorismo na zona em que ele se manifestou mais intensamente, muito mais poderia ser dito. Trabalho e esforço, risco e denodo — sobretudo daqueles de cujos nomes ninguém ouvirá falar, mas que cumpriram também como os melhores.

Da actuação da Cavalaria de Negage só o futuro poderá avaliar; o que podemos afirmar é que nos guiou sempre o alto Ideal de contribuir de boa-vontade, abnegadamente, com toda a nossa alma de Cavaleiros, com a nossa quota-parte, na resolução do problema posto a Angola, a Portugal.

Capitão PEREIRA CALIXTO



A nossa Cavalaria



no Sul de Angola

Algum tempo depois da sua chegada e feita uma longuíssima viagem através da imensidade angolana, esta Unidade instalou-se numa pequena povoação do interior, com a missão de:

- reconhecer e patrulhar toda a sua zona de acção;
- garantir a segurança dos respectivos itinerários;
- desenvolver uma orientada acção psicossocial entre as populações nativas locais.

Deve dizer-se que aquela zona de acção apresentava uma área quase tripla da área metropolitana; que algumas das estradas e caminhos eram rudimentares.

Mas, as informações quanto à situação eram boas, dando toda a região como perfeitamente calma e tranquila. Na realidade, recebidas ali as notícias, e os inúmeros boatos, acerca dos acontecimentos do Norte, as populações do Sul tinham forçosamente vivido horas de ansiedade; porém, até à nossa chegada, a ordem e a paz não tinham sido alteradas e todos continuavam fazendo a vida normal de todos os dias.

Os patrulhamentos e reconhecimentos ordenados foram iniciados sem demora, primeiro em trajectos da ordem dos 400 a 500 quilómetros, sucessivamente alargados depois até atingirem as distâncias médias dos 1.200 a 1.500 quilómetros, percorridos em 10 a 15 dias.

Os tempos que duram estas missões são, porém, muito variáveis pois nunca se pode prever o estado dos caminhos, as possibilidades das pontes, os consertos e reforços que estas exigem, etc., nem os demais

Revista da Cavalaria

contratempos e dificuldades que podem encontrar-se inesperadamente em tão longos percursos.

Em seus trajectos as patrulhas visitavam todas as povoações que encontravam e, por intermédio dos guias-intérpretes, tomavam contacto com os chefes nativos a fim de se inteirarem dos problemas das populações, recolher notícias, fornecer medicamentos e outras ajudas aos doentes e prestar a todos os auxílios possíveis.



Uma ponte

Nestas actividades, as patrulhas eram de início recebidas com grandes reservas e mesmo receosamente; no entanto, estabelecidos os primeiros contactos, vinha a pouco e pouco a confiança e uma oferta de «presentes» acabava por garantir um amistoso entendimento.

Em determinada ocasião, o patrulhamento incidiu com maior intensidade, a pedido das Autoridades Administrativas, sobre uma região definida, muito populosa da qual tinham começado a aparecer indivíduos até então por ali desconhecidos. Um pelotão reforçado foi encarregado de rebuscar as povoações, num longo percurso, revistando as

Revista da Cavalaria

palhotas e entregando aos Chefes de Posto, que acompanhavam estas diligências, os nativos «imigrados». Aprenderam-se também armas de fogo primitivas e inúmeros arcos, flechas e machados de guerra. Esta foi, em boa verdade, uma das operações de maior importância desempenhadas pela Unidade...

Cerca de dois meses mais tarde, fomos transferidos para uma localidade, a cerca de mais 600 quilómetros para o interior com missão



A 14 horas de estrada

comparável à anterior, mas numa zona de acção muito menor (metade da área da Metrópole), mas incluindo uma grande extensão de fronteira, tendo sido reforçada com mais meios de transporte.

Nesta nova situação, o problema inicial a resolver foi o do reabastecimento das tropas. Com efeito, em toda a zona de acção, o número de europeus estabelecidos não era grande, a maioria já com hábitos de alimentação resolvidos pelos recursos locais — o que não sucedia com o pessoal da Unidade. Assim, teve de ser posta à prova a nossa capacidade de improvisação e de adaptação; instalámos fornos para pão, que tivemos de aprender a fazer; organizámos o abate de gado grosso e o seu esartejamento — e outras artes quejandas!

A nova zona de acção foi repartida pelas subunidades, iniciando-se o seu patrulhamento intenso, quer por elementos autotransportados quer

Revista da Cavalaria

por elementos apeados. As patrulhas, de efectivo variável, levavam consigo alimentação suficiente, dormiam no mato e, embora com grandes dificuldades, mas graças ao extraordinário poder de adaptação do homem do povo lusitano, foram estabelecendo ligações fraternais com os nativos os quais, agora já habituados a ver as nossas fardas por toda a parte, perdem o receio manifestado de início e recebem-nos com toda a confiança e mesmo amizade.

Neste sentido se tem procurado desenvolver simultâneamente uma larga orientação psicossocial, tendo-se fornecido pessoal para ministrar educação física aos garotos das escolas e das Missões locais. O Médico e seus auxiliares sanitários têm percorrido as diversas povoações onde se dão consultas e se prescrevem tratamentos aos doentes e fracos. Aplicam-se as prescrições, fornecem-se medicamentos — do que tudo se têm colhido esplêndidos resultados.

O indígena destas regiões continua vivendo calmamente; não tem problemas, nem sente grandes necessidades; trabalha pouco — mesmo quando bem remunerado não demonstra grande vontade de ganhar dinheiro; para quê?! É gentil e amável, correcto e delicado, respeitador e submisso; processa vagarosamente, mas por vias seguras e métodos pacíficos, o seu desenvolvimento, lenta e suavemente, como o amadurecer de um fruto...

A Unidade, como se viu, não teve ainda qualquer actividade de combate pelo fogo; presumimos que, nesta zona, isso lhe não seja imposto, pelo menos por influência interna do aborígina, desde que saibamos actuar e orientar convenientemente a nossa actuação.

No entanto, é bem preciso estar prevenido para o que der e vier; por enquanto, o que é necessário é galvanizar o franco entusiasmo de todos, para que se consiga manter a boa disposição neste fim do mundo, a catorze horas de estrada do ponto de civilização mais próximo, tendo como único possível divertimento um pouco de desporto, em campos abertos a golpe de machado no meio do mato!...

Capitão GALEANO TAVARES

O Esquadrão de Cavalaria de Luanda

Acerca do Esquadrão de Cavalaria de Luanda mais não é necessário fazer do que a seguinte transcrição — nem necessário, nem conveniente. Ela diz tudo...

Da Ordem de Serviço N.º 71, do Comando Militar de Angola, de 11 de Outubro de 1961:

«Sua Excelência o General Comandante da III Região Militar LOUVOU o Esquadrão de Cavalaria de LUANDA (1.º/G Rec ANGOLA), pela acção relevante que teve na manutenção da ordem e paz públicas desde o início dos acontecimentos que enlutaram a Província; nas noites de 03/04Fev61 e de 10/11 Fev61, quando terroristas desencadearam as suas criminosas acções em LUANDA, foi o Esquadrão incumbido de acorrer aos locais ameaçados, missão que cumpriu com inexcelável eficiência, perseguindo de noite os criminosos e dando-lhes o merecido correctivo. Logo após a eclosão dos acontecimentos de Março, foi a Unidade encarregada da difícilíssima missão de castigar os terroristas na área de NAMBUANGONGO e salvar as pessoas escapadas dos primeiros atentados terroristas; com notabilíssima eficiência e inexcelável espírito de sacrifício de todo o seu Pessoal, desde os Oficiais à mais humilde Praça, à custa de esforços inauditos e correndo riscos pesadíssimos, a Unidade actuou na Região de NAMBUANGONGO castigando os terroristas e conseguindo salvar e evacuar cento e cinquenta e três Civis daquela região, acção meritória e digna de tanto maior realce quanto é certo que foi desempenhada em curto espaço de tempo, pois que a defesa da Cidade de LUANDA não permitia, nessa época, que o Esquadrão se mantivesse afastado da sua Sede por espaço de tempo superior a dois dias e uma noite. Pelas missões descritas, às quais se devem somar as de es-

Revista da Cavalaria

Um breve descanso; uma demora — tècnicamente, um reajustamento de dispositivo.

E um dia, aí vamos de comboio; para onde? Para esta ridente Chicamba. Alguém diz: «Estão de parabens; vão para o melhor clima da Província». E era na verdade.

Foi assim que o Grupo chegou ao mato... onde, *afinal, há água e luz eléctrica. E até há casas!!*



Escola de «Diestros»!...

O Grupo veio para um local de sonho; está instalado sob telha, com água canalizada e com electricidade. Maravilhosamente; quem havia de supor uma coisa destas!!

Chegou a primeira noite nesta África lendária, das feras e das doenças esquisitas; que grande apreensão!! Como e donde surgiriam os famosos leões e as horríveis panteras? Que nos fariam esses ferosísimos bichos que os romances de aventuras e os caçadores parlapatões referem?! E aquelas miríades de inimigos invisíveis? E os mosquitos; sim, os mosquitos, a praga terrível dos mosquitos?! Cuidado com a água; as bilharzias, etc.

Mas a confiança veio a pouco e pouco; hoje é completa.

Revista da Cavalaria

As feras, se é que existem, ainda as não vimos; e as bilharzias, essas possivelmente continuarão vivendo tranquilamente a sua vida de bilharzias, algures. A saúde das Tropas é magnífica; gordos, nédios, luzidios — até aquele trinca-espinhas do 74...

Houve dificuldades a vencer, problemas a resolver, é certo; lutou-se. E as dificuldades foram vencidas, os problemas resolvidos.

Voltou-se mais uma página da História.

E há trabalhos. E folgança.

Depois da instalação, grangear eficiência. Um cuidado programa de instrução; cuidado e apertado, de modo que a um tempo se recordassem os ensinamentos úteis da Escola de Recrutás, etc., e se fizesse a adaptação da Tropa ao meio. Educação física, essa, teve papel da maior importância; porque aqui, não só há que viver — mas há também que sobreviver.

Reconhecimentos, pão nosso de cada dia — dezenas, centenas, milhares de quilómetros. Suor; mas suor com o entusiasmo magnífico de ir levar enfim aos confins das terras Portuguesas, a todos, brancos e negros, indistintamente, o conforto e a segurança da nossa presença, a ajuda, a compreensão. Auxiliar, instruir, revelar a maravilhosa epopeia da Lusa Gente. Sim; aqui faz-se cristianismo, muito cristianismo; mas também se faz portuguesismo; com simplicidade, burila-se a História de amanhã...

Aos sábados à tarde vamos «À los toros!!». Praça improvisada, com bancadas e tudo; novilhos da região. A garraiada, porém, é o simples aperitivo para o verdadeiro acontecimento da semana: à boqui-nha da noite, lá vem ela a apitar, a automotora da carreira, ansiosamente esperada. Uma quermesse feérica. Depois, a automotora parte... para voltar no sábado que vem!!

Agora o Grupo adaptou-se. A si próprio; é uma Unidade. E ao meio; conquistou-o.

Mas foi também conquistado. Muitos e muitos pensam que têm aqui o seu futuro, nestas terras do sem-fim; e já não querem regressar. Esta é a terra deles; e aqui ficarão, desbravando o caminho para o Portugal Maior de amanhã.

Ten.-Coronel HINTZE RIBEIRO

Um Esquadrão de Cavalaria em Angola

Logo que a Unidade desembarcou e, foi completada, marchou ao seu destino com o fim de:

- garantir a circulação de itinerários;
- escoltar colunas de reabastecimentos e de tráfego entre localidades;
- detectar e destruir os elementos inimigos nas imediações dos itinerários

para o que passou a actuar por pelotões destacados.

As dificuldades no cumprimento destas missões só podem ser avaliadas com o conhecimento das enormes distâncias a cobrir; da intranquilidade que se verificava na zona de acção, intensamente batida pelas actividades inimigas; e que aquelas eram desenvolvidas numa região extremamente coberta pela mais inextricável vegetação tropical.

O Esquadrão promoveu um activíssimo patrulhamento de toda a área à sua responsabilidade, reconhecendo-a o mais profundamente possível, quer por elementos sobre viatura, quer por elementos apeados; além de fornecer, simultâneamente, numerosas escoltas. Efectuou também repetidas acções ofensivas, entre as quais devem ser destacadas:

- uma acção apeada, conduzida pelo efectivo de dois pelotões que, percorreu palmo a palmo uma larga zona, numa profundidade da ordem dos cinquenta quilómetros. Embora sem quaisquer actividades de combate pelo fogo foram encontradas muitas sanzalas abandonadas e recuperaram-se imensos nativos fugitivos, que se entregaram às Autoridades Administrativas;
- outro pelotão apeado bateu toda uma extensa região que incluía diversas povoações;
- algumas buscas e acções de limpeza, com actividades de combate.

Revista da Cavalaria

Ulteriormente, o Esquadrão foi mandado deslocar para outra região sendo dado como reforço a um Batalhão de Caçadores. Em tal situação táctica, o Esquadrão:

- fez um reconhecimento completo de todo um extenso itinerário, tendo reparado grandes cortaduras efectuadas na estrada pelo inimigo e ocupado uma povoação que estava abandonada e a partir da qual continuou a progressão até um ponto onde estabeleceu ligação directa com tropas amigas ali estacionadas;
- com uma força de dois Pelotões, percorreu um outro itinerário, cuja desobstrução exigiu a reparação de seis pontes e de três enormes cortaduras;
- tomou parte numa acção conjunta com outras forças, no decorrer da qual atingiu e ocupou sucessivamente diversas povoações.

No regresso desta última acção, o Esquadrão readquiriu a sua autonomia operacional e recebeu a missão de:

- ocupar determinada povoação e, a partir dela:
 - garantir os diversos itinerários entre localidades até ao curso dum rio;
 - patrulhar intensamente toda a área a norte do mesmo rio;
- criar dentro da sua zona de acção, a insegurança dos bandos inimigos ali dissimulados, fazendo a sua incessante pesquisa e organizando emboscadas e todas as demais acções que conduzissem ao seu total aniquilamento.

No cumprimento desta missão, o Esquadrão actuou, com elementos apeados, em toda a sua zona de acção, efectuando batidas e golpes de mão sucessivos sobre todas as áreas ocupadas pelo inimigo — quer isoladamente quer em coordenação com elementos de outra Unidade vizinha.

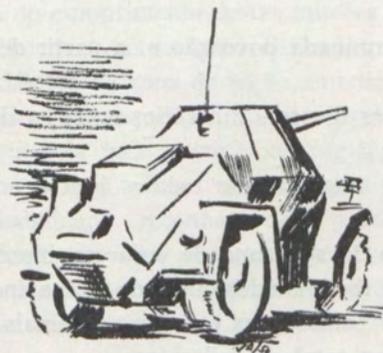
Em meados de Setembro, ao Esquadrão foi determinado que se deslocasse de novo e tomou o dispositivo correspondente à nova missão então recebida e em cujo cumprimento se matém.

Revista da Cavalaria

As Tropas do Esquadrão sofreram, no decorrer destas diferentes acções, dois ataques e diversas emboscadas de que resultaram as seguintes baixas em combate:

- um morto;
- quatro feridos de gravidade;
- numerosos feridos sem gravidade,

Capitão RICARDO DURÃO



Cavalaria no Ultramar



m meados do ano passado a minha Unidade instalou-se e ficou às ordens directas do Comando Operacional duma Zona, verdadeiro centro de gravidade das actividades dos terroristas e na qual se incluem aquelas localidades cujas designações já entraram, em letras de ouro, na História das Armas Portuguesas no Ultramar.

A minha Unidade recém-chegada da Metrópole foi então imposta a missão de, a partir do seu local de estacionamento, progredir ao longo de um eixo, garantindo depois o seu domínio. Sobre este itinerário, dias antes, um importante ataque tinha sido lançado pelos rebeldes contra outras tropas nossas que actuavam na região. A Unidade, reforçada para o efeito, montou uma forte emboscada ao inimigo próximo do local em que tinha sido lançado aquele ataque; durante alguns dias aguardámos, na maior expectativa, o seu aparecimento — mas em vão. Assim, poucos dias depois, regressámos de novo ao estacionamento, onde conseguimos reunir informações e documentos que permitiram organizar um esboço topográfico da nossa zona de acção, e no qual se localizaram, de acordo com as indicações existentes, os acampamentos habituais dos terroristas.

Mais tarde, um Pelotão reforçado, em acção de patrulhamento conseguiu surpreender um numeroso grupo de rebeldes instalados num acampamento protegido com sacos de terra e bem providos de granadas de mão e explosivos, mas dispondo apenas de armas de fogo muito primitivas — grupo esse que reagiu fortemente ao ataque do Pelotão, em cujas fileiras causou quatro baixas. Era o baptismo de fogo!! Após a acção, o Pelotão regressou à base para receber ordem para sair de novo, horas depois, a fim de repetir o ataque; os restantes elementos da Unidades, e os seus reforços, secundariam aquela acção. Foi assim que, ao levantar do dia seguinte, o acampamento rebelde foi atacado com completa surpresa, destroçado e destruído; os terroristas não abatidos em combate dispersaram-se — mas sem demora se organizou a exploração do sucesso obtido; na tarde do mesmo dia, a Unidade

Revista da Cavalaria

atingia e instalava-se, a nada menos do que oitenta quilómetros do ponto de início do movimento!!

A partir desta nova base, a progressão foi verdadeiramente difícil, dura na realidade — obstáculos sobre obstáculos atravancavam os caminhos e picadas, as pontes estavam cortadas, valões imensos, abatizes; as emboscadas dos rebeldes sucediam-se umas às outras; dificuldades de reabastecimento e de evacuação — tudo teve de ser vencido e ultrapassado por um pertinaz esforço de todos os momentos, numa teimosia religiosa do cumprimento da missão... Finalmente, depois de trabalhos e perigos sem descrição, atingimos já em Agosto o nosso destino, a 140 quilómetros da origem do movimento; levámos um dia para vencer 80 quilómetros e onze dias para vencer 60 — mas ao chegarmos ao fim, a minha Unidade já contava quinze baixa, entre as quais um Sargento, morto em combate.

Faltavam-nos agora os seus 50 quilómetros para atingir o quartel-general da acção terrorista — mas havia que preparar cuidadosamente essa difícil tirada em face dos ensinamentos já colhidos; assim, era completamente impossível continuarmos a reabastecer-nos, como até aí, a partir da base intermédia, pois isso nos exigiria percursos da ordem dos 300 quilómetros, ida e volta, e um consequente empenhamento de meios que quase hipotecaria completamente a Unidade. Daí a necessidade urgente de organizar o nosso reabastecimento a partir do ponto agora atingido, para o que, de acordo com o Comando Superior, as tropas abriram, no meio do agreste mato tropical, durante três dias de esgotante, activo e constante trabalho, uma pista rudimentar que permitisse a aterragem dos aviões de reabastecimento. Mas como estes demorassem a aparecer, e na esperança de que as coisas entretanto se resolveriam, decidimos continuar sem demora a progressão sobre o nosso objectivo — sem reservas de munições, de gasolina, de alimentação e de água, pois o único atrelado existente tinha-se danificado. Levantando, dia e noite, centenas de obstruções que o inimigo tinha armado, reforçando pontes, mantendo constantes medidas de protecção para evitar surpresas, trocando aqui e além alguns tiros isolados com terroristas dispersos no mato, sob um calor abraçador — levámos quarenta e quatro horas para chegar ao almejado objectivo, onde estabelecemos contacto com as Tropas de Caçadores que, quinze horas antes de nós, haviam ocupado aquele famoso objectivo!!!

Sem qualquer possibilidade de um bem merecido descanso, que todos esperávamos, na própria tarde do mesmo dia, a Unidade recebeu ordem, lançada de avião, para continuar imediatamente a sua progres-

Revista da Cavalaria

são e atacar as concentrações terroristas em duas zonas já assinaladas — que deveriam estar aniquiladas e limpas dentro de quatro dias. Eram, além do mais, 65 quilómetros de marcha incluindo a difícil passagem de um rio, largo de cerca de 20 metros e cuja única ponte estava destruída!! Estudou-se a situação e decidiu-se constituir dois destacamentos, um dirigido, directamente sobre uma das zonas, e outro, em acção envolvente, sobre a outra zona, ambos coordenados à minha ordem. Porém, já depois de iniciada a progressão, foi alterada a primitiva missão: pára-quedaistas haviam sido lançados sobre a segunda zona; à nossa Tropa competia agora estabelecer ligação com eles, mas apenas depois de limpar o primeiro objectivo assinalado. Sem demora se atacou decisivamente este objectivo, que foi rapidamente ocupado; da acção resultaram mais duas baixas.

Na manhã do quarto dia alcançámos finalmente as margens do rio, cuja travessia exigiu a procura e transporte de toneladas e toneladas de pedra que, amontoadas no leito, constituíram um passadiço rudimentar, vencido graças aos guinchos das viaturas; operação interessantíssima, a todos encantou e fez conhecer praticamente as enormes possibilidades das nossas viaturas. Uma vez estabelecida a ligação com as Forças Pára-quedaistas, por ali ficou a Unidade durante dezoito longos dias, que então considerámos verdadeiramente infernais. Os nossos reabastecimentos eram feitos a 250 quilómetros de distância, mas todos os meios, até os essenciais, escasseavam. Ali nos morreram mais um Sargento e uma Praça; ali cegou um Sargento; ali tivemos inúmeros feridos e doentes. A Tropa estava verdadeiramente cansada, física e psicologicamente exausta, deprimida!! A tal ponto que, quando recebemos ordem para regressar à base, se nos criou uma alma nova.

Mas logo, dois dias após a chegada, a Unidade recebeu uma missão que a todos entusiasmou: guardar os flancos de uma importante Coluna de Tropas de Infantaria que era lançada ao ataque e conquista de uma povoação, importantíssimo valhaçouto de terroristas; e, caso essa Coluna viesse a ser parada na sua progressão, continuá-la a nossa Unidade, que atacaria o almejado objectivo, verdadeira pedra-chave da acção rebelde.

De início, a nossa Tropa deslocou-se para um ponto a cerca de 45 quilómetros a Sul do local de estacionamento, onde estabeleceu ligação com os elementos de Caçadores que faziam parte da Coluna atacante e com cujo apoio de fogo se contava para a difícil travessia do rio.

Até ao curso deste rio tínhamos de percorrer 50 ásperos quilómetros, ao longo de um itinerário que incluía a sede da organização terro-

Revista da Cavalaria

rista local e uma Fazenda que ficava a cerca de 20 quilómetros do curso do rio e a partir da qual o percurso teria de ser feito através da mata virgem!!

Saiu a Unidade a meio da tarde; um Pelotão foi destacado directamente sobre a Fazenda; outro recebeu ordem para ir atacar e destruir a organização inimiga e, missão cumprida, juntar-se à Unidade antes desta atingir as proximidades da mencionada Fazenda. Esta veio a ser atingida após cinco horas de marcha e imediatamente ocupada; e sem demora, se continuou a progressão, através da mata virgem, até ao curso do rio.

Progressão verdadeiramente dantesca, pode dizer-se: noite escuríssima, obstruções repetidas, ataques isolados de rebeldes dispersos na mata, de quilómetro a quilómetro um problema de transposição, uma manobra de força!! E quando ninguém, nem nas altas esferas dos Comandos nem até das próprias Tropas, acreditava na possibilidade da façanha do sucesso de tal operação — inesperadamente para todos, mas consoante as previsões feitas pela nossa Unidade, as margens do rio estavam a nossos pés na data prevista ao mei-dia!!

Mais três feridos, num tiroteio; um deles, de gravidade, teve de ser evacuado de helicóptero.

Perante nós espriavam-se agora quarenta metros de largura de água; e, do lado de lá, a famosa posição inimiga, derradeiro reduto dos terroristas, que a aviação então bombardeava.

Damos sem demora início à construção de uma jangada que permitisse a travessia; feita a construção, os primeiros elementos põem pé na outra margem do rio, através do qual a improvisada jangada entra em contínuo vai-vem; mais tarde, chegam até nós, finalmente, aqueles elementos da Unidade cujo fogo nos deveria apoiar na travessia — que, apenas com os nossos próprios meios, completámos.

Mais tarde, a Unidade, na sua máxima força, forma em parada para receber a visita inesperada do Comandante Operacional da Zona. Palavras e afirmações que muito nos orgulham — «ser desta Unidade é um Posto; e um Posto de Honra».

E a nossa odisseia continuou...

*

Assim se falou desta Cavalaria, que Sua Excelência o General Comandante houve por bem louvar em termos semelhantes a estes: «porque tendo recebido, uma missão idêntica à que foi atribuída a

Revista da Cavalaria

uma Unidade de escalão superior (abertura de itinerários convergentes) conseguiu com os seus limitados meios e os reforços que lhe puderam ser fornecidos, alcançar um sucesso digno da maior admiração porquanto atingiu o objectivo, pelo itinerário mais longo, apenas com um atraso de dezasseis horas sobre a força que aí chegou primeiro, apesar de ter iniciado as operações dias depois dela. O espírito de sacrifício, a fé nos altos desígnios da Nação e a coragem acompanharam sempre todo o Pessoal, o que permitiu que esta Unidade vencesse todas as dificuldades, mormente as que lhe foram opostas pelo adversário, e se cobrisse de glória, justificando plenamente que *mais faz quem quer do que quem pode*.

Não menos brilhantes foram as actuações desta Unidade quando, após um dia de descanso, se lançou sobre outro objectivo, distante cerca de 75 quilómetros, onde foi estabelecer, no curto prazo de três dias, a ligação com uma força de pára-quedistas que ali tinha sido lançada e que depois rendeu, e a colaboração que prestou, quinze dias mais tarde, na operação desencadeada na região, actuando sobre a linha natural de retirada do inimigo.

Em todas as operações, a Unidade atravessou regiões infestadas de terroristas e sob o inteiro controle destes, percorreu aproximadamente mil quilómetros e desobstruiu e melhorou quatrocentos quilómetros de itinerários tornados intransitáveis pela organização rebelde.

O número de baixas sofridas — quatro mortos e quarenta feridos, dos quais seis irrecuperáveis — é suficientemente expressivo e constitui o pesado tributo da Glória que alcançou.

Letras de ouro, que ficam profundamente gravadas nos Anais da Cavalaria Portuguesa!!!

Capitão RUI ABRANTES

A Cavalaria da Beira



o verão de 1961 foi organizado, com destino à Província de Moçambique, uma Unidade de Cavalaria (PM). A primeira preocupação do Comando foi reinstruir o seu Pessoal e criar um «espírito-de-corpo» absolutamente essencial numa Unidade desta natureza. E pode afirmar-se, sem sombra de dúvida, que, graças à dedicação de todos, o conseguiu plenamente — desde a sua primeira apresentação, na Parada do Dia da Infantaria, a Cavalaria da Beira, impondo-se pelo seu garbo e impecável presença, conquistou o lugar de destaque que as melhores tradições da Arma lhe impunham.

Instalada precariamente, logo após a sua chegada à Beira, em aquartelamentos de outras Tropas, a Unidade, depois de ter mudado de casa repetidas vezes, deverá ocupar o seu Quartel privativo em princípios de 1962. Trata-se de um conjunto de pavilhões, tipo tunel de luzalite, expressamente construído, em plena cidade, para a Polícia Militar e que oferece boas instalações não só para uma perfeita acomodação do pessoal como também de todos os seus órgãos constitutivos, com vista ao melhor e mais rendoso funcionamento dos serviços.

A preparação do pessoal tem visado todos os aspectos da instrução militar de uma Tropa de Combate, com natural preponderância das actividades específicas da Unidade, tendo sido posto em execução um policiamento militar que atingiu um nível de actuação a considerar muito bom, pois apesar das dificuldades que um serviço desta delicada natureza acarreta, não há, até hoje, qualquer nota desagradável a registar; todo o Pessoal, integrado no mesmo são eritério de justiça e de isenção de procedimento, tem sabido grangear de todos os sectores um respeito e consideração de que nos podemos orgulhar, merecendo aqui uma referência especial os Cabos do Esquadrão, base daquele policiamento e que dele se têm desempenhado por forma verdadeiramente superior, auxiliados por Praças nativas com função de intérpretes.

Revista da Cavalaria



Desfilando

No final do ano começaram a realizar-se exercícios de conjunto da Polícia Militar com as demais Tropas aquarteladas na Beira; ùltimamente mantemos no mato, por cada semana, uma Secção de instrução. Um Pelotão completo foi destacado para outra guarnição.



O Aquartelamento em construção

Revista da Cavalaria

O serviço normal decorre nos termos regulamentares habituais, que se têm reconhecido eficientes e tècnicamente rendosos; organizam-se patrulhas, tanto na zona urbana como nos arredores da povoação, umas a pé, outras motorizadas; um constante controle de serviço, centralizado no Quartel, está permanentemente a par da localização de cada patrulha, podendo mandá-la deslocar para onde seja necessário; rondas de



Parada da guarda

comando de Oficial ou Sargento fiscalizam as patrulhas e desempenham simultâneamente funções de polícia; no Quartel está sempre pronto um piquete especial.

Para a quase totalidade da fileira é esta a primeira vinda a terras portuguesas ultramarinas e foi com extrema admiração que os nossos rijos beirões e ribatejanos, algarvios e minhotos tomaram contacto com esta realidade, nos seus diversos aspectos e sectores de actividade. Aqui se lhes revelou um mundo novo; imensos são os que têm manifestado o desejo de por cá se fixarem desde que lhes sejam facilitadas condições — para aqui exercerem suas actividades construtivas e para trazerem da Metrópole as suas famílias já constituídas, ou a constituir.

Capitão IVENS FERRAZ

A Cavalaria de

NAMPULA



cavalaria de Nampula é o centro de irradiação das nobres tradições da Arma no Norte do Território de Moçambique e procura exactamente imprimir ao seu pessoal e às suas actividades aquele imperecível cunho característico das Tropas de Reconhecimento, imbuídas no mais puro Espírito Cavaleiro.

Não falando nas sempre complicadas tarefas administrativas e de manutenção, a Unidade vive intensamente as suas actividades operacionais que incluem uma gama muito variada de constantes reconhecimentos, marchas itinerárias, acções no mato, exercícios sob tema, missões especiais, etc.

Tais actividades, especificamente orientadas e destinadas à adaptação do pessoal, das viaturas e dos processos e métodos de acção ao meio ambiente local, o grande mato tropical; a darem a conhecer detalhadamente as zonas de provável actuação e, ainda e muito especialmente, a pôr os Oficiais, os Sargentos e as Praças em contacto com a problemática da região e das populações locais, tais actividades levaram elementos desde as paisagens da Zambézia até ao Cabo Delgado e desde a Costa até ao Niassa — numa área mais que tripla da Metropolitana.

Toda a orla litoral, de Moma a Mocímboa, as extensões praticamente desertas que bordejam o Rovuma (o palco da «Tropa d'África», de Carlos Selvagem, na Primeira Grande Guerra); as terras do sem-fim

Revista da Cavalaria

de Milange e as terras ridentes do Zambeze habituaram-se a ver passar o Pessoal e as viaturas da Cavalaria de Nampula, e a estimá-los.

Dias e noites foram passados no mato, contactou-se com Portugueses de todas as raças e credos, apreenderam-se seus anseios, auxiliaram-se os necessitados, protegeram-se os fracos, suscitou-se o entusiasmo dos velhos sertanejos, tostados pelos muitos sois aqui passados, caldeados, temperados, endurecidos como o aço, mas emocionados, mesmo comovidos, com a presença da tropa em regiões tão longínquas — nós, em tão curto espaço de tempo, percorremos já, nesta cruzada de Cavaleiros andantes, mais de vinte e cinco mil quilómetros!!



Em parada

Dar uma consciência a todo o pessoal da transcendência da sua missão e do sentido do Nosso Direito e da Nossa Presença — tal é a ideia directriz do Comando. O Nosso Direito de defender e de lutar ultrapassa a noção do simples Dever, imposto a cada um, de concorrer para a persistência da Pátria, nas suas mais sagradas finalidades; hoje, já se não trata de um mero Dever demagógico, mas sim de um Direito inalienável: o Direito de lutar contra uma loucura de subversão que vai alastrando pelo Mundo. E de lutar abertamente, declaradamente

Revista da Cavalaria

— o momento exige atitudes definidas e definitivas. E, consequentemente, exige eficiência, e da mais alta. O inimigo é eficiente, altamente eficiente, frio, matemático, calculista, desumano, expressamente técnico, cínicamente eficiente; para com ele lutar, temos de ser mais eficientes do que ele, mas nas nossas formas de acção tradicionais:

«Ide, e fazei muita cristandade!!».



A patrulha providencia

Foi nesta ideia que se constituiu a «Ordem dos Cavaleiros de Nam-pula» a qual em seus fazeres, inclui:

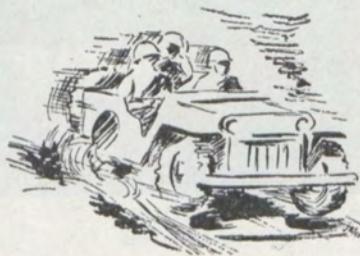
- uma escola elementar, frequentada por mais de trinta crianças indígenas;
- instrução desportiva aos sábados, para civis;
- distribuição de roupas, medicamentos, ofertas, brinquedos a crianças em certas quadras do ano;
- um órfão infantil, dirigido por uma Praça do Esquadrão;
- saídas de «grupos-de-acção» (as patrulhas-providência) que se inteiram das necessidades das populações e as auxiliam quanto podem.

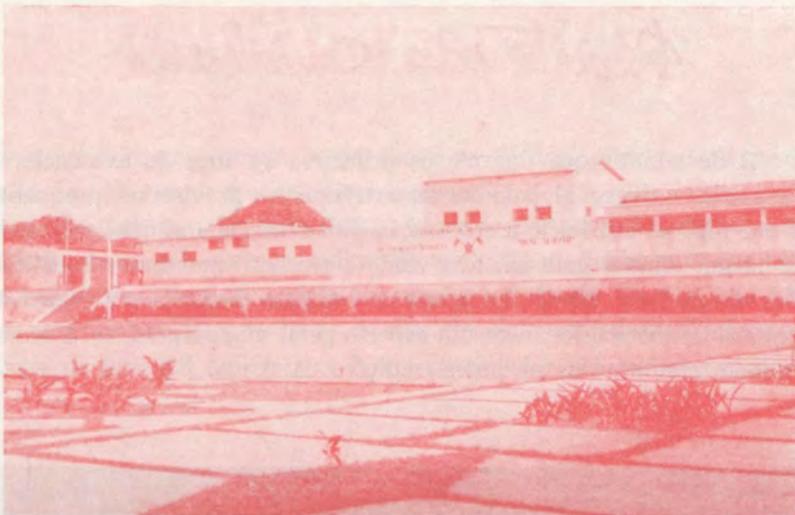
Revista da Cavalaria

Actividades profundamente missionárias, na sua melhor essência, todo o esforço é voluntário, porque vem do coração; e até os meios necessários para a manter são colectados, nos fins dos meses, entre os homens da Unidade reunindo dádivas que vão a algumas centenas de escudos.

E é e será dentro desta orientação geral de preparação eficiente para a guerra e de acção de paz e de amor, de alertamento dos corpos e dos espíritos, que decorre a vida da jovem Cavalaria de Nampula.

Capitão GONÇALVES RIBEIRO





Dragões de Lourenço Marques



Cavalaria de Lourenço Marques tem largas tradições e foi mandada organizar por Portaria Régia de 15 de Abril de 1862 (há, portanto, quase um século), com aquelas características que então animavam as Tropas Ultramarinas — um misto de elementos militares e de funções policiais. Com tal organização, o Esquadrão de Cavalaria de Lourenço Marques tomou parte activa nas árduas campanhas da ocupação da Província e pode dizer-se que foram os Homens da Cavalaria que, apoiados pelos do célebre Corpo de Voluntários, salvaram a cidade a quando dos acontecimentos de 1894.

Em 1913, com o advento do novo regime, foi o Esquadrão transformado em Unidade da Guarda Republicana, conservando as suas características especiais de polícia militarizada a cavalo; em 1924, recebeu a designação de Esquadrão de Dragões e, embora mantendo os mesmos elementos orgânicos, deixou de desempenhar funções policiais; posteriormente, foi elevado a Grupo de Esquadrões; finalmente, pela reorganização de 1961, transformou-se numa Unidade de Reconhecimento.

Revista da Cavalaria

É de admitir que durante os primeiros 25 anos de existência, a Cavalaria se tivesse alojado em aquartelamentos provisórios, porquanto só em 1888 se deu início à construção do actual Quartel que, sobretudo de há uns tempos para cá, tem vindo a receber importantes beneficiações e arranjos, mercê dos quais a Unidade dispõe actualmente de esplêndidas instalações, com um aspecto geral muito agradável e muito cuidado, conforme as melhores tradições da Arma.



Um reconhecimento

Assim, dispõe-se hoje de um novo edificio do Comando, constituindo um bloco onde funcionam em boas condições, além do Comando, a Secretaria e a Secção Técnica, o Conselho Administrativo e a Secção de Mobilização, Biblioteca, Sala de Operações, etc.; este bloco debruça sobre a principal parada do Aquartelamento, a «Parada Mousinho de Albuquerque». Os pavilhões das casernas e o do refeitório, cozinhas, sala das praças e seus anexos concentram-se à volta da «Parada Inferior», num piso mais baixo; quer o refeitório, quer as cozinhas e a sala estão muito bem instaladas e não lhes falta nenhum daqueles muitos requisitos modernos que o clima exige. Na «Parada Superior» situam-se

Revista da Cavalaria

as esplêndidas cavaliças, os parques e as oficinas, onde também nada falta do que a mais recente técnica aconselha.

Não poderia a Unidade deixar de tomar parte importante nas actividades de reconhecimento militar do território moçambicano, que últimamente têm tomado grande incremento, podendo dizer-se que não há nesga a Sul do Save onde os seus elementos não tenham chegado. Cerca de oito mil quilómetros foram percorridos por reconhecimentos,



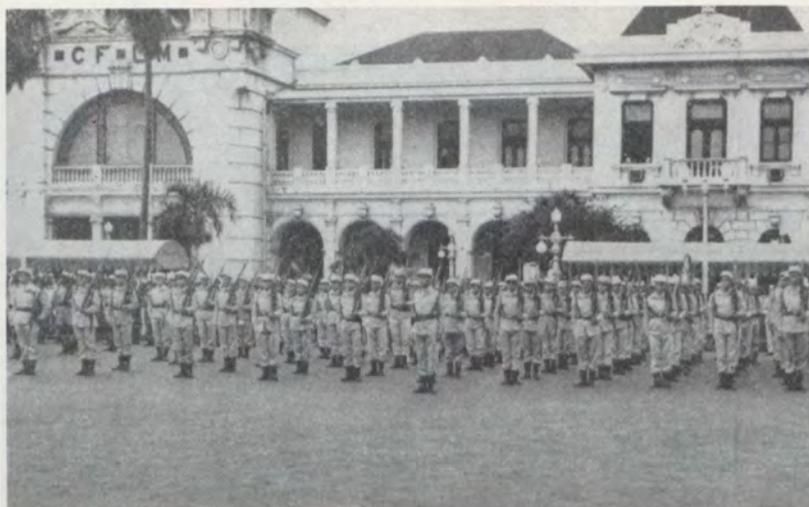
Passagem de um rio

ao longo de picadas em pleno mato, caminhos de areia solta, escaldante, através de charcos e em regiões onde se percorrem duzentos ou trezentos quilómetros sem se encontrar viva alma, nem água e em que os recursos de exploração local se limitam a qualquer transviada peça de caça, que o acaso permite — o que tudo poderá dar uma ideia do esforço e da preparação física, técnica e moral exigidos por aquela quilometragem comparável a quatro periplos completos do território metropolitano.

E não se incluem naqueles oito mil quilómetros, os muitos outros percorridos em exercícios sob tema, das Manobras finais de Guarnição, etc.

Revista da Cavalaria

Não é apenas do Pessoal que os reconhecimentos exigem esforços, por vezes sobreumanos; as viaturas têm a sua importantíssima parte no êxito destas missões — e têm cumprido sempre, por mais duras e rigorosas que sejam as condições impostas, calores excessivos, densas poeiradas, lamas, constantes e repetidos vaus, reboques e outras manobras de força. Há que organizar e fazer funcionar òptimamente um intenso trabalho de manutenção e de reparação; e, simultâneamente,



Em parada

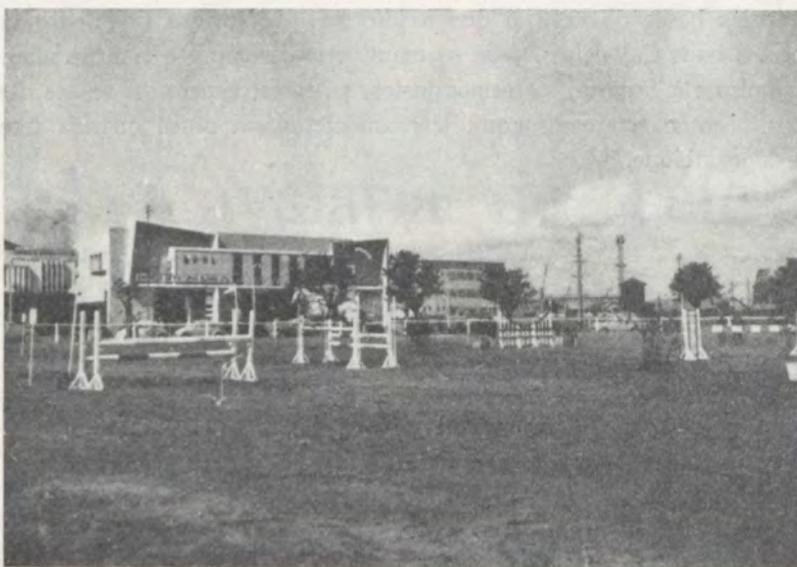
dedicar especial atenção à preparação do pessoal para tão importantes actividades.

Só um tal treinamento, bem orientado e explorado, permitiu realizar em quatro escassas horas a deslocação global da Unidade, em «ordem-de-marcha», com todas as suas armas, bagagens, víveres, ferramenta e palamenta, para uma localidade a 212 quilómetros da Sede; e a ordem para a deslocação foi recebida de surpresa. Outra proeza realizada foi a difícil travessia do curso inferior dum grande rio, em batelões de vai-vem, em cerca de uma hora — trinta e tal viaturas, incluindo as de combate, e as respectivas cargas, em difíceis manobras de entrada, arrumação e desembarque...

Mas nada aqui admira: a divisa de «Bem Servir», que todos temos gravada na alma, diz aquilo e muito mais: «a verdadeira disciplina das Tropas faz milagres»!!!

Revista da Cavalaria

O Pessoal é recrutado na Metrópole e na Província e, pelo que já se disse, necessita de uma preparação especial, muito cuidada, atinguindo-se, até para os próprios elementos de fileira, os níveis do profissionalismo — daí, e da extrema dedicação com que todos recebem os mandamentos da tradição, tão remota quanto ilustre, que tanto enobrece os europeus da Unidade, resulta um complexo de idealismo que impõe à Cavalaria de Lourenço Marques vínculos de «Unidade de Elite», que há que manter e que consolidar.



O Campo de Obstáculos do Aquartelamento

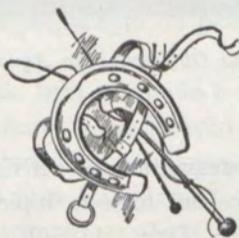
Um dos aspectos interessantes das actividades é o decorrente dos seus honrosos pergaminhos em matéria hípica, ganhos sobretudo nos encontros internacionais na África do Sul. Para preparação de tão altas responsabilidades, o aquartelamento dispõe de um bom picadeiro e de um esplêndido campo de obstáculos, recentemente melhorados; uma cómoda cavalaria garante instalações quase luxuosas aos solípedes, normalmente adquiridos na União Sul Africana após cuidadosas remontas, extremamente exigentes. Não se poderá, na realidade, exigir melhores condições — quem quer que se queira dedicar aos desportos equestres não encontra, onde quer que seja, melhor ambiente para dar

Revista da Cavalaria

largas aos seus entusiasmos. E há, também, que «Bem Servir» os honrosos pergaminhos tão ilustremente alcançados.

Finalmente, faço referência, ainda que ligeira, a uma importantíssima consequência deste enorme esforço de penetração que está sendo feito pela Unidade: o conhecimento amigo das populações nativas, das suas necessidades e dos seus problemas; populações a quem se escuta e as quais se ampara, quer sanitária, quer material, quer moralmente, numa cruzada de bem-fazer que consolida uma eficiente política de elevação — na qual a Cavalaria desempenhará o mais preponderante papel, como flue das suas mais distintas e prementes tradições, das próprias bases do espírito que a informa. Se formos Cavaleiros, se formos bons Cavaleiros, seja, se mantivermos sempre o coração aliado ao pulso e à firmeza, se formos justos, valentes, generosos, se nos dermos — então estaremos aqui, eternamente, nesta nossa querida terra de Moçambique.

Capitão VASCONCELOS PORTO





A Cavalaria de Tete



Em meados de 1960 o extinto Grupo de Dragões de Lourenço Marques destacou uma subunidade para o distrito de Tete, zona de tão altas e honrosas tradições cavaleiras na Província — e onde o Grande Mousinho iniciou a sua brilhante actuação nestes territórios, para todo o sempre ligados ao seu ilustre nome de Militar e de grande Administrador.

A tropa ficou instalada no Acampamento da Galinha, que posteriormente teve de ceder a outra oportunamente organizada, indo aquartelar-se na região fronteiriça com a Niassalândia, nalguns edifícios a cuja adaptação e melhoramento se está procedendo activamente.

O pessoal, salvo alguns metropolitanos, em comissão de serviço, foi recrutado na Província pelo Centro de Instrução de Boane, nos arredores de Lourenço Marques.

Quanto ao material, o orgânico das Unidades de Reconhecimento, todo ele tem provado bem, de modo a merecer a melhor confiança dos homens.

Relativamente às nossas actividades — são as tradicionais das Tropas de Cavalaria: campo, reconhecimentos, exercícios e outras tarefas

Revista da Cavalaria

operacionais e de instrução têm absoluta prioridade sobre todos os problemas administrativos e de manutenção de uma pequena unidade instalada a cerca de cento e cinquenta quilómetros da sua base.



Uma «Casa da Cavalaria» da Fronteira

Tudo tem sido feito, bem e com entusiasmo, simultaneamente com todas as cuidadas tarefas em que nos empenhamos para tornar o nosso quartel cada vez mais digno das melhores tradições da Arma.

Alferes MACHADO FARIA



Esquadrão de Cavalaria na Guiné



acção da Unidade consistia fundamentalmente no controle, tanto quanto possível exacto da população indígena das povoações e a efectivação de uma acção psico-social, traduzida pelo funcionamento de escolas, assistência médica e convivência entre europeus e indígenas. Tinham ainda de prover à defesa dos Aquartelamentos.

Em muitas destas povoações, o efectivo militar era aumentado com tropa indígena; que se bem que debaixo do mesmo comando tinha os seus quadros próprios.

A missão desta tropa era em tudo idêntica à da tropa europeia.

A todas estas fracções das Forças Militares, era atribuída uma área, na qual teriam de executar reconhecimentos, com o fim não só de exercer acção psico-social em toda essa zona, como ainda uma acção de presença. Colaboravam com as autoridades administrativas, em estreita

Revista da Cavalaria

ligação, ajudando-se mutuamente na resolução de problemas de interesse comum.

Foi de alto rendimento, a acção desta tropa, durante o período em que ali se manteve, cerca de seis meses. Assim, em certa povoação, havia uma escola de algumas dezenas de miúdos indígenas, sendo apresentada a Sua Excelência o Comandante Militar uma classe de ginástica destes alunos que lhe mereceu os maiores elogios.



Reconhecimentos

Aliás, em todas as pequenas povoações onde existiam Forças Militares, criaram-se escolas, com maior ou menor frequência de alunos, em que Cabos e Sargentos chamavam a si as funções de professores.

Criaram-se amizades entre europeus e indígenas, não só no meio militar como ainda entre europeus e a população nativa, que contribuiu para uma maior confiança e entendimento mútuos.

De notar também, a assistência médica feita não só pelos facultativos mas também por Sargentos e Cabos enfermeiros nos agregados populacionais dos nativos onde estes apareciam em grande número,

Revista da Cavalaria

alguns deles até apresentando-se sem qualquer doença, mas apenas deseioso de tomar *mésinho* que o branco lhes trazia.

As condições de vida destas fracções de tropa eram bastante boas. Aquarteladas normalmente em celeiros, que serviam para guardar arroz



Reconhecimentos

e mancarra no tempo das chuvas, todos eles de construção recente e europeia, tiveram sempre facilidades na obtenção de géneros para a sua alimentação. Tiveram também estas Forças Militares, o apoio dos comerciantes civís que havia nas diferentes povoações, os quais contribuíram para o bem estar da tropa.

Capitão MACHADO DO CARMO



Esquadrão de Cavalaria

de BAFATÁ

Carta a um Cavaleiro

Caro Amigo.

*R*ecebi a tua carta e, como vês, prontamente te estou a responder; e, conforme me pedes, tentarei abordar todas as muitas questões formuladas pela tua curiosidade acerca desses dois anos de serviço que te esperam nestas ardentes terras, da Guiné. Mas não sei se o conseguirei e se ficarei muito longe do que, em face da tua ansiedade, de mim esperas.

Com certeza que, quando soubeste que estavas designado para esta Província, sentiste a mesma sensação de desconforto por mim também experimentada, já lá vão quase dois anos. Para isso muito contribuem as opiniões desoladas das nossas Famílias e dos nossos Amigos e até a opinião geral que por aí há — a Guiné é um forno horrível, onde vimos queimar o sangue e a alma; e já é uma sorte muito rara, que merece ser festejada, conseguir-se sair daqui com vida! Ora, meu caro, nada disto é verdade; assim que aqui chegares, essa opinião esvair-se-á como que por encanto e serás tu próprio que te surpreenderás ao ouvir,

Revista da Cavalaria

da tua própria boca, a habitual confissão de todos: «Afinal, isto não é tão mau como por lá se pinta!».

Como sabes tão bem como eu, a nossa linda Guiné estende-se em plena zona tropical, entre o Equador e o Trópico de Cancer, à beira do Atlântico; se vieres de avião, ao percorreres os escassos quilómetros do Aeroporto até Bissau, logo ficarás a conhecer, de uma maneira geral, a paisagem dominante destas terras. Por mais andanças que por cá faças, o aspecto do terreno será sempre o mesmo, as mesmas florestas densas, muitos cursos de água, alguns de grande caudal, vastas regiões cobertas de água (as *bolanhas* e as *lalas*, como por aqui se chamam), e uma quase ausência de elevações. Tudo isto com uma excepção: uma zona, fortemente ondulada, mesmo montanhosa, diferente de todo o resto que é baixo, plano, alagadiço.

O clima, caracteristicamente tropical, oferece-te duas estações características: a das chuvas, que vai de Maio a Outubro, e a seca, que ocupa o resto do ano. Vem preparado, Amigo, para suportares muito calor, muito sol, muita chuva... e alguns sustos — se apanhares em pleno mato um dos muito frequentes e muito violentos «tornados» que caracterizam os períodos de mudança de estação e durante os quais, parece que vai tudo raso...

Compreendo que a parte que mais te pode interessar é certamente a militar; e vamos a ela.

Da nossa Unidade aqui te junto uma fotografia do aquartelamento.

A Unidade é de tipo de Reconhecimento, de orgânica normal, com material diverso, viaturas de blindagem lateral para atiradores, com guincho, para os apoios.

Se te falo especialmente nesta história do guincho é porque tal dispositivo é absolutamente indispensável nestas paragens onde, em grande parte do ano, os caminhos ficam intransitáveis — tudo é água, tudo é lama, tudo é lodo.

Sobre a vida da Unidade, no seu trabalho normal de rotina, temos a distinguir entre os três núcleos citados; na cidade terás tu os afazeres correntes da instrução, arranjos, serviços característicos de uma tropa de guarnição — em caso de alarme, a força faz evidentemente parte do dispositivo de defesa da povoação, na qual desempenha um importante papel, graças ao seu material constitutivo, sua mobilidade e potência de fogo.

A vida no mato, sem dúvida a mais interessante e atraente, mas mais dura e mais extenuante, a exigir diariamente muitos esforços e alguns sacrifícios, ou o Sol escaldante ou a chuva intensiva, de se per-

Revista da Cavalaria

der de todo a visibilidade, ou dos ventos violentos dos «tornados», transportando consigo terras, folhas, detritos de toda a natureza e mesmo objectos pesados... e contundentes.

Quantas noites perdidas a desatascar o material aqui te esperam! Mas vais gostar, podes crer... A missão é sempre a mesma, faça sol, chuva ou vento: reconhecimentos, reconhecimentos, reconhecimentos e mais reconhecimentos, a pé ou em viatura, passando pelas «tabancas» (povoações indígenas), onde se entra em contacto com as populações



Quartel Sede do Esquadrão

locais, oferecendo-lhes e prestando-lhes toda a espécie de assistência, de forma a vincar-lhes profundamente nos seus espíritos, que a Tropa está aqui para as defender a elas e às suas coisas; e que esta boa terra da Guiné é de todos os Portugueses, sejam minhotos ou angolanos, fulas ou biafadas, caboverdeanos ou timorenses.

As dificuldades que estes trajectos nos apresentam variam muito, conforme se trata da época seca ou da época das chuvas; parece-nos até impossível, quando aqui chegamos, que as nossas viaturas se possam deslocar, em tal meio, durante as chuvas — mas este é outro ponto importante para que quero chamar a tua atenção, para que fiques com a ideia bem enraizada, que a Cavalaria não só vai a toda a parte, como

Revista da Cavalaria

até é sempre a primeira a chegar... Mas para isso, prepara a alma para perder muitas horas de actividade e para ensopar completamente as tuas roupas em suor sempre que, para livrares uma viatura, tenhas de abater árvores, abrir valões e mesmo improvisar troços de caminho, reforçar pontões, etc., para que a tua Tropa chegue ao seu destino nas horas designadas.

E para que não julgues que da minha parte há exagero, posso dizer-te que, ainda há dias, uma velha jangada, meio apodrecida, que apenas suportava as suas quatro toneladas (as viaturas comerciais tinham de descarregar para poderem passar), essa mesma jangada teve de suportar cargas de nada menos que oito toneladas!

Eu ainda tenho de tal maneira presente esse episódio que ainda não esqueci a enorme alegria de triunfo que sentimos, quando, após muitas horas de trabalho intensivo e de grande risco, a última auto-metralhadora atravessava suavemente o majestoso rio, perante os olhares ansiosos e estupefactos de todo o pessoal; mas não resisto à tentação de te contar a história, que aí vai.

Numa povoação, em princípios de Agosto, mês das chuvas mais intensas e persistentes — a situação na fronteira prestava-se a cuidados; em dada região já se haviam registado algumas violações — enfim, tu sabes disso, como toda a gente, pelo que disseram os jornais daí. Uma bela noite, já tarde, cerca da meia-noite, a Tropa é alertada e recebe ordem para sair para os centros comerciais da fronteira, já abandonados mas que, segundo informações colhidas, iam ser assaltados pelo inimigo. Para se chegar ao ponto de primeiro destino em tempo útil, ou teríamos de utilizar uma jangada que atravessa o rio, ou então uma picada que, em plena época das chuvas, é de passagem muito difícil e demorada, se não impossível; mas o facto é que a jangada, dizia-se, não suportava mais do que as quatro toneladas — o que nos obrigou a optar pela picada.

O que foi essa deslocação, sempre debaixo de uma chuva diluviana, é difícil de contar; lembra-te que uma picada não passa de uma porção de mato em que se abateram as árvores de maior porte, e se fez uma ligeira regularização do solo, cobrindo-o onde em onde com folhas de palmeira, pedras e ramagens; aqui o pavimento, além de irregular, era de lama, onde as viaturas se atascavam completamente — e foi só graças aos guinchos, e aos inauditos esforços de todos, que conseguimos chegar a tempo e horas, onde queríamos.

Lá estávamos, é certo... mas em que estado; e a picada tinha ficado absolutamente inutilizada. O esperado invasor não veio — e nós

Revista da Cavalaria

tivemos de regressar ao aquartelamento; o mesmo problema se punha, agora dificultado pela inutilização da picada: ou empregar a impotente jangada ou então ir dar uma volta, da ordem dos 250 quilómetros. E optou-se pela utilização da jangada!

O trabalho que isso exigiu de todos nós, que havia duas noites não dormíamos, foi a tal ponto violento, que dificilmente me esquecerei do episódio, por muitos anos que viva. Foi um dia inteiro metido dentro da água do rio, debaixo de uma chuva que não havia meio de parar



Reconhecimento apeado

— para se fixarem ao fundo da jangada, abaixo da linha de água, trinta e dois bidons de 200 litros, à força de braço de homem...

— Estou a adivinhar a tua pergunta, mas dou-te já a resposta; sim, pretendemos utilizar os guinchos das viaturas, para levantar uma das faces da jangada... mas, esta, de tão apodrecida, partiu toda a parte da frente, onde as correntes dos guinchos estavam fixadas; se continuássemos, acabaria por se escavar de todo. Por isso, todo o trabalho teve de ser feito a músculo! E foi trabalho que deu brado, esse do reforço da jangada...

Revista da Cavalaria

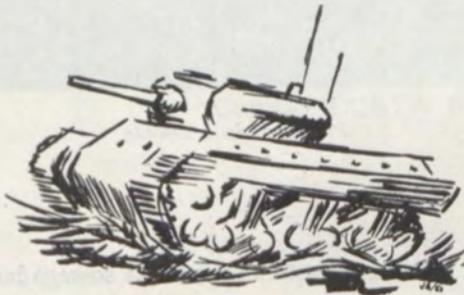
Meu caro,

A carta já vai longa e não te quero fazer perder a oportunidade que te espreita, de tomares, por ti próprio, contacto com estas coisas da Guiné, que exigem precisamente e sobretudo, aquela alma rija e duramente temperada, aquele «mordente», que tu tens.

Mas não queria deixar de te dizer duas palavras acerca dos nossos aquartelamentos, construídos em material pré-fabricado e com um lindo aspecto; verás que logo que desembarques na Província toda a gente te falará dos nossos quartéis como as melhores instalações — mas atende: se é a Tropa mais bem instalada, isso não é apenas devido à natureza e modernismo dos quartéis; muito se deve àqueles nossos cuidados especiais, trabalhos de arranjo de todos os momentos, bom-gosto e, muito especialmente, à verdadeira «panache» que incutimos ao nosso Soldado, para que tudo esteja sempre impecável, limpo, arrumado, brilhante, «à Cavalaria» — pois a Arma terá de ser sempre a mesma.

Faz tudo para, desde que daí embarques, criares no espírito dos teus Soldados e Graduados o amor a esta fama; e, sobretudo, para que se mantenha e consolide o que por aqui se diz — a Tropa da Cavalaria tem carros muito grandes... e aparece com eles em toda a parte!

Capitão PINTO CLARA



A Cavalaria em S. Tomé

Um punhado de homens da Polícia Militar encontra-se, a reforçar a vigilância da Soberania Nacional nesta Bela Ilha Verde.

A sua missão tem sido facilitada pela boa gente que aqui se encontra numa mistura de raças e cores, alheia à confusão dos grandes e das grandes ambições.



Patrulhando a cidade

Se um dia a paz e a tranquilidade destas sossegadas terras for alterada do exterior, pela cobiça desmedida de países sem história a reclamar para a sua soberania o direito de possuírem estas Ilhas, descobertas e povoadas por nós, prometemos-lhe uma recepção em tudo digna das velhas tradições guerreiras da nossa Arma.

Revista da Cavalaria



Vigiando as estradas e o mar

Capitão COSTA FERREIRA



A Cavalaria em Timor



lgueres, no Timor Português, está instalada a perto de mil metros de altitude, entre agrestes montanhas, a Unidade de Cavalaria mais destacada de todos os restantes Territórios Nacionais, a mais longínqua da Metrópole Portuguesa, a sentinela mais avançada nos Orientes.

Talvez ignorada da maioria da Arma, pena é que assim seja. A muito poucos tem sido dada a oportunidade de conhecer a Unidade que, no fim de contas, mais condições oferece para se viverem ainda hoje as grandes tradições da Cavalaria.

Senhora de uma missão táctica tão atraente como tipicamente cavaleira, esta Unidade mantém ainda o «nobre bruto» como meio indispensável para as difíceis deslocações através de todo o terreno, extremamente acidentado, de toda a Província — e até durante as épocas do ano em que as chuvas torrenciais quase paralisam o trânsito automóvel nas estradas que, em complicados torcicolos, serpenteiam o território.

Revista da Cavalaria

A Unidade destaca efectivos para guarnecer os Postos Militares de vigilância distribuídos pela centena de quilómetros de fronteira; estes Postos são permanentes e dispõem de instalações próprias. Tão delicado serviço está assim entregue a graduados timores comandando pequenos destacamentos, e agindo em perfeita colaboração com as Autoridades Administrativas.

Simultaneamente, a Unidade mantém constantemente operacional uma fracção a savalo, em actividade permanente e que percorre em



A «Casa da Cavalaria de Timor»

todos os sentidos toda a região raiana, levando às Populações a confiança da sua presença e permitindo que Oficiais, Graduados e Praças conheçam o terreno onde um dia poderão ter de actuar em campanha.

É precisamente durante estas deslocações que temos ocasião de admirar, apreciar e dar o devido valor às qualidades do famoso cavalo timorense — o simpático «cuda». Leal, firme, voluntarioso, de vista penetrante e sentido de orientação verdadeiramente notável, de uma sobriedade que excede todas as restrições, generoso até à última gota da sua resistência, o minúsculo bucéfalo, com seus seis palmos de agulha e seus cascos desferrados, mas seguros, verdadeira cruzada meio por meio, de cavalo e de cabra, leva-nos pelas veredas sinuosas da monta-

Revista da Cavalaria

nha, em equilíbrios de arrepiar sobre precipícios assombrosos, subindo e descendo declives inacreditáveis, de dia ou de noite, até aos mais recônditos lugares. E, verdadeiro cavalo de cavalaria, segue sempre animoso até aos limites da exaustão!!



Em parada

Além da parte operacional, cada graduado tem a sua tarefa distribuída para atender aos vários sectores da vida administrativa de uma Unidade independente, todos se empenhando com brio de modo a con-



Em marcha

Revista da Cavalaria

servar a alta reputação obtida por sucessivas distinções, que a têm considerado como a melhor Unidade da Guarnição timorense.

Extremamente cuidada, a instrução decorre normalmente, muito facilitada pela extraordinária boa vontade, jeito e notável dedicação do Soldado timor, para quem o «ser militar» está na massa do sangue, indelêvelmente gravado, arraigado na base da ancestralidade. A honra de «ser militar» tem, no português timorense, a sua verdadeira e mais real expressão, o seu mais alto significado; vive-a, sente-a no mais recôndito da sua alma.

E nas horas de folga e de saudade — temos sempre connosco o fiel «cuda», que, paciente, generosa e alegremente, vai dando o melhor do seu esforço no pequeno campo de obstáculos, ou nos conduz em digressão através desta estonteante paisagem timorense, sob a vigília imponente e serena do estranho Cailaco e do altaneiro Tata Mai-Lau (o avozinho dos montes), o ponto mais alto de Portugal, primeiro que o sol, em seu nascendo, vê primeiro!

Capitão ANDRADE E SILVA





Uma Unidade de Cavalaria no Oriente



Á já bastante tempo desembarcou no longínquo Oriente, o primeiro contingente de Tropas de Cavalaria vindas da Metrópole para constituir mais uma Unidade da Arma que, tem tido várias designações em harmonia com a sua missão principal. Constituída por Portugueses das mais variadas latitudes (da Lusitânia, da Índia, de Macau e de Timor), a Unidade abriga nos seus aquartelamentos uma sã camaradagem, que cimta centenas de espíritos alegres e joviais, irmanados no mesmo alto Ideal — corações portugueses ligados pelo maravilhoso orgulho que é honrar a Grande Bandeira Nacional. Pelas suas fileiras já passaram cerca de quatrocentos recrutas, naturais ou residentes em Macau; na valorização do Património Nacional, a instrução literária ministrada a esses homens permitiu distribuir já mais de cem diplomas de ensino primário; e a instrução técnica habilitou duzentos condutores-moto, mais de trezentos condutores auto-ligeiros e de quatrocentos condutores auto-pesados, com as respectivas cartas de condução.

Revista da Cavalaria

O Regimento de Dragões



Em parada

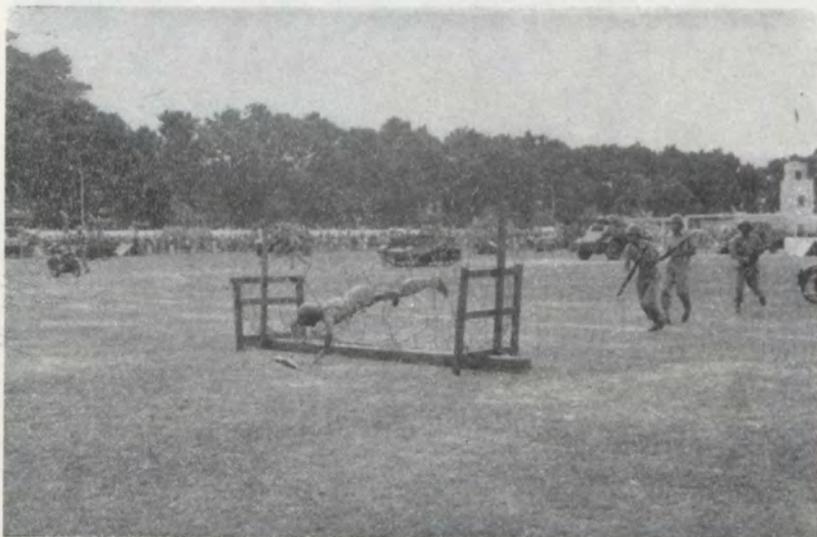


Em desfile

Revista da Cavalaria

Dentro da guarnição do território de Macau compete correntemente à Cavalaria o serviço de policiamento militar e a responsabilidade da constituição e funcionamento de um Centro de Instrução de Condução-Auto, que serve todas as Tropas do Comando Militar.

Dispondo de material da primitiva motorização da nossa Cavalaria de Reconhecimento, esta Cavalaria de Macau prepara-se simultânea-



Em instrução

mente para ocupar o seu lugar na actuação militar do Comando Militar Territorial Independente a que pertence, na sua importante e difícil missão de soberania neste admirável e estranho rincão do nosso extraordinário Portugal.

E concluído o seu serviço, orgulhosamente, os Soldados da Cavalaria de Macau regressam aos seus lares fazendo tremular nas suas mãos o honroso guião da sua Unidade e levando na alma a suave alegria do dever cumprido na digna tarefa da continuação da obra dos Gamas, dos Albuquerque e dos Mousinhos, dos Grandes deste Portugal sempre Eterno.

Capitão PALMA BARACHO



O Regimento de Dragões de Entre-Douro e Minho



o início de 1961, o Regimento de Cavalaria N.º 6 passou a constituir uma Unidade Operacional (reduzida), deixando de desempenhar as funções de Centro de Instrução. Assim, toda a actividade do Regimento foi orientada para a Instrução de Aperfeiçoamento do Quadro Permanente.

O aquartelamento dispõe de casernas espaçosas e higiénicas, com capacidade para cerca de oitocentos homens. O refeitório e as cozinhas, as instalações sanitárias, as salas de Praças e de Sargentos, as Messes, as arrecadações e as secretarias e todas as restantes dependências podem considerar-se modelares, instaladas em edifícios recentemente construídos e cujo custo ascendeu a uma meia dúzia de milhões de escudos — um bom Quartel, em suma.

Quanto a terrenos para instrução, a menos de cinco quilómetros de distância, existe uma ampla rede de estradas e caminhos municipais, de tráfego quase nulo, atravessando uma zona de densa vegetação e arborização, com óptimas condições para a instrução das Tropas de Reconhecimento e esplêndidos locais para exercícios de guerrilhas e de contra-guerrilha.

Se acrescentarmos a tais condições, a forma tradicional como a Unidade tinha vindo cumprindo, nos anos anteriores, as suas actividades de instrução, parecia mostrar-se conveniente que nela continuasse a funcionar um Centro de Instrução Especial. Dentro da orgânica atribuída, de Unidade Operacional, a missão do Regimento circunscreveu-se à manutenção em constante estado operacional das suas subunidades de Reconhecimento e à instrução normal das Praças pertencentes à Formação.

Para o cumprimento de tal missão, elaboraram-se os Programas de Instrução para Oficiais, Sargentos e Praças, incluindo neles as matérias fixadas nos planos vigentes (táctica, armamento, higiene tropical e

Revista da Cavalaria

primeiros socorros, transmissões, justiça e disciplina, topografia e fotografia aérea, trabalhos de campo, ginástica, desportos, etc.); a partir de meados do ano foram incluídas naqueles programas as actividades relativas à instrução de guerra subversiva.

Como coroamento do trabalho efectuado ao longo de cada semana, realizou-se um exercício semanal no campo, de Pelotão ou de Esqua-

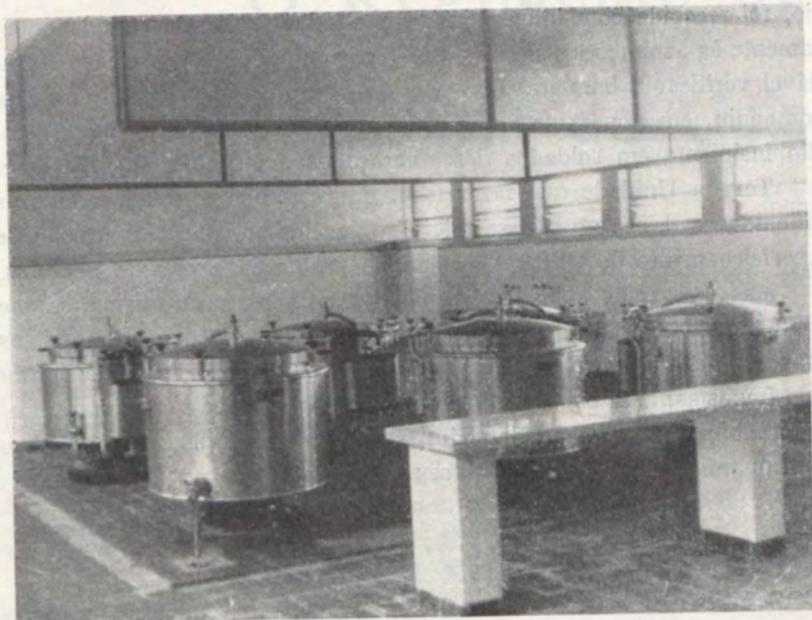


Sala dos Sargentos

drão, cuidadosamente precedido da necessária preparação, sobre a Carta e em caixa da areia; também se realizaram no campo numerosas demonstrações, na maior parte relativas à guerra-subversiva, seguidas de execução prática pelos instruendos, colhendo-se assim esplêndido rendimento.

Porém, a meio do ano, voltou a funcionar na Unidade um Centro de Instrução Especial de Atiradores-Exploradores (Condutores-Auto). A notícia da criação deste Centro, embora de funcionamento temporá-

Revista da Cavalaria



Cozinha das Praças



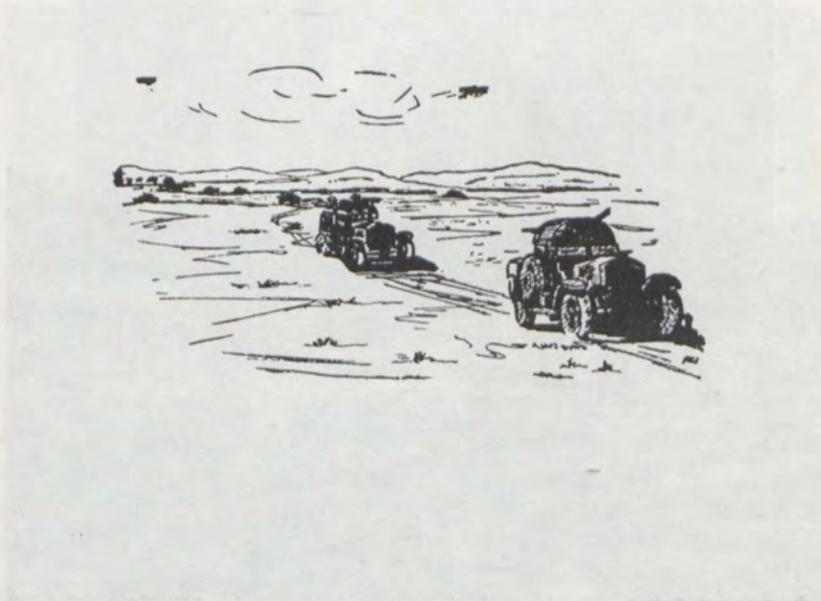
Num dos exercicios semanais

Revista da Cavalaria

rio, foi recebida com intenso júbilo por todos, pois correspondia inteiramente às aspirações e desejos do Regimento. Foi extremamente agradável verificar o bom trabalho por todos produzido, mercê do qual se conseguiu, em poucas semanas, transformar recrutas com uma instrução insipiente em soldados desembaraçados e aptos para o combate.

Teve a Unidade que fazer face, durante todo o ano, às diversas dificuldades, tanto no que se refere ao funcionamento da Instrução de Aperfeiçoamento do Quadro Permanente, como da Escola de Recrutas.

Mas, apesar de todas as dificuldades surgidas, pode afirmar-se que o Regimento de Cavalaria do Porto desempenhou, durante 1961, as suas missões de instrução, conjuntamente com as restantes que lhe foram impostas, com bom rendimento e elevada eficiência, mercê da boa-vontade e da dedicação de todos, que, sem excepção, compreendem bem quanto a Pátria precisa do seu esforço.





O Regimento de Cavalaria do Cais



lém das actividades gerais do serviço, administração e de instrução correntes, constantes dos planeamentos e programas previstos para o Ano de 1961, o Regimento de Cavalaria N.º 7, entre outras actividades de menor projecção, executou as seguintes tarefas especiais.

Em princípios de Março, a Unidade recebeu ordem para, dias depois, dar início a um Estágio de instrução de material Panhard, a receber então dos Depósitos. De recente aquisição no estrangeiro, este material era desconhecido no nosso País. Foi nomeado Director do Estágio um distinto Oficial do Serviço de Material que, depois de ter tomado conhecimento detalhado com o Material Panhard na própria fábrica, havia estagiado em Unidades Francesas com ele dotadas.

O Estágio, articulado em duas fases sucessivas foi frequentado por Oficiais, Sargentos e Cabos da própria Unidade, como também alguns Oficiais e Sargentos de outras Unidades.

Em princípios de Maio foi prestada homenagem de despedida a uma subunidade mandada constituir a fim de seguir para o Ultramar. Em formatura geral, perante o Estandarte do Regimento, dirigiram a palavra às Tropas o Comandante e um Oficial nomeado para o efeito.

Em meados de Junho realizou-se a cerimónia de despedida de nova subunidade, também mandada constituir no Regimento para actuar no Ultramar. Durante esta cerimónia foi descerrada, na antiga parada superior, uma lápida com a inscrição de «Parada Mongua», nova designação que lhe foi dada, tendo um oficial da Unidade proferido uma alocução sob o tema «Combate da Mongua».

Da mesma forma, esta cerimónia incluiu formatura geral no Regimento, com Estandarte, perante o qual o Comandante saudou as Tropas que iam partir.

Revista da Cavalaria

De novo em fins de Junho se realizou na Unidade uma cerimónia semelhante, desta vez para homenagear mais Subunidades que tinham sido constituídas no Regimento para serem destacadas para o Ultramar; simultâneamente procedeu-se ao descerramento da placa «Parada Chaimite» na parada principal do Aquartelamento, tendo um Oficial da Unidade proferido uma alocação sob o tema «Chaimite».

Depois da saudação às Tropas, feita pelo Comandante do Regimento, as Subunidades desfilaram em continência perante o Estandarte.

Em fins de Julho, o Regimento de Cavalaria do Cais prestou a mais entusiástica colaboração às Cerimónias comemorativas do «Dia da Cavalaria», organizadas pela Direcção da Arma, pondo na sua preparação, extremamente curta, o melhor da sua dedicação, mercê da qual o desfile militar teve o brilhantismo que ninguém então lhe negou.

No final de Agosto a Unidade realizou, junto da Costa, exercícios que incluíam a execução de fogos reais com Carros de Combate; estes exercícios constituíram um excelente treino de marcha, estacionamento, manutenção do material e tiro, para todo o pessoal, que teve ocasião de demonstrar a boa eficiência da sua preparação, merecendo honrosos elogios das Altas Entidades que nos honraram com a sua presença.





O REGIMENTO DOS CAVALEIROS DA BEIRA BAIXA



oi inicialmente determinado que, durante o ano de 1961, no Regimento de Cavalaria N.º 8 funcionaria um Centro de Instrução Especial de Carros de Combate M.24 e M.47 e, simultâneamente, manteria em estado operacional as suas Unidades orgânicas; posteriormente, atribuiu-se ainda aos CIE a cargo da Unidade a formação de Condutores-Auto, de Clarins e de Tratadores de Solípedes.

Estas tarefas de instrução seriam distribuídas pela Sede da Unidade e pelo seu Grupo de Carros de Combate, destacado em Santa Margarida.

Mas os inesperados acontecimentos do Norte da Província de Angola e a necessidade de manter a ordem e a paz públicas, com suas repercussões na deslocação de elementos militares para as regiões afectadas, e consequente preparação dos efectivos a destacar, obrigou a importantes alterações nos planos inicialmente previstos para as actividades do Regimento.

Assim, a Unidade recebeu a missão de preparar uma Subunidade, para intervenção no Ultramar, a qual, concluída a sua constituição, marchou ao seu destino. Antes de partir de Castelo Branco, recebeu, numa cerimónia simples mas bem significativa, na Parada do Aquartelamento, um precioso Guião oferecido pela Câmara Municipal de Castelo Branco.

A cerimónia foi presidida pelo Excelentíssimo Governador Civil do Distrito e a ela assistiram as autoridades locais e muito povo, sendo seguida da benção do Guião que teve lugar na Sé Catedral.

Ainda antes do seu embarque, o Regimento recebeu ordem para preparar novas Subunidades para actuação no Ultramar. Logo que se encontraram reunidos os elementos que haviam de constituir aquelas Unidades e respectivos Comandos iniciou-se a instrução, após a qual

Revista da Cavalaria

se verificou a partida de Castelo Branco, antecedida por uma cerimônia, semelhante à já descrita, da oferta de um artístico Guião mandado confeccionar pela Junta Distrital.

A Ordem de Serviço da Unidade publicou então, a seguinte saudação do Comando:

«Na hora em que ides partir, em honrosa missão de Soberania, saúdo o Comando e as tropas, organizadas neste Regimento e, na pessoa



As tropas em parada, depois da recepção do Guião

do seu distinto e valoroso Comandante, abraço a todos com a mais sincera amizade. Que todos Vós, Soldados de Cavalaria — Oficiais, Sargentos e Praças —, ide e regressai em paz são os primeiros votos do vosso Comandante, sinceramente confiado, porém, que se houver que combater sabereis cumprir sempre o vosso dever; e que, na terra onde brilhou a espada de Mousinho, continuareis a manter as nobres tradições da Cavalaria, mostrando bem alto que ainda se não abastardou o sangue dos Portugueses.»

Entretanto, apesar do intenso trabalho derivado da preparação daquelas Unidades destinadas ao Ultramar, os centros de Instrução Especial previstos mantiveram as suas obrigações de instrução, formando os especialistas que lhes estavam designados no quadro das incorporações realizadas durante 1961.

Revista da Cavalaria

Por seu lado, o Grupo de Carros de Combate destacado em Santa Margarida, além das suas obrigações previstas de formação de especialistas e de manutenção permanente das suas subunidades de Carros de Combate em estado operacional, ministrou instrução de adaptação e aperfeiçoamento de condução auto a algumas dezenas de Praças de outras Armas, destinadas também a constituir Unidades a destacar para o Ultramar.

Em princípios de Agosto, o Regimento recebeu ordem para incluir na instrução prevista para a terceira incorporação de recrutas, a preparação de especialistas de material Panhard para constituição de Unidades de Reconhecimento, também destinado ao Ultramar; esta preparação está já ultimada.

Além de todas aquelas actividades de instrução militar própria-mente dita, iniciou-se ainda a preparação de um exercício combinado, que devia realizar-se no mês de Julho, em cooperação com elementos SHAPE; posteriormente, foi mandada ficar sem efeito aquela previsão, em função da qual as Tropas da Unidade tinham feito uma preparação intensiva e muito cuidada.

O Regimento de Cavalaria de Castelo Branco concorreu aos Campeonatos Militares de Andebol-7 e ao Pentatlo Militar, em que obteve o honroso primeiro lugar, entre as catorze equipas concorrentes, alcançando ainda, na classificação individual, os 2.º e 3.º prémios.

Coronel DIAS HEITOR





G. D. C. C.

O Grupo Divisionário de Carros de Combate



nidade que, durante todo o Ano, se mantém operacional, a sua actividade orgânica e administrativa exige de todos os seus elementos, a par de um constante trabalho, de todos os dias, o desempenho de tarefas as mais variadas — em 1961 acrescidas excepcionalmente com os encargos de mobilização que lhe foram atribuídos. Embora o Grupo não tenha destacado nenhuma Unidade, orgânicamente constituída pelos seus meios, para o Ultramar, contribuiu, quer com pessoal, quer com material, para a organização de muitas das Tropas em actuação em terras ultramarinas, bastando dizer, para se dar uma ideia do valor do acréscimo de serviço, que acerca de tal matéria se expediram nada menos do que 3.890 documentos e foram recebidas 2.799 circulares, notas, ofícios, verbetes, etc. Verificaram-se, no decorrer do ano, nada menos do que 8.300 saídas de viaturas; as Oficinas de Manutenção executaram 1.300 trabalhos. Os seus Cofres movimentaram oito milhões e trezentos mil escudos.

Mas não são aquelas actividades, mas sim as de instrução o que se pretende aqui focar; e também, neste aspecto e em consequência das deslocações de tropas para o Ultramar, o Ano de 1961 foi um pouco diferente dos anteriores.

Com efeito, as flutuações frequentes dos Quadros não permitiram ao Comando imprimir à instrução todo o desenvolvimento desejado; havendo que satisfazer todas as muitas imposições relativas à formação de elementos destinados a outras Unidades e Ultramar, à preparação das Tropas para uma nova modalidade de combate — a Guerra Subversiva — e que dedicar especial cuidado à formação dos especialistas de Carros de Combate M.47, de que a Unidade é Centro de Instrução Especial, não foi possível atribuir à Instrução de Aperfeiçoamento do Quadro Permanente, nomeadamente na relativa a Oficiais e a Sargentos, o incremento que tanto se desejaría.

Revista da Cavalaria

Não quer isso dizer que se tivesse verificado um sensível desnivelamento de tal modalidade de instrução; cuidados programas, minuciosamente cumpridos, incluíram as matérias impostas nos Planos vigentes (Educação física, Instrução literária, Preparação técnica e tática, incluindo os diversos ramos habituais, o armamento e a topografia, o tiro e as transmissões, etc.; guerra subversiva, justiça e disciplina, palestras sobre diversos assuntos profissionais), distribuindo-as pelos vários Instruendos consoante as determinações superiores.



Os carros durante a execução do tiro real

As Escolas de Recrutas contaram com um total de cento e dez instruendos e ocuparam um total de trezentos e quarenta e um dias, nas especialidades relativas a Carros de Combate M.47; mas o Grupo foi também encarregado de ministrar instrução de adaptação e aperfeiçoamento de condução auto a pessoal de diversas Unidades, interessando oitenta e oito condutores-auto e totalizando cento e trinta e nove dias de instrução.

Funcionou no Grupo, com uma duração de um mês, um Estágio de Observação Aérea, frequentado por cinco Oficiais; e Pessoal do Grupo (três Oficiais e quatro Sargentos) foi mandado frequentar, no Centro de Instrução de Operações Especiais, um Estágio de Guerra Subversiva.

Logo no princípio do Ano, elementos do Grupo tomaram parte num exercício de Postos de Comando organizado no Campo de Ins-

Revista da Cavalaria

trução Militar de Santa Margarida, pelo Comando da Divisão SHAPE; Tropas do Grupo colaboraram e tomaram parte directa nos exercícios de campo da Academia Militar — e efectuaram demonstrações para os Cursos de Promoção a Oficial Superior e para o Curso Geral do Estado-Maior, do Instituto de Altos Estudos Militares.

Durante o Ano de 1961, o Grupo Divisionário de Carros de Combate tomou parte nas seguintes competições desportivas militares e alcançou os resultados que se indicam:

- Andebol de Sete (Praças):
 - Fase Regional — 1.º Classificado;
 - Fase Nacional — 1.º Classificado;
- Basquetebol (Praças):
 - Fase Regional — 2.º Classificado;
- Futebol (Praças):
 - Fase Regional — 2.º Classificado;
- Pentatlo Militar:
 - Fase Regional — 5.º Classificado.



Equipa vencedora do Campeonato Militar Nacional de Andebol de 7 (Praças)

Ten. - Coronel VASCO DA COSTA



Hippismo



SUMÁRIO

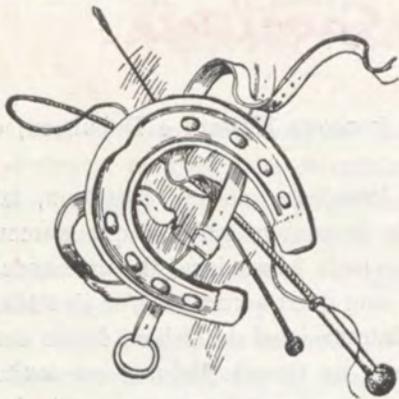
O Ano Hípico de 1961

J. M.

Galeria dos Campeões

Galeria dos Vencedores





O ANO HÍPICO DE 1961



eviver, nas páginas da nossa *Revista da Cavalaria*, toda uma época de concursos é um contributo particularmente agradável para quem viu nelas publicado, já lá vão doze anos, o seu primeiro artigo sobre estes empolgantes assuntos, a que tão intensamente se dedicou. E mesmo que seja para focar a época de 1961, que causas diversas vieram a prejudicar. Com efeito, durante a época sofreu o nosso País, e consequentemente o hipismo nacional, com os deploráveis acontecimentos de Angola. A saída para o Ultramar de muitos Oficiais que praticavam apaixonadamente o nosso desporto — alguns deles, além de praticantes, estando ligados a organizações equestres, onde eram elementos de grande valor; a forçada suspensão dos importantes certames de Évora, de Elvas, de Abrantes, de Mafra, de Guimarães, de Setúbal, do Barreiro e até da Curia, que pretendia reocupar o brilhante lugar em tempos ocupado — o que, bem visto, constitui mais de metade do nosso habitual calendário hípico; e outros factos, de somenos projecção, tais foram as causas da grande quebra verificada durante o Ano Hípico de 1961.

Este abriu com o *II Jumping de Lisboa*. Organização primorosa, a atestar o magnífico trabalho de «quem sabe bem o que quer e para onde vai»; no entanto, apesar de todos os esforços empenhados para trazer até nós as primeiras figuras mundiais, como Piero e Raimundo d'Inzeo, por exemplo (e chegou-se ao ponto de fazer transportar de avião as respectivas montadas), a Comissão Organizadora não con-

Revista da Cavalaria

seguiu mais do que a presença dos franceses Moizard e Dubuisson, e do espanhol Camps.

O II Jumping, com sucessivas lotações esgotadas, constituiu, tal como o I, uma autêntica consagração do «nobre bruto» — que marcou decisivamente o seu alto valor como meio educacional da juventude.

Foi o Capitão Netto d'Almeida, com o extraordinário *Joc de l'Ille*, o grande triunfador do II Jumping Internacional de Lisboa, depois das suas magníficas vitórias na Potência e no Grande Prémio; em muito bom plano, o Tenente Moura dos Santos, no seu *Camisungo*, ganhador da primeira prova. O Capitão Duarte Silva, o Capitão Semedo de Albuquerque e o Aspirante Vasco Ramires, realizaram um conjunto de resultados notáveis.

Especial interesse tem, para a *Revista da Cavalaria*, recordar aqui a curiosa «Evolução da Equitação de Obstáculos em Portugal», apresentada no Jumping; ao evocarem-se os percursores da nossa ilustre equitação de obstáculos — na sua grande maioria distintos Oficiais da Cavalaria —, procurou-se trazer essa ínclita elite até junto dos apaixonados hodiernos da nobre arte da equitação, muitos dos quais ainda não tinham nascido quando já os «grandes» ensaiavam novos processos, douravam os pergaminhos nacionais com os mais honrosos triunfos de todo o desporto português em terras estrangeiras e, sobretudo, deitavam generosamente na tradição a semente que fez brotar a pleiade, não menos brilhante, dos «novos» e, até, da «nova vaga», que serão os de amanhã. Ao homenagear esses nomes inesquecíveis, as novas gerações testemunharam a profunda afeição que por eles sentem, procuraram liquidar uma dívida de gratidão que para com eles existe — e vincularam-se a manter o «sagrado fogo» e a lutar por um Hipismo melhor.

A *Semana Equestre Militar* teve lugar já em fins de Abril e estamos plenamente convencidos que haveria a maior vantagem em a fazer mesmo em Maio, mais próximo do grande Concurso, exactamente pelas vantagens da preparação das montadas para a nossa maior Prova e, também, por uma menor subordinação às «águas mil» daquele mês.

No «Concurso Hípico» e no lote dos debutantes sobressairam *Douro*, *Damão* e *Dragão* ao qual, caso a saúde não o traia, deve de estar reservado brilhante palmarés; também *Labrador* agradou sobreforma, pois possui a estampa e a fibra do verdadeiro concursista; mas as honras principais foram merecidamente para *Hula-Hoop* e para o simpático *Full-Cry*, o primeiro muito bem posto e conduzido; o segundo verdadeiramente aproveitado de maneira superior e formando, com o seu

Revista da Cavalaria

actual cavaleiro, um conjunto perfeitamente harmónico. O «Grande-Prémio», para este lote de cavalos, resultou numa brilhante vitória de *Liffey-Bank*, a atestar a grande melhoria de tão difícil irlandês de raça.

Nas provas de «Seleção», marcou sem dúvida uma bela posição *Jeune France*, que esteve em grande plano, seguido de perto pelo soberbo *Joc de l'Ille*.

No «Ensino», os famosos *Tamariz* e *Greek-Warrior* triunfaram brilhantemente aquele na «St. Georges», este no «Grand-Prix»; finalmente, o Capitão Duarte Silva, no seu *Jeune France* arrebatou o «Prémio Conde d'Avranches» — justificado orgulho, por representar, em suma, o mais profundo anseio do verdadeiro Cavaleiro.

O *Campeonato Equestre Militar*, digno continuador do antigo e muito valoroso Campeonato do Cavalo de Guerra, foi, em 1961, corrido sob condições duríssimas; quando o primeiro concorrente iniciou a sua prova de fundo começou a chover torrencialmente — chuva que se manteve ininterrupta, e por vezes verdadeiramente diluviana, até à entrada final do último concorrente! Cerca de duas horas consecutivas a trotar, a galopar e a saltar, contra-relógio, em tais condições, valoriza o generoso esforço dos que disputaram a vitória, que coube aos valentes *Núcleo* (c/sangue inglês), *Nizar* (s/sangue inglês) e *Soberbo* (debutante). Mas, honras especiais merecem todos aqueles que participaram na pugna.

O *Concurso Hípico Internacional de Lisboa*, a nossa Grande Prova, embora festejasse suas auspiciosas Bodas de Ouro, não teve — pelas razões de ordem geral de início mencionadas — o especial luzimento que a prestimosa Direcção da Sociedade Hípica Portuguesa desejava emprestar-lhe; apesar de tudo, dois fortes cavaleiros alemães, uma simpática amazona francesa e uma fortíssima equipa espanhola concorreram para animar, durante uma semana, o «amputado» campo do Jockey Clube.

Aqui se seguiu, apaixonadamente, a bela e leal disputa para destronar Pepe Bohorques — que vindo de Marselha, de Nice e de Paris, com mais de uma dúzia de primeiros prémios, manteve em Lisboa, por forma notabilíssima a sua honrosa posição (pelo menos durante a primeira parte do certame), pois esteve «imbatível» com o seu formidável *Descosido*.

Mas os «grandes minutos» do Concurso Hípico Internacional de Lisboa, de 1961, foram sem dúvida as disputas da «Potência» e do

Revista da Cavalaria

«Grande-Prémio», de que saíram vencedores, respectivamente, os gigantes *Rovuma II* e *Konak* — o primeiro, já bem conhecido, marcando a sua posição com aqueles dois formidáveis pulos de um Oxer com $1,50 \times 1,70 \times 1,70$ e de um Muro com $1,85$; o segundo, cujo nome se ilustra, pela primeira vez, na lista dos vencedores da mais cotada prova equestre portuguesa.

Muito se falou — e quando se fala muito, fala-se de mais — da perda, por um simples toque, da fidalga *Taça de Ouro da Península*, depois de oito anos de vitórias ininterruptas; mas se se olhar à incrível adversidade que prejudicou, na pista, dois dos nossos mais categorizados representantes, ter-se-á noção do justo valor que a perda por um simples toque representa, no conjunto da prova. Vinte dias mais tarde, na célebre *Taça das Nações de Aix-la-Chapelle*, frente a onze equipas das quinze, completas, que ali estavam, a mesma equipa portuguesa conseguiu um brilhante quarto lugar, só tendo sido ultrapassada pelas três maiores potências hípcas — a Alemanha, a Itália e a Inglaterra! Talvez que daqui se possa concluir alguma coisa de útil e de verdadeiro; e de altamente honroso...

A semelhança do que, nos anos anteriores, vinha fazendo, a Sociedade Hípica Portuguesa levou a efeito mais uma interessante prova, só para cavalos nacionais — medida de duplo aspecto, desportivo e económico — destinada a fomentar a cria, o comércio e a utilização do solípede português; e, quebrando a rotina, foi organizá-la em pleno coração do Ribatejo, na simpática Vila Franca de Xira.

O *Concurso Hípico Nacional de Vila Franca*, cuja organização especial, como se compreende, tantos trabalhos e canseiras dera, veio a ser extremamente prejudicado por factores imprevisíveis, desde as enormes trovoadas dos fins de Junho e das grandes chuvadas que as acompanharam, até à simples falta de energia eléctrica nos últimos momentos...

Em lugar de destaque, o Tenente Carlos Campos que, montando superiormente o elegante *Dançarino*, culminou a sua brilhante actuação ao ganhar o «Grande Prémio» do Concurso.

O *Concurso Hípico da Caparica* voltou este ano a realizar-se, depois do sucesso alcançado em 1960; organização perfeita, campo muitíssimo cuidado, obstáculos diferentes do habitual, traçados sui generis, etc. — elementos novos, que fazem sempre muita falta para se completar o trabalho de ensino e preparação das montadas. Só ali fez falta um

Revista da Cavalaria

campo de aquecimento com melhores condições, mas há que reconhecer as dificuldades que isso comporta, desde o piso, que não ajuda, de forma alguma.

No primeiro dia de provas, o Tenente Brito da Cruz triunfa nos «Debutantes sem handicap», enquanto que nos «Debutantes com handicap» — cujo percurso incluía um curioso triplo: uma ria de varas com 1,80 de largo, em sandwich entre dois verticais, a nove metros do de entrada e a oito metros do de saída — o merecido vencedor foi o irlandês *Liffey-Bank*, que bateu ao cronómetro *Transmontano*.

A «Caça», com que abriu o segundo dia de provas, apresentou-nos um difícil percurso, a exigir grande rapidez e manejabilidade.

O «Grande-Prémio» foi disputado no estilo «potência», sobre um monumental Oppendish (o qual, salvo erro de memória, chegou a ir a 1,80!) e um Muro, que atingiu o 1,75; na última barrage, *Selta e Passapé* lutaram denodadamente, vindo a triunfar este generoso nacional — o que grangeou ao Tenente Pimenta da Gama, um dos dedicados organizadores, um duplo prémio ao seu trabalho e ao seu valor.

A Comissão Organizadora do *Concurso Hípico da Ericeira*, integrada no movimento nacional, fez reverter todas as suas verbas e receitas para as vítimas dos acontecimentos de Angola, limitando-se a entregar prémios simbólicos aos cinco primeiros classificados em cada Prova. Honra lhe seja feita pela iniciativa, coroada do maior êxito: o público encheu literalmente as bancadas e os concorrentes apareceram em quantidade récord.

Nos cavalos debutantes, a vitória foi para *Trovador*; nos cavalos sem handicap, *Malabar* bateu todos os outros ao cronómetro; nas restantes provas, a nossa modesta «coudelaria» repetiu a performance de 1958, vencendo *Liffey-Bank*, a «Omnium»; *Núcleo*, a «Caça»; e *Tamariz*, o «Grande-Prémio»!

A linda Sintra, fez mais uma cuidada edição do seu *Concurso Hípico*. E deve dizer-se, logo de princípio que, se é certo que há aspectos, na sua organização, que mereciam ser revistos, mormente o problema do campo de aquecimento e o das almejadas e raras taças, também não é menos certo que, apesar de todas as mil e uma dificuldades existentes, apesar de se não verem acarinhados e apoiados nem tampouco pelos seus conterrâneos, os incansáveis organizadores não quebraram! Honras lhes cabem...

Revista da Cavalaria

A primeira parte do Concurso foi reservada a animais sem handicap, que correram sobre percursos talvez excessivamente fortes, nos quais os cavalos menos concursados estiveram pouco à vontade, como se compreende; nestas provas, merece especial referência *Novelista*, de boa estampa. No entanto, *Lord Robert*, *Trovador* e a *parelha* do Capitão Albuquerque, *Vate* e *Clinty*, chamaram sobre si as melhores atenções mesmo para além dos primeiros.

As provas para cavalos com handicap tiveram em *Martingil*, vencedor simultâneo do «Grande-Prémio» e da «Potência», o grande triunfador; merecem ainda uma palavra *Tamariz* e *Sado*, que fizeram um concurso a convencer!

Mantendo a superior linha de conduta que há cerca de dez anos vem traçando, em honrosa órbita, o *Concurso Hípico das Pedras Salgadas* reuniu aos cavaleiros portugueses um notável e bem seleccionado grupo de «jinetes» espanhóis — que serviram de valioso pano de fundo às excelentes actuações do Major Fernando Cavaleiro, figura primeira do Certame, o qual, com *Celta*, *Transmontano* e *Minerva* foi o grande triunfador do ano, mantendo-se assim, até neste aspecto, a interessante tradição: em cada época, tem havido uma figura destacada que «açambarca» a grande maioria dos primeiros prémio!

Em muito bom plano se apresentaram os Tenentes Carlos Campos e Brito da Cruz; e *Marto* continuou igual a si próprio no «Grande Prémio», que arrebatou de forma verdadeiramente espectacular.

Na sua segunda edição, apareceu em 1961 o *Concurso Hípico de Lamego*, com um êxito em tudo semelhante ao alcançado no ano anterior.

Muito embora o lote de concorrentes não fosse numeroso, as provas decorreram na verdade no maior entusiasmo e expectativa, quer pelo equilíbrio dos valores em campo, quer ainda pelos percursos extremamente curiosos, que foram impostos.

Os Capitães Sabbo e Albuquerque realizaram magníficas exibições, com justo relevo para o cavaleiro de *Rebelde* — que culminou a sua actuação com uma brilhante vitória no delicado «Grande Prémio».

Cascais apresenta cada vez mais vistoso e arranjado o seu excepcional hipódromo; a «afficion» de fibra de Manuel Possolo é um facto evidente (até já publicamente reconhecido por Sua Excelência e Presidente da República) — e pena é que não seja canalizada de melhor

Revista da Cavalaria

forma pois o programa organizado para o *Concurso Hípico de Cascais* não foi o que, tècnicamente, mais pode interessar a cada uma das partes intervenientes — à Organização, à Assistência e aos Concorrentes.

Com efeito, não é de facto razoável que sistematicamente se corram todas as provas por handicaps, subordinando aos mesmos traçados, às mesmas voltas, aos mesmos compostos, numa palavra, às mesmas dificuldades, o cavalinho novato, a fazer-se, e o valentão, com mais anos de pista do que o outro de idade!

Na primeira parte do Concurso, o Major Fernando Cavaleiro e o Capitão Leopoldo Severo foram as grandes figuras e atestaram o seu indiscutível ascendente nas provas médias, ao cronómetro.

No entanto, as duas principais provas disputadas, o «Grande Prémio» e a «Potência», constituíram duas grandes vitórias para o não menos grande *Konak*.

A época fechou com o *Concurso Hípico da Figueira da Foz* que de novo chamou a si a realização do Campeonato de Portugal.

No concurso, em suas provas, mais uma vez o Major Fernando Cavaleiro conseguiu pôr em evidência a magnífica forma de *Minerva*, verdadeiramente imbatível ao cronómetro.

O *Campeonato de Portugal* foi disputado por onze concorrentes e teve muito especial interesse por haver um nivelamento geral de valores, sendo assim muito difícil prever finalistas. E assim aconteceu na realidade, talvez com excepção para *Joc de l'Ille* e para *Clinty* (este, a grande revelação do Campeonato), os quais de prova para prova se foram assegurando dos dois primeiros lugares e garantindo, com larga margem, a sua presença na finalíssima; os outros dois apurados foram *Granadeiro* e *Liffey-Bank*, que a isso criaram jus na disputa do «Grande Prémio», ocorrida sob violenta chuvada, que durante duas horas caiu sem interrupção, por vezes torrencialmente.

A «Finalíssima» evidenciou, uma vez mais, a magnífica faculdade que o Capitão Netto de Almeida possui de «montar bem» qualquer tipo de cavalo, dom que lhe permitiu alcançar o seu terceiro título de Campeão Nacional. Os outros cavaleiros classificaram-se consoante se conseguiram «haver» com o difícil *Joc de l'Ille*, que de percurso para percurso se sublimou — assim, a nós coube-nos o lugar de Vice-Campeão e também pela terceira vez; no posto seguinte, classificou-se o Capitão Semedo de Albuquerque; e em quarto finalista ficou o Capitão Cra-veiro Lopes.

Revista da Cavalaria

Estamos neste limiar de 1962, neste interregno mais ou menos longo do inverno, em que serão distribuídos novos cavalos, experimentados e trabalhados novos conjuntos, em que se cimentam novas esperanças, que as realidades virão depois confirmar ou esvair em fumo — a nós, Cavaleiros que ainda nos encontramos na Metrópole, cabe-nos a larga responsabilidade do futuro do nosso Hipismo.

Lá longe, na defesa dos sagrados direitos da Pátria, no cumprimento da mais alta e da mais nobre missão, encontram-se Cavaleiros que têm os olhos postos em nós, e que de nós esperam...

Na realidade, o Hipismo Português, que as lutas e sacrifícios de tantos, durante mais de meio século, guindou ao primeiríssimo plano das nossas representações internacionais e olímpicas, merece e exige...

Merece que o Ministério do Exército, que para com ele tem tido um carinho que nunca é demais enaltecer — mas o qual, na boa verdade dos factos, se tem sempre sabido merecer, e se tem justificado — lhe confirme o apoio que hoje, mais do que noutras ocasiões, lhe é indispensável; qualquer quebra de continuidade resultará num vácuo, de que muito dificilmente se poderá vir a sair. Mais de meio século de inolvidáveis honrarias para Portugal clama justiça...

E merece que todos nós, os que ainda montamos a cavalo, nos «demos» inteiramente a essa gloriosa tarefa de continuar...

Capitão JORGE MATHIAS



GALERIA DOS CAMPEÕES

(Campeonato de Portugal da Figueira da Foz)



1.º classificado

**Capitão Eduardo Vaz Netto
de Almeida**



2.º classificado

**Capitão Jorge Eduardo Rodrigues
y Tenorio Correia Mathias**



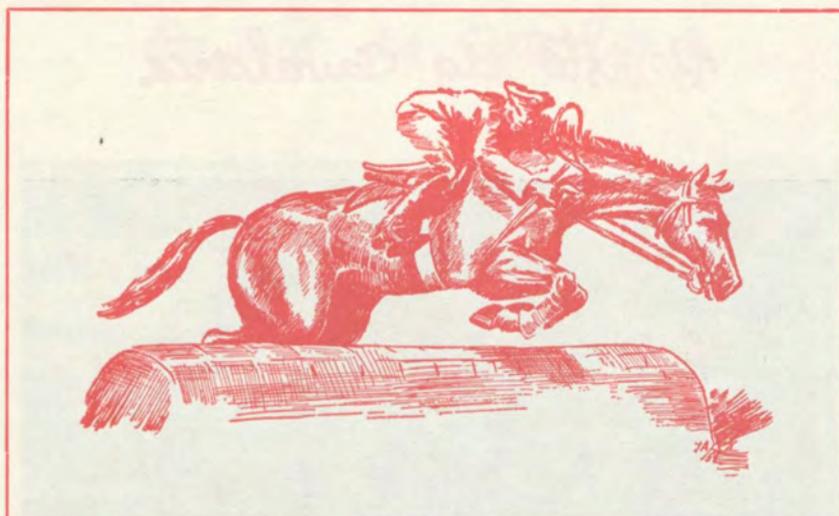
3.º classificado

**Capitão Juvenal Aníbal Semedo
de Albuquerque**



4.º classificado

**Capitão João Carlos Craveiro
Lopes**



Galeria dos Vencedores

Certames	Cavaleiros	Cavalos
II Jumping Inter. de Lisboa	Cap. Netto d'Almeida	<i>Joc de l'Ille</i>
Campeonato Equestre Militar ...	Cap. Jorge Mathias	<i>Núcleo</i>
Concurso Militar (Prémio Conde d'Avranches)	Cap. Duarte Silva	<i>Jeune France</i>
C. H. Internacional de Lisboa ...	Maj. Henrique Callado	<i>Konack</i>
C. H. de Vila Franca de Xira ...	Ten. Carlos Campos	<i>Dançarino</i>
C. H. da Costa da Caparica	Ten. Pimenta da Gama	<i>Passapé</i>
C. H. da Ericeira	Cap. Jorge Mathias	<i>Tamariz</i>
C. H. de Sintra	Maj. Henrique Callado	<i>Martingil</i>
C. H. das Pedras Salgadas	Cor. Machado Faria	<i>Marto</i>
C. H. de Cascais	Maj. Henrique Callado	<i>Konack</i>
C. H. de Lamego	Cap. Álvaro Sabbo	<i>Rebelde</i>
C. H. da Figueira da Foz	Cap. Semedo Albuquerque	<i>Clintty</i>

Revista da Cavalaria



*Capitão Netto de Almeida, com Joc de l'Ille,
vencedores do II Jumping de Lisboa*

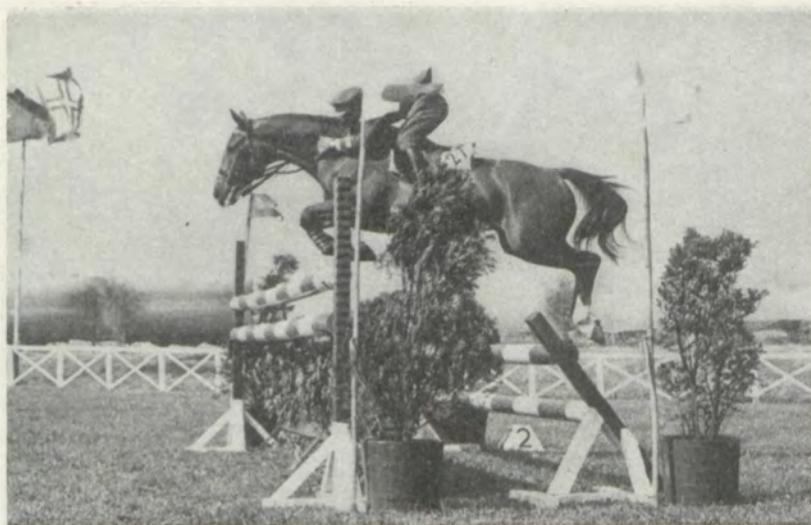


*Capitão Jorge Mathias, com Núcleo,
vencedores do Campeonato Equestre Militar*

Revista da Cavalaria



Capitão Joaquim Miguel Duarte Silva, com Jeune France, vencedores do Prémio «Conde de Avranches» do Concurso Militar de Mafra

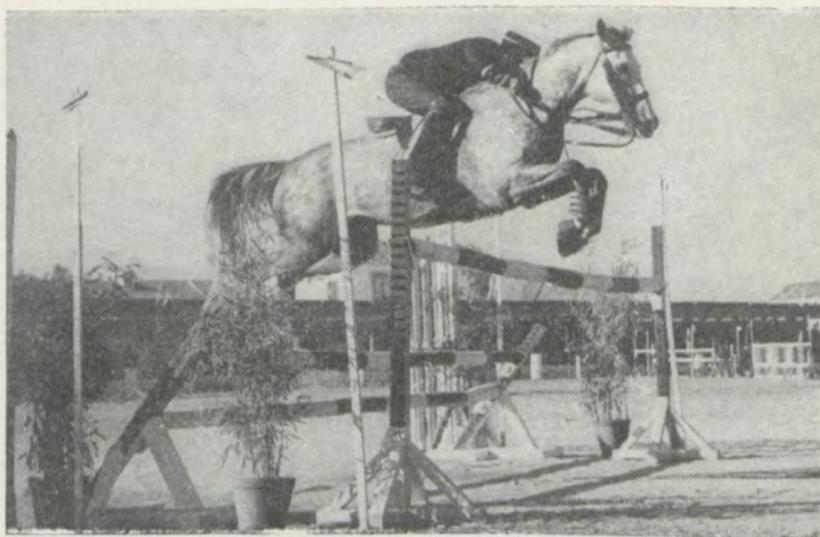


Major Henrique Callado, com Konack, vencedores dos Grandes Prémios do C. H. I. de Lisboa e do C. H. de Cascais

Revista da Cavalaria



Tenente Carlos Campos, com Dançarino, vencedores do C. H. de Vila Franca de Xira



Tenente Pimenta da Gama, com Passapé, vencedores do C. H. da Costa da Caparica

Revista da Cavalaria



Capitão Jorge Mathias, com Tamariz, vencedores do C. H. da Ericeira



*Major Henrique Callado, com Martingil,
vencedores do C. H. de Sintra*

Revista da Cavalaria



Coronel Machado Faria, com Marto, vencedores do C. H. das Pedras Salgadas



Capitão Alvaro Sabbo, com Rebelde, vencedores do C. H. de Lamégo

Revista da Cavalaria



Capitão Semeão de Albuquerque, vencedor do Concurso Hípico da Figueira da Foz (na fotografia montando Febus)



Handwritten text at the top of the page, possibly a title or header, which is mostly illegible due to fading.

